

1932 - XXI - XXII

1932 - 21 e 22

16

REVISTA DO CENTRO MATO-GROSSENSE DE
LETRAS

ANO: 1932 – ANO: XI - Nº 21-22

Revista do Centro

Mattogrossense de Letras

SUMMARIO

Sessão de recepção em 20 de Fevereiro de 1932:

- I — Discurso de posse — pelo socio *Leonidas de Mattos*
 II — Discurso de recepção — pelo socio *Francisco Mendes*
 SONETOS — *D. Aquino Corrêa*
 Do "OUTONO" — *José de Mesquita*
 Na instalação do "Instituto Filológico Matogrossense" — Discurso — *Nilo Póvoas*
 Nossos poetas á luz da psychanalyse — *Olegario de Barros*
 Um quadro — Sonata ao luar — Restauração — poesias — *D. Maria de Ar-ruda Müller*
 Minha mãe — Bem Secreto — Maldição — sonetos — *Octavio Cunha*
 A lua — Rythmos novos — versos — *Franklin Cassiano*
 Solidão — soneto — *Lamartine Mendes*
 D. Malan — *V. Corrêa Filho*
 Considerações sobre o estudo da lingua — I e II — *Severino de Queiroz*
 A retirada da Laguna — poema — *A. Tolentino de Almeida*
 A ultima luminaria — conto — *José de Mesquita*
 Scenas esquecidas — *Arnaldo Seira*
 Vilancete — *Ulysses Cuiabano*
 Das "Horas Vagas" — versos — *J. Bonifacio de Albuquerque*

Paginas dos Mestres :

A almanjarra de Braz Cubas — *Alberto Rangel*

Paginas contemporaneas:

Uma festa da intelligencia e da amizade

Paginas esquecidas:

Elegia — *João Nunes da Cunha*

Paginas dos novos:

Caminho das bandeiras — *Clodoviro Bastos*

Relatorio do anno social 1930-1931

Actas das sessões do "Centro"

Bibliographia

Publicações recebidas

SESSÃO DE RECEPÇÃO

EM

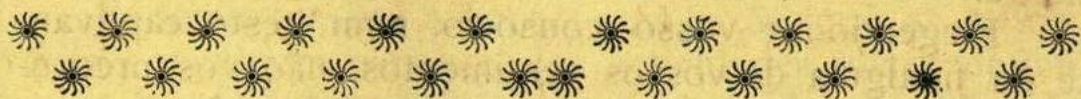
20 de Fevereiro de 1932

I

DISCURSO DE POSSE

pelo socio

Leonidas de Mattos



Exmas. Senhoras e Senhores.

Meus caros Conjrades.

CREIO ter sido Paul Brulat, eminente escriptor contemporaneo, quem primeiro assignalou na existencia do homem o perpassar de certas emoções que o coração deve guardar avaramente, á semelhança daquelles sarcóphagos antigos, que ainda encerram com ciúme, os corpos que se conservaram intactos através a marcha avassalante do tempo.

Si a gratidão me não trái, presados confrades, a esse numero deve, sem duvida, pertencer a emoção intensa que experimento n'est'hora, nesta festividade e neste instante em que as mãos de arminho de vossa generosidade me abrem de par em par as portas magnificas de vosso cenaculo, fazendo-me entrevêr, com a distincção immerecida, o prazer do convivio espiritual de tão brilhante pleiade patricia, a qual de ha annos atraz, reconfortada pelos applausos de muitos ou vencendo as indifferenças de poucos, para maior honra e gloria da nossa Cuiabá bicentenaria, vem soerguendo, intrepida e galharda, o sceptro de sua primasia como o maior centro intellectual do Estado.

Isto só bastaria para render-me, desvanecido, á espontaneidade de vossas sympathias, si motivos outros não estivessem ahi a attestar a subida honra em que me envolve a vossa illustre companhia, tornando-me assim submisso aos caprichos seductores da vossa preferencia.

Certo não cabia a mim a honra de tamanha investidura.

Elegendo-me vosso consocio, num gésto captivante da fidalguia de vossos sentimentos, não vos preocupou certamente o balanço exacto dos insignificantes meritos que, por ventura, possúo, mas tão somente o desejo de premiardes a um confrade obscuro, em quem a desvalia de outras qualidades se compensa pela perseverança com que desde as primicias de sua juventude, através as rudes batalhas da vida, se manteve nas fileiras em que se alistara entre os que amam e cultivam as bôas letras, muitos dos quaes hoje em pleno fastigio de justas e explendentes consagrações literarias, pelo esforço consciente, enfim, de bem servir a terra commum, sem desfallecimentos nem temores, mas com aquella coragem de que nos fallava o pensador genial, de "marcher avec la vie qui ne s'arrête jamais, et plus nos pieds baignent dans la fange, plus grands doivent être nos efforts pour elever notre esprit vers l'ideal."

Só assim compreendo a espontanea demonstração de vossa generosidade e de vosso apreço, recebendo-me em vosso Centro de letras, entre cujas finalidades primaciaes se inclúe a de diffundir com sinceridade e afinco o gosto e o devotado amor pelas bôas letras, com o aperfeiçoamento cada vez mais accentuado do nivel dos sentimentos estheticos da collectividade a que pertencemos, elevando assim o grao de cultura intellectual da generosa terra mattogrossense.

De outra tarefa mais nobre não sei que tão pértio possa tocar o coração do homem verdadeiramente amante da gléba que lhe serviu de berço.

Passam-se os annos, succedem-se as gerações, mas quando um dia o investigador paciente quer aferir com certeza do gráo de desenvolvimento cultural de uma nação, ou de um povo, é ainda na sua litteratura, nas paginas immorredoiras dos cultores de suas letras,

nas suas varias modalidades, que vae encontrar subsídios precisos para a formação de um juizo seguro.

Podemos assim afirmar, com razão, que as lettras ainda constituem o indice das actividades vitaes de um povo, e que a literatura ainda é o melhor espelho de sua cultura e de sua grandeza.

Ahi estão para comprovar o asserto de nossa affirmativa a vida e a óbra de um homem de lettras, ligadas indissolavelmente á propria historia da terra natal, ao esplendor ou ao infortunio de seus fundadores, ás suas provações ou ás suas glorias, n'um cyclo remoto, mas sobretudo épico de sua existencia e no qual resplende, em toda a sua plenitude, a energia indomita da raça.

Quero referir-me a José Barbosa de Sá, mui justamente cognominado o primeiro chronista cuiabano e patrono da cadeira numero 11 do vosso Centro de Lettras a qual hoje tenho a honra immerecida de ocupar.

Atravéz de sua óbra paciente é que podemos reconstituir todo um periodo da agitada fundação da terra cuiabana, recompondo os scenarios rudes e por vezes avassalantes dentro dos quaes se agitaram, sonharam e soffreram os nossos maiores.

Culminava a phase épica das conquistas
"Bruta a patria, no berço, entre as selvas dormia, no virginal pudor das primitivas éras, mal comprehendendo o aneio do mundo por nascer que trazia no seio" como cantava a musa harmoniosa de Bilac, offerencia as primicias de sua virgindade aos violadores de sertões invios, á penetração das bandeiras gloriosas, que iam á cata do oiro e dos indios.

Emquanto a raça audaz e forte fundava povoações, fazia germinar as colheitas e se entregava, quasi que exclusivamente, á dura faina da mineração, aqui e ali rarissimos davam-se ao trabalho paciente de registrar os acontecimentos que se succediam, legando á posteridade com os seus manuscriptos, um attestado, li-

geiro siquer, da relativa cultura intellectual da época.

Entre estes, sem duvida, avulta aos olhos de quem se preocupa com as lettras mattogrossenses, o licenciado José Barbosa de Sá, de cujo logar de nascimento eu não conheço referencia alguma, mas que aportando a Cuiabá, logo após a sua fundação e onde exerceu a advocacia, registrou em chronicas de estylo chão, porém atrahente, as sucessivas etapas de sua crescente civilisação até 1776.

Entre as suas obras se conta: os Annaes do Senado e da Camara até 1765; relatorio sobre as missões hespanholas no valle do Guaporé (data de 1745); uma relação das povoações de Cuiabá e Matto-Grosso, desde os seus principios até os tempos presentes (datada de 1775); dialogos geographicos, chronologicos, politicos e naturaes, escriptos nesta villa real do senhor Bom Jesus de Cuiabá — 1769.

A obra de Barbosa, portanto, não pode deixar de espelhar uma phase da evolução de nosso povo e dahi com razão affirmar, Virgilio Corrêa Filho, ser na mesma que devem abeberar-se todos aquelles que pretendem estudar o desenvolvimento de Matto-Grosso em sua primeira phase, accentuando ainda não ter sido de pequena monta a acção de Barboza de Sá entre os seus contemporaneos, dos quaes haveria de extremar-se pela sua maior cultura e boas lettras.

Bem andastes, por certo, meus caros confrades, fazendo figurar Barbosa de Sá entre os nunes tutelares do vosso centro de lettras e eu me sinto sobremaneira desvanecido por nelle ingressar sob o patrocínio espiritual do primeiro chronista de Cuiabá, de quem luctando, sofrendo, gemendo ou cantando com os primeiros povoadores da terra natal, soube recolher-lhe as alegrias e as dores, as provações e as glorias com as quaes a posteridade pode tecer a corôa immortal que resplende sobre a memoria imperecivel da raça maternal e creadora.

II

DISCURSO DE RECEPÇÃO,

pelo socio

Francisco Mendes



Exmo. Sr. Desembargador Presidente do Centro Matogrossense de Letras !

Exmas. Senhoras !

Exmos. Senhores !

Exm^o. Sr. Dr. Leonidas de Mattos

Grande por certo foi a emoção que senti, ao receber a incumbencia tão grata quanto honrosa, a mim imposta pela nossa Academia Matogrossense de Letras, para em seu nome responder ao vosso magistral discurso de recepção neste sodalicio.

Andou bem na escolha do seu interprete, o Centro Matogrossense de Letras.

Não faltaria entre os seus componentes quem, com elegancia de phrases, com eloquencia entusiastica, com magnificencia de vóz, viesse saudar-vos ao penetrardes estes porticos, realçando dessa forma os esplendores desta noitada, que mais um triumpho marcará nos fastos da nossa historia literaria: porem, ninguém seria mais sincero, nem mais justiceiro do que o mais humilde consocio, que óra tem a honra de vos dirigir o palavra.

Entretanto, não é de suppôr-se que vacilasse ante tão alta distincção, ao pensar como pensei, que a anopsia do meu intellecto, aliás razão sobeja para esquivar-me á esta gratissima tarefa, viesse contrastar com a solennidade desta tertulia.

Essa honrosa confiança dos illustrados confrades, avivou mais em minh'alma, aquella grande força para a qual, no dizer do eminente e saudoso patricio, Ruy

Barbosa, orgulho de nossa nacionalidade — (força irradiadora para que) « não ha dynamometro possivel, que póde mais do que as obras, a eloquencia, a magestade e o genio, o character, isso a que alguém chamou a vontade do homem puro» — essa força, repito, avivou-se em meu espirito, levando-me ao cumprimento do dever imposto, embora a consciencia tremesse receiosa ao desempenho.

As sympathias literarias, como bem o disse o Senr. Oliveira Lima, no seu auriluzente discurso de saudação ao Senr. Arthur Orlando, na Academia Brasileira de Letras, « não precisam para vingar, de outro elemento, além da emoção subjectiva, mas é evidente que só pode avigoral-as e contribuir para sua maior resistencia, o elemento objectivo, representado pela amisade pessoal, entre os que intellectualmente se estimam.» E pois, é movido pela sympathia literaria, alliada á amisade pessoal, que aqui me encontro, para do viso desta tribuna, donde o verbo alipotente dos já consagrados nas letras em nossa terra, tem espargido fâculas de luz e de belleza, irradiando harmoniosamente fé e verdade, amor e sciencia, saudar-vos alviçareiramente, ao penetrardes sob os cimbres deste Syllogeu, que hoje, engalanado e ufano, se sente ao recolher em seu seio, não só o irmão pelas letras, mas o homem de Estado, de cuja garnacha suprema vos achaes mercidamente investido. Abscondito no meu retrahimento, passando as horas do viver a confortar o espirito, na contemplação das cousas do porvir de nossa Patria, hoje em nova alvorada deslumbrante, imaginei neste grato encargo, alicerçado pelos élos indestructiveis da amisade, que desde os saudosos tempos do Lyceu Salesiano nos vinculam, poder, falando da vossa obra literaria, dar lárugas ao meu coração de moço, congratulando-me outrosim, com o nosso grande Estado, que nesta noite tambem compartilha jubiloso, do vosso triumpho nas letras patrias. Não venho falar da vossa arte como critico, que

nunca fui, e nem a tanto me chegam a cultura e a intelligencia, mas apenas exprimir emoções, deixando transparecer toda a sympathia que o vosso estro excelso nos desperta, no louvar a Deus, á Patria e á familia; cantando a natureza numa explosão magnifica de sublime philosophia, de pujante e incomparavel poesia. Discipulo de Themis, as vossas producções transluzem como crystal polido, aos reverberos do nosso sól, em diaphaneidades mysticas, transverberando nitida a vossa doutrina evolucionista, abeberada quiça, nas ódes de Spenser, cuja harmonia sentimentalista, se transfigura na simplicidade candil, com que "falaes á vossa penna",

Velha penna, que a magua me minora,
Companheira nas horas de agonia,
Inda uma vez, em languida poesia,
Vem traduzir o meu soffrer, agora.

Tenho no Peito a Dôr. A treva mora
Em minh'alma. Jámais a luz do dia,
Poude clarear a escura noite fria,
Que o coração me veste, e me devora.

Penna querida, treme entre os meus dedos,
E penetra do berço nos segredos:
Triste, queixosa, tremulla, com calma,

Vae traduzindo a minha dôr, comquanto,
Que cada verso falle do meu pranto,
E fale cada estrophe de minh'alma.

A vossa poesia philosophica, em muito se aproxima da de Laprade, o grande lyrico de Montbrison, pelo symbolismo, suave melodia e sobre tudo pela delicadeza do rhythmo. « Ser poeta, não é sómente amar e cantar o amor: é tambem buscar interpretar os segredos da vida.» — Tendes sabido penetrar os segredos da vida, animando os quadros da nossa natureza, exhalçando admiravelmente o mysticismo das nossas madrugadas convidativas, das nossas tardes angelicaes em que a

melodia de mil vozes se confundem, se irmanam, se entrelaçam com o chromatismo inegualavel das cambiantes, que se irisam faulhentas, numa phantasmagoria acariciadora e deslumbradora.

“Do occaso e do silencio,” essa producção suggestiva do vosso estro, publicada na Revista Mato-Grosso, em Abril de 1914, quando ainda na adolescencia perlustraveis os bancos academicos na heroica terra dos pampas, extravasa enthusiasmicamente o aneio do vosso coração de moço, cuja serenidade buscava nas horas evocativas do entardecer, refrigerio para as Dôres da vida, falando á vossa penna nesta advertência encantadora:—

« Ó silencio da tarde que me exhortas !...
Amo-te, hora, em que o Angelus dolente,
Na luz crepuscular,
Chóra saudades brancas pelo Ar !... »

Ó mysticismo azul do Pôr do Sól !
Ó Pedraria viva do Arreból !...
Ó quadro symbolista do Poente !... »

Longe do vosso berço, perante a vossa imaginação, se descortinava o quadro symbolistico, arrebatador do “Pôr do Sol” cuiabano, cujos ultimos raios, beijando a enorme massa liquida do Cuiabá caudaloso, a precipitar-se escachoante por sobre as grandes e informes pene-dias,” na poetica Capella da «Passagem da Conceição» se multiplicava nessa polychromia infinita de estrêllas, lucilantes, indecisas, fermentando nas ondas encapelladas do caudal, falando á vossa alma, suggestionando o vosso coração de poeta.

Certo, o vosso espirito, lá daquellas plagas sulinas evocava saudoso a maravilhosa hora da meia tinta incomparavel do “Pôr do Sol” cuiabano, esse painel sublime, extasiante, mystico, deslumbrante, que nos enleva, nos seduz e nos arrebatata na ansia insana de abra-

çal-o, sentil-o, beijal-o, como se osculasse respeitoso, o manto sagrado, que resguarda o seio materno.

E á vossa penna "tremula entre os dedos, penetrando nos segredos" do nosso berço commum, não faltou a tinta rubra do amôr filial, essa virtude exhubere que nesta hora historica da nossa vida nacional, vos devolveu ao seio dos vossos conterraneos que, esperançados, confiam anciosos no vosso zêlo, no vosso affecto, no vosso patriotismo, a pról do engrandecimento deste recanto querido da terra brasileira.

Illustre confrade!

A cadeira que vindes perlustrar neste areópago das letras patrias, tem a paranimphal-a, o nome aureolado do grande e inolvidavel cuiabano, que foi José Barbosa de Sá, cuja biographia acabaes de descrever brilhantemente.

Era advogado e obtivera o gráo de licenciado, titulo univesitario, anterior ao de doutor, que a Universidade de Coimbra conferia ao bacharel formado.

Exerceu a advocacia em Villa-Bella e escreveu varias obras chronologicas e scientificas, sendo segundo Sacramento Blake, o primeiro chronista cuiabano.

V. Corrêa Filho, na sua obra "Mato-Grosso," diz, a respeito de Barbosa de Sá que, "pela sua maior cultura e boas letras" estremou-se dos seus contemporaneos, quer sob o ponto de vista intellectual, quer pelo moral, louvando-lhe a independencia com que combatia os abusos do seu tempo; donde se depreende que militára tambem na politica de nossa terra.

Tendes com a personalidade do vosso patrono, numerosos pontos de contacto, na gravidade da vida, na dignidade de proceder, na diversidade de materia que a vossa mentalidade robusta tem sabido abordar, com clareza e intelligencia, principalmente pela independencia do vosso character austero, que nas varias phases da nossa vida politico-social, se revelou sempre fórte e inquebrantavel.

Certo sabio da California em critica magnifica á uma das obras de Euclides da Cunha dissera: — « o poeta é soberano no pequeno reino, onde o entronisa a sua phantasia» — No imperio onde vos entronisou a vossa phantasia, tendes sido soberano. Como poeta, fizestes a vossa consagração, cultuando a nossa lingua com trato carinhoso, intensificando a cultura dessa arvore portentosa — o idioma patrio — que explende forte, rica de seiva fertilisante, dia a dia, mais enriquecida e fecunda.

E dessa forma, vindes contribuindo para o engrandecimento da nossa Patria, consciente de que, uma Patria, só é soberana pelo valor intellectual de seus filhos.

« A patria não é a raça, não é o meio, não é o conjuncto dos apparatus economicos e politicos: é o idioma, creado ou herdado pelo povo.»

O povo que não présa a sua lingua, não pugna pela cultura de seus filhos, desenvolvendo a instrucção primaria, essa "cellula mater das organizações sociaes," não pode ter independencia, não pode ter dignidade: é um povo sceptico, esteril, incapaz das nobres empresas, das grandes realizações, das sublimes aspirações, que são o emblema da cultura, apanagio das civilisações.

Revelastes sempre profunda observação das cousas da natureza e da sociedade, exhaltando o kosmos, naquillo que mais fino encerra na sua constituição psychica.

Dissera o Snr. Francisco de Castro — « De observadores profundos e pensadores tenazes, é privilegio o tino politico».

Vindes praticando a politica em nossa terra, na sua "accepção mais nobre, no seu sentido mais eminente," cousa que nem sempre entre nós tem sido praticada.

Como bem a difiniu o eminente sociologo, e illustrado homem de letras Almeida Garrett: — « A sciencia, a arte de governar que hoje chamamos politica, te.

ve sempre por aliadas intimas e indispensaveis, as letras e as artes. Sem essa aliança indissolúvel, a civilização é impossível, o progresso falso e o fim das sociedades frustado».

Dest'arte, julgamos que todos os governos illustrados, não podem privar-se dessa aliança indispensavel; antes, precisam esteiar-se na cultura intellectual, protegendo-a, honrando-a, para que se não descambe no abysmo destruidor, a sociedade, a sagrada instituição da familia, que é o Estado!

E dessa aliança indissolúvel surgirá fatalmente, resplandecente como os diamantes purissimos da nossa terra, a Patria scintillante e grandiosa.

Os governos, necessitam do auxilio da lyra de ouro de Amphion, a cujo som as muralhas da nacionalidade se erguerão, como se erguiam as de Thebas no dizer dos grandes poetas.

N'est' hora solenne que atravessa a nossa Patria, em nova phase de reconstrucção nacional, assiste-nos o dever imperioso de cooperarmos com o nosso trabalho leal, unindo, congregando todas as capacidades, sem distincção de crédos, para a edificação solida do grande edificio, que será de futuro a nossa nacionalidade.

«O poder unido á inteligencia; o estadita a inspirar-se nas verdades da bôa imprensa; o general pugnando pela ordem, alicerce das liberdades» o industrial, na sua missão de expandir a riqueza nacional; uns e outros reciprocamente auxiliando-se, cooperando assim, para a magestosa, soberba reconstrucção da Patria, que resurgirá grandiosa e respeitada, pelo valor, pelo trabalho, pela liberdade, pela justiça, pela cultura, com que, governo e governados se dirigem na róta das grandes aspirações.

Urge formarmos uma mentalidade, robusta pela cultura, sadia pelos sentimentos de justiça, capaz de elevar

com fé, ardor e vontade, a grande causa da nacionalidade.

Estado de proporções territoriaes, que o fazem grande entre os maiores; possuindo paginas de tradições orgulhosas, que o elevam ao vortice magnifico dos nobres exemplos de civismo, é necessario que os novos espiritos, a mocidade, se prepare forte, para que a grandeza moral e intellectual, esteja em proporção com a sua grandeza kilometrica. E é, confiante nesse ideal de venturas, que esta Academia vos acolhe prasenteira em seu seio, pois trazeis para ella, a força do vosso talento peregrino, alliada á honra da purpura governativa, como a prenunciar o dealbar de novos e esplendorosos horizontes, num eterno alvorecer de felicidades para a nossa querida terra.

Trazeis para o nosso gremio a alegria dos que rejuvenecem, ao contacto de novo espirito, onde scintilla a fé, o amôr, a justiça, o patriotismo em summa.

E que se desdobrem por toda a vastidão grandiosa da nossa terra, os anhelos alviçareiros de venturas mil, que aos nossos labios aflóram, nest' hora de supremo contentamento, como em oração constricta, para o congraçamento da nossa familia; para o esquecimento dos odios, que não constroem, antes destroem, aniquilam, entavando o evoluer da nossa mentalidade, da nossa cultura, maculando os benditos feitos dos nossos antepassados.

Que esta alliança se prolongue indefinidamente, num perenne amanhecer de grandezas, de felicidades para a nossa terra que hoje, mais do que nunca, precisa do affecto, do zêlo, do carinho, do amôr de todos os seus filhos.

Terra querida, mãe estremosa em cujo regaço devemos depositar respeitosos o fructo dos nossos trabalhos, a dignidade dos nossos feitos, inspirados sempre na sublimidade da justiça, da honra e da altivez.

SÊDE BEM VINDO !

SONETOS DE D. AQUINO CORRÊA

Ruth

No album da senhorita Ruth C. de A., que
pedia um conselho para sua vocação religiosa.

*Foi uma moça de belleza rara
Ruth, a pobre moabita, e era de vêl-a,
Ao sol das tardes, respigar na seara
De Booz, a sua timida gavela.*

*Booz, que nos mimos della se enlevára,
Deixava-lhe cahir a flôr mais bella
Das espigas, e enfim, achou tão cara,
A bôa Ruth, que casou com ella.*

*Assim, chamandô uma alma aos seus carinhos,
Jesus deixa cahir-lhe os dons da graça,
Como espigas douradas nos caminhos.*

*E feliz da alma, se prefere ao riso
Da vaidade, esse amor que nunca passa,
Amor, que é um outro céu no paraíso!*

Flôr Extranha

(No album de Max Fleiuss)

A Ramiz Galvão, que escrevendo na mesma pagina, dissera achar-se alli seu pensamento deslocado no meio daquellas flôres do espirito.

*A alma dos sabios é uma flôr extranha,
Que não abre ao sorrir da primavera,
Quando no peito a mocidade impera,
E o sangue ardente o coração lhe banha.*

*Ao sol das illusões, toda se acanha,
E só descerra a luminosa anthera,
Quando as cãs brilham sobre a fronte austera,
Como a neve hibernal sobre a montanha.*

*Então, á guisa dessas lindas flôres,
Que se abrem aos luares scismadores,
Em meio á natureza, que repouisa,*

*Ella tambem se expande livremente,
E escuta e adora, no silencio ambiente,
A grande voz de Deus em cada coisa.*

LEOPOLDINA

*Quando te vi, a noite amortalhava,
Lado a lado, teus altos horizontes,
Mas um clarão de luz serena e flava
Irrompia do valle pelos montes.*

*Era a luz mysteriosa, que irradiava
Dos teus Collegios, onde as roseas frontes
A tua mocidade immerge e lava,
Do saber e do bem nas sacras fontes.*

*Mais glorias para ti a escola encerra,
Que os cafezaes em flôr, cobrindo a terra
De véus de noiva, ao sol, sobre a collina.*

*E assim, coroando com os florões do estudo,
O teu nome que vale um nobre escudo,
E's a Athenas da matta, ó Leopoldina!*

A Cruz queimada
de PIACATUBA (Minas Geraes)

*Ao tetrico ulular do vento insano,
Sobe aos céus a sacrilega fogueira,
E nas chammas, qual mastro em pleno oceano,
Submerge-se o cruzeiro de madeira.*

*Mas quando o fogo consumou seu damno,
A Cruz inda lá estava toda inteira,
E sempre bella no seu gesto arcano,
Raiava em luz ao beijo da soalheira.*

*Salve, ó Cruz! salve, symbolo sagrado
Da crença, que este povo tem guardado,
Intacta, em meio a todas as ruinas!*

*Ruja embora a anarchia! arda a loucura!
Que importa? sempre mais formosa e pura,
Rebrilha a fé christã na alma de Minas!*

O GUARANÁ

*O avô amanhecêra, aquelle dia,
Taciturno e tristonho. Emtanto, airoso,
A neta vae, á flôr de fina grossa,
Ralando o guaraná, com maestria.*

*E feita assim, por suas mãos de rosa,
Numa salva de prata luzidia,
Quão pura e perfumada não sorria,
No crystal, a bebida milagrosa!*

*Sorve-a o velhinho, e ao seu influxo brando,
Que desvanece as apprehensões secretas,
Foi-se-lhe o coração reserenando.*

*E dentro em pouco, entre gentis carinhos,
Recordando risonhas historietas,
Brincava alegremente com os netinhos.*

Victoria-Regia

*Salve, ó gloriosa flôr! tu, cujo nome encerra
A victoria e a realeza! alma flôr, que o pistillo
Enorme ergues ao sol! flôr deste mar tranquillo,
O' flôr dos pantanaes da minha verde terra!*

*Tu me lembras o loto azul, que além descerra
Sua hieratica flôr sobre as aguas do Nilo,
Flôr que reflecte os cêus no calice a tingil-o, [ra!
Flôr de mysterio e luz, flôr que as trevas dester-*

*E ao contemplar-te assim, ó nymphéa robusta,
Eu sonho vêr um dia, em porvir côr de rosa,
Tão grande como tu, tão soberana e augusta,*

*Toda de fé e ideaes a fronte constellada,
Triumphar das nações na flora luminosa,
Victoria-Regia em flôr, a minha Patria amada!*

DO "OUTONO"

SONETOS DE JOSÉ DE MESQUITA

Benedictino

Sonho-me, ás vezes, um beneditino,
dentro dos quatro muros de uma cella,
a abrir-se para um pateo pequenino,
que mais parece um trecho de aquarella.

Seja noite fechada ou sol a pino,
eil-o que ora e trabalha, canta e vela,
pois, consagrada toca ao amor divino,
a vida sempre lhe é placida e bella.

E no silencio limpido, lá fóra,
apenas se ouve a leda passarada
e o grito longo e triste de uma nóra,

emquanto, da capella, a voz se escuta
dos monges nas matinas, repassada
da paz, que na renuncia se desfructa!

Flôr de Paixão

Abre-se entre um moital, junto da sebe
que um antigo «arrombado» circumvalla.
Quasi ninguem a enxerga nem percebe,
não fôra o seu perfume denuncial-a.

Difficilmente alguém vendo-a concebe,
tão pobre, tão mesquinha, tão sem gala,
—flôr sem nome e sem raça, flôr da plebe —
ser della o olor subtil que no ar trescala. . .

Flôr de paixão. . . Que nome tão bem posto !
Nome que bem lhe exprime a dolorosa
floração de doçura e de desgosto.

Assim, no Coração desabotôa
— flôr de paixão — a dôr silenciosa
que pelo pranto apenas se atraíçôa!

Barra

Vi-te a nascente, a limpha clara e pura,
e o curso cheio de sinuosidade
te acompanhei, na serra ou na planura,
cheio de graça ou de impetuosidade.

E ora a foz te contemplo, na doçura
de um langue entardecer, todo saudade:
o que perdes no esto e na largura,
ganhas na caima e na profundidade...

Deixas aqui, com o ser, o proprio nome,
para noutro volveres tua essencia,
nessoutro que te absorve e te consome...

Feliz quem, ao chegar ao fim da lida,
tem, como tu, a placida apparencia,
e entra, sereno, a barra desta vida!

Barra do Coxipó, 11-9-931

Quebramar

A *Laurentino Chaves.*

Ergue-se junto á praia alva e dourada,
entre o céu claro e as aguas pardacentas,
a silenciosa, escura e alta amurada,
afeita ao trato rude das tormentas.

Bate-lhe noite e dia a agua agitada,
ora em molles caricias somnolentas,
ora na furia esteril e afreimada
dos vagalhões, em coleras violentas.

Assim, da vida em meio á lucta accesa,
—Homem—sê como o cáes, chofrar-te vendo
aos pés toda a salsugem da torpeza,

e odio ou blandicia, acúleo ou afago, tudo,
sobre a tua consciencia se esbatendo,
te ache sempre de pé, sereno e mudo!

Bethania

Jesus, após andar, por todo o dia,
semeando o Bem, para colher torturas,
chega a Bethania, a doce moradia
occulta entre palmeiras e verduras.

Paz e conforto aquelle lar radia,
nas effusões mais castas e mais puras:
Maria, Martha e Lazaro, á porfia,
desvelam-se em carinhos e doçuras.

Feliz a alma que—qual Jesus outrora—
do mundo vil no torvo atascadeiro,
onde a noite é profunda e incerta a aurora,

entre a injustiça, a ingratitude, a insania,
ainda encontra o agasalho hospitaleiro
da casa amiga e doce de Bethania!

Apaziguamento

Ora é tempo em que enfim durma o meu sentimento
e deixes de pulsar tão forte, ó coração!
Desce a tarde da vida. . . o outono. . . o esquecimento. . .
num crepusculo vago e doce de perdão.

Tudo se esfuma e morre ao diluculo lento.
A luz se apaga. . . O som se cala. . . A solidão
é como, após a lucta, um apaziguamento.
E, findo o drama, cáe sobre o palco o telão.

Cansada de lidar, a alma aspira á doçura
da renuncia—crisol que o desejo depura.
Abre-se, ao fim da estrada, o horizonte sem fim,

e afagantes, subtis, num gesto que inebria,
as mãos immateriaes do Sonho e da Poesia
são como as de uma irman, que descem sobre mim.

MCMXXXI

NA INSTALAÇÃO
DO
Instituto Filológico Matogrossense

DISCURSO

pelo prof.

Nilo Sôvoas

sócio que vos fala, venha presidir agora o desnudamento do meu pobre estilo, o julgamento da fraseologia rude e incolôr que mal traduz os meus pensamentos charros e rastejantes.

O humildíssimo dos sacerdotes dêste culto sublime, que ora se inaugura sob as mais consoladoras promessas, eu venho com todo o fervôr de que é capaz a minha fé, acender o círio sagrado no altar augusto que se erige à bela e incomparável língua de nossos pais; venho abrir os seus santos tabernáculos, para nêle depositar as flôres imarcessíveis do nosso mais puro affecto e proferir num grave e solene "*sursum corda*", os votos ardentes que formulamos para que sempre e cada vez mais carinhosamente cultuada, em tôda a sua pureza e louçania, cada vez mais cuidadosamente exalçada, em todo o fulgôr da sua majestade, cada vez mais amada e glorificada,

«Floreça, fale, cante, ouça-se e viva
A Portuguesa língua, e já onde fôr,
Senhora vá de si, soberba e altiva».

Senhores :

Tanto que as sciências, graças à nova orientação que nela imprimiram os gênios supernos de Comte e de Littré, conseguiram romper vitoriosamente os cânones arcaicos da velha Escolástica, passando das regiões das abstrações nebulosas e da metafísica abstrusa e transcendente para o campo vasto e seguro das observações dos factos reais, em que os fenómenos científicos são estudados e analisados à luz explêndida da realidade histórica, um mundo novo se desvenda aos espíritos e novos e amplos horizontes se lhes descortinam.

O empirismo carunchoso dos velhos processos, as abstrações ociosas e estéreis em que jaziam engolfadas as sciências, foram relegados, como velharia inútil ante os novos processos preconizados pela Escola triunfante, os quais, assentando o edifício das sciências sôbre os

alicerces sólidos da observação e da análise, deram aos seus estudos uma base mais estável, mais racional, e condizente com os ideais modernos.

Á extraordinária clarividência daqueles dois espíritos iluminados, que se constituíram os expoentes máximos da Escola Positivista e aos esforços tenazes postos em evidência pela célebre Escola Inglesa contemporânea, devemos, incontestavelmente a nova directriz, que ha sido o sinete indelével e característico de quasi todos os trabalhos scientificos merecedores de estima, que teem vindo a lume nos tempos hodiernos.

E a Filologia, ao mesmo passo que as demais sciências, não pôde furtar-se à influênciã decisiva dêsse formidável movimento de transformação, de verdadeira reacção que se agitou em todo o campo das sciências.

Nos seus amplos domínios, coube, sem dúvida, ao eminente filólogo alemão Frederico Diez, perlustrando a radiosa trajectória magistralmente indicada pelo gênio imortal de Leibnitz, a glória de haver, na sua monumental "Gramática das Línguas Románicas", assinalado de maneira brilhante, o advento da nova fase por que deveria passar a sciência da linguagem.

O ideal da nova Escola empolgou, desde logo, a atenção de todos os espíritos votados às sciências, que o acolheram com verdadeiro entusiasmo, irradiando-se vertiginosamente pela Europa inteira e uma pléiade illustre de distintos filólogos com êle se identificaram, procurando seguir a traça do exímio romanista alemão.

Encontrou na Alemanha o apôio valioso de Grimm, Curtius, Schleicher, os irmãos Schlegel e outros; de Litré, Gaston Paris e Brachet na França; de Monachi e Àscoli na Itália; de Adolfo Coêlho, Carolina Micaélis, Gonçalves Viana e Leite de Vasconcelos em Portugal; de Pacheco Júnior e João Ribeiro, entre outros, no Brasil, constituindo essa constelação illustre e venerável de espíritos selectos que tanto lustre emprestaram às sciências, que enrique-

ceram com obras que são verdadeiras relíquias do saber humano e que poderosamente influíram na vitória esplêndida alcançada pela moderna orientação da ciência filológica.

São êles os geniais e infatigáveis operários do vasto laboratório da intelectualidade, aqueles que, pacientemente, construíram, através dos séculos, êsses imorredouros monumentos de sabedoria de que tanto se ufana a Humanidade e que se constituíram, a justo titulo, beneméritos da ciência e credores da nossa estima e gratidão sempiterna.

Senhores:

Neste momento histórico em que, no Brasil inteiro se agita, com alviçareira intensidade, um edificante movimento de impulsionamento dos estudos filológicos, não vos pareça extravagante o sonho que vemos hoje transformar-se em realidade, da instalação de um Instituto de Filologia neste longínquo e ignoto recanto da nossa Pátria.

A tam bela quam útil instituição que hoje, com o brilhantismo que lhe empresta a vossa presença, realiza a sua sessão inaugural, não é mais do que uma natural, posto que afracada repercussão dêsse grandioso e empolgante movimento de regeneração, de verdadeiro renascimento do gôsto para os estudos filológicos, que, dia a dia, se alastra por todos os ângulos do País, numa como cruzada benfazeja a prol da inteligência, da pureza e da vernaculidade do idioma pátrio, essa «última flôr do Lácio, inculta e bela», outra hora tam cantada e tam amada e hoje tam malbaratada e tam ultrajada, ora a revolver-se no cisco de extranhas terras, ora a regar-se das águas infectas dos paúes.

Emergente do desêjo, da necessidade de se opôr uma barreira à corrente demolidora da sã lingua-

gem, de se organizar a fôrça garantidora dos seus lindes vernáculos, de expungirem-se os vícios e as deformidades que tanto a desalindam e envilecem, assim como os deletéreos resíduos de extranhas línguas, nela pedantescamente introduzidos, os quais mais não fazem que desviá-la das suas naturais tendências, de desnaturar-lhe o gênio e de atentar contra a sua independência, a novel instituição propõe-se a tarefa relevante e eminentemente meritória de ser a guarda avançada dêsse património sagrado que é a nossa língua, de velar a pureza e a elegância, que tanto a enobrecem, de conservar e defender a autonomia e o gênio que tanto a sublimam, «na expressão encantadora da sua opulência».

Não sei, meus senhores, de iniciativa mais arrojada, nem de compromisso que acarrete tanta responsabilidade, maxime no meio em que vai exercer a sua actividade, onde escasseiam os elementos imprescindíveis aos estudos filológicos; mas também não sei de objectivo mais nobre nem mais patriótico do que o que se propõe realizar o Instituto.

Não duvido, nem receio de proclamar, alto e bom som, merecedor dos mais entusiásticos elogios, o nobilíssimo propósito que anima a esta pléiade luzida de espíritos alevantados, os quais, em meio ao utilitarismo absorvente dos dias que correm, procuram, cheios de fé, impedir que se levem de arrastão, no enxurro das mais descabeladas licenças, das mais desabridas protérvias, essas preciosas joias de puríssimo ouro de lei, entesouradas avaramente, durante séculos de incessantes labores, pelos excelsos espíritos do excelente Barros, do puríssimo Ferreira, do extrénuo Filinto e de tantos outros que, como Latino Coelho, Rui Barbosa, Camilo e Machado de Assis, exímios ourives do verbo, deram renome glorioso ao idioma nobre e terso

«Em que Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!»

« Bem hajam, sentenciou com a sua autoridade, o insigne Professor Carneiro, os que, zelosos da pureza de seu garboso idioma, se não deixam levar de arrancada na onda avassaladora dos estrangeirismos e outros vícios, opondo-lhe, resolutos, os mais sólidos diques e reparos ! »

« Não se regatêm gabos e os mais justos aplausos, acrescentou o egrégio filólogo baiano, aos que levam gosto em galhardamente terçar pela língua portuguesa, que por aí afóra anda tam malbaratada, tam deturpada, tam vilipendiada, ao pêso esmagador do número inumerável dos mal trajados vocábulos e giros forasteiros, dêsse falar peregrino e espúrio, que, desnaturando-lhe a índole nativa, a defrauda de todo o ponto de suas feições vernáculas e no-la apresenta iscada dessa praga daninha, eivada das mais extravagantes deformidades.»

Muito bem inspirada, portanto, digna dos mais excelsos louvores, é essa pugna patrioticamente esboçada em todo o País contra as deturpações da nossa genuína fala e pela integridade e nacionalização do nosso gracioso idioma.

Senhores:

Tenho por sem dúvida que é a língua o cabedal de maior valia de quantos constituem o patrimônio dos povos; sôbre todos é ela excelente como o timbre que é das nacionalidades.

Defendê-la, pois, é dever primacial que a todos assiste; defendendo-a, defendemos a nossa independência, defendemos a nossa fortuna, defendemos as nossas mais caras tradições, defendemos a integridade da Pátria, praticamos um acto de nobreza e de vero patriotismo; defendendo-a, elevamo-nos e engrandecemos-nos aos nossos próprios olhos e aos olhos da Humanidade, porque «sendo a língua a nossa vida, o nosso sangue a nossa alma, a nossa religião, é ela também, sem dúvida, a nossa Pátria.»

Sim, ela, como bem disse Bilac, é a nossa Pátria, porque, ligada intimamente, como se acha, à terra, não somente no seu léxico, senão também na sua fraseologia, constitui uma parte integrante da terra e, como tal, é base da nacionalidade.

Sejamos, pois, os impávidos defensores da nossa pujante nacionalidade; cerremos fileiras com os bravos escoteiros do resurgimento da nossa língua.

Principalmente entre nós, meus senhores, peza-me dizê-lo, apesar dos nossos fóros de cultura, ainda se não tem no devido aprêço o culto sublime do idioma, constituindo a linguagem dos nossos jornais o atestado eloquente da nossa desídia, da nossa indiferença por um assunto de tam alta magnitude e que tanto interessa ao palpitante problema nacionalista.

Prova frisante do que acabo de afirmar, são as palavras que tive o desprazer de ouvir, faz poucos dias, de uma personagem de grande relêvo no nosso meio social, e que peço vênha para referir-vos.

«Parece incrível, que numa época como a que ora atravessamos, em que o problema capital do *beef*, dia a dia oferece maiores complexidades, empolgando sobremaneira todos os espíritos, parece incrível, dizia êle, que surja neste afastado recanto da terra matogrossense, um pugilo de abenegados que se consagram, apaixonadamente aos transcendentais estudos filológicos !

Qual o resultado prático de tamanho esforço ? Nestes tempos de utilitarismo, tudo aquilo que não produzir um resultado prático imediato, deve ser desterrado. E em matéria de linguagem, é bastante o sermos compreendidos; tudo o mais é supérfluo e perfeitamente dispensável.

Assim também, afigura-se-me completamente inútil o esforço dispendido por muitos estudiosos em combater a introdução dos estrangeirismos na nossa língua. Porque combatermos os estrangeirismos, se tôda a nossa cultura científica e literária nos vem do estrangeiro? »

Eis, meus senhores, em que valimento é tida, entre nós, a dadivosa língua

"Em que da voz materna ouvi: "meu filho! "

Que de esquecimento! Que de incúria! Que de desamor!

Não, meus senhores! Não é bastante o sermos compreendidos, porque, como bem dizia Voltaire, menos nos impressionam as cousas que dizemos, do que o modo como as dizemos.

Não, meus senhores! Não é bastante o sermos compreendidos, pois a língua não pode ser para nós, que somos um povo culto, aquilo mesmo que é para os povos selvagens—« simples instrumento de comunicação para as necessidades imediatas da vida.»

Não, meus senhores! Não é bastante o sermos compreendidos, por isso que a língua tem de ser para nós alguma coisa mais nobre e mais elevada do que um grotesco maracá ou qualquer outro instrumento selvagem.

Não, meus senhores! Não é bastante o sermos compreendidos, pois a nossa língua, incomparável nos seus dons, excelente a tôdas as suas colaterais românicas, deve ser o mavioso plectro das vibrações dos nossos delicados sentimentos; e no seu meneio, havemos mistér rigorosa vigilância e esmêro por que se ela apresente, não já fascinante no brilho das suas pompas, na plenitude da sua inexcedível formosura, mas, ao menos, com as suas vestes asseadas, escoimadas das manchas e impurezas que, roubando-lhe o encanto e a decência, sobremaneira a afeiam e degradam.

E foi, exactamente êste, o pensamento do primoroso Castilho, quando disse que «o escrever e falar com abundância, variedade de dicção, propriedade, acertada colocação e devido número, é um apuro que se não pode

exigir de tôda a gente; a uma, porque nem todos nasceram para tudo, e a outra, porque os estudos dêste gênero consomem demasiado tempo para quem tem outras coisas mais rendosas, mais avultadas, e mais de sua indole e a seu gosto para fazer. Mas entre a perfeição esmerada e a incúria ignóbil, entre o classicismo e o barbarismo, ha um meio termo que todos devem forçar por atingir. Não é ainda virtude, mas é já isenção de vício.

Senhores:

Ninguém, em sã consciência, ousará, por certo, qualificar de absurda a nossa pretensão; pois o que pretendemos não vai além dêsse meio termo, não transpõe os lindes da correcção.

Não pretendemos que todos os que escrevem usem da linguagem de que se serviram os clássicos da língua, mas sim que não sejam outros tantos demolidores da sua obra imorredoura.

Tende bem firmada no vosso espírito, meus senhores, a convicção de que, nos diferentes estádios da sua marcha evolutiva, é a lingua de um povo o melhor espelho da sua cultura.

Quereis conhecer o nivel intellectual de um povo? Inquiri-o à sua língua; ela dir-vos-á, com tôda a exactidão e eloquência, não somente do grau da sua cultura, do seu desenvolvimento intellectual, senão também dos seus mais íntimos sentimentos, do seu carácter, do seu desenvolvimento moral.

Escrínio precioso, ela encerra tôda a nossa história; nela vive e palpita a nossa alma.

Trabalhem, pois, ó meus ilustres confrades, sempre inspirados na mesma crença, sempre animados da mesma fé e com o mesmo ardor patriótico com que hoje cingimos a armadura para a luta edificante contra o des-

moronamento da nossa língua; envidemos os nossos melhores esforços a prol da sua pureza, da sua correção e da sua vernaculidade.

No momento em que vos falo, meus senhores, vai, felizmente, viva e animada a requesta em boa hora empreendida contra aqueles que se não pejam de desfigurar a fisionomia da nossa língua, de perverter-lhe o génio, com a introdução de palavras e frases alienígenas.

Reconheceraam que não é possível criarem-se barreiras que impeçam a manifestação da vitalidade das línguas.

Sabemos, outrossim, que essa permuta, êsse intercâmbio de palavras, que se observa entre os idiomas, obedece a uma lei filológica que preside a evolução linguística em geral.

E', pois, um fenómeno natural, contra o qual não nos podemos insurgir.

Esse mutualismo se opera de maneira inconsciente, escapa, por completo, à sanção da vontade individual. E' um precioso elemento de vida, e tão necessário é êle, que grande número de palavras mutuadas, já se incorporára definitivamente ao nosso léxico.

O que não é admissível, porém, e que, por isso mesmo justifica aquele combate, é o abuso com que se pratica essa introdução, as mais das vezes desnecessárias, injustificáveis, com sério prejuizo para a integridade do nosso idioma.

Nem é possível condenar-se o uso parcimonioso de termos peregrinos, pois, como afirmou o mestre dos mestres, o incomparável Rúi, «todos os idiomas permutam uns com os outros. Seria desatino recusar êsses subsídios tão inestimáveis, quão imprescindíveis, que se mutuam as línguas enquanto não fossilizadas. Condenar, pois, em absoluto, os estrangeirismos, fôra não ter senso comum. Não são os galicismos, em si mesmos, o que se repele, mas a superfluidade evidente, ou a crieza indi-

gesta, nos galicismos. Podemos importar de França, o que não tivermos, e necessitarmos, contanto que o façamos respeitando as leis da morfologia na história natural da gênese e transformação das palavras... Mas, para lhes dar legitimidade, não basta de per si só o nome refulgente dos autores, que os adotam. Consultaram o gênio da língua? Observaram os moldes da língua? Bemvindas sejam, nesse caso, as inovações. Não o fizeram? O bom sizo, a sciência, a arte no-los mandam repelir.”

Essa introdução, portanto, tem de ser determinada pela necessidade e ha de ser feita de harmonia com o gênio do nosso idioma. Fóra dessas normas tudo o que se fizer será abusivo e consequentemente deve ser combatido.

Senhores:

Empreguemos nas nossas falas e nos nossos escritos uma língua condizente com o nosso desenvolvimento e cultura; expulsemos das fronteiras da nossa língua toda essa farândulagem desnecessária e impudente e soergamos uma barreira intransponível a essa assustadora aluvião de estrangeirismos baratos que infestam o nosso jornalismo como chagas cancerosas a corroerem o seu organismo.

Procuremos entrar na posse definitiva da nossa língua; conheçamos os seus variadíssimos recursos e chegaremos, alfim, à evidência de que dentro dos seus próprios domínios, ha os elementos necessários, que nos habilitam à manifestação de todos os sentimentos, independentemente de pedir socôrro a estranhos idiomas.

Os recursos existem, é só conhecê-los.

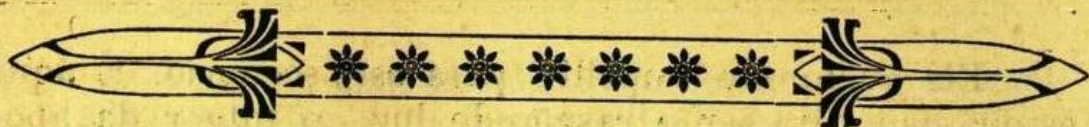
E para isso conseguirmos, não ha mister mais do que o cultivo da boa linguagem; o abeberar-se nas fontes puras e cristalinas dos clássicos; o conversar assíduo

dos humildes frades de outras éras, que são verdadeiros modêlos do bom dizer, as fontes incorrutíveis da vernaculidade.

Perseveremos, meus senhores, na sinceridade e nobreza dos nossos patrióticos e promissores propósitos; amemos de todo o nosso coração êsse precioso legado dos nossos maiores; cultivemos, com tôdas as veras de nossa alma, essa donosa língua, que é a língua de nossos pais, essa

« Tuba de alto clangor, lira singela,
Que tem o trom e o silvo da procela,
E o arrôlo da saudade e da ternura ! »





Nossos poetas á luz da psychanalyse

Meus senheres.

Vim, meus companheiros e amigos, como da outra vez que vos falei, trazido pela mão de José de Mesquita, o nosso illustre presidente. Foi essa tempera de mentalidade artistica de tão erguidos lineamentos que me trouxe, novamente, até vós, cuidando, talvez, que minha palavra pudesse contribuir para o acabamento do quadro admiravel que ides compondo nesta encantadora tertulia.

Foi, repito-vos, esse esbelto cavalleiro das letras, vencedor, pela flamma viva do estylo e pela fidalguia dos conceitos, que me conduziu para este posto, cuja honra acceitei porque, confesso-vos, jamais pude rebelar-me contra seus pedidos sem me assaltar o coração o sentimento de uma injustiça...

E' a força irresistivel da sua delicadeza e da sua brandura...

E conseguiu conquista-la José de Mesquita na elegancia impecavel com que soube fixar em nosso meio cultural a sua personalidade preeminente, sempre a voar, como um passaro de altissimo remigio, entre as nuvens e as estrellas, nessa parabola brilhante, em que se lhe desdobra o talento sem nunca, nem ao de leve, conspurcar a pureza da clamide que veste.

Eis quem me impelliu para este cenário. E aqui estou, não para ser o rasgão de luz, o fulgor da apothese, mas tão somente o fundo, a sombra em que se debuxe e se mova a alta poesia da paisagem.

E' sem duvida, tambem, um modo, embora humilde, de contribuir...

E' ai de vós! se desaparecesse a sombra, se fugisse a penumbra, que, é nada, sósinha, mas que, entanto, denuncia todas as luzes, aviva todas as arestas, empresta alma, vibração e esplendor a todos os quadros...

Senhores:

Ha de parecer-vos imperdoavel ousadia de minha parte vir eu falar-vos do *sonho na poesia mattogrossense á luz da doutrina do Freud*. E' que a psychanalise se debate na zona de indisfarçavel aridez scientifica. Armada, engenhosamente, por um genio, profundo investigador das nevroses que sacodem o espirito humano, as suas raizes descem atravez de todas as camadas até o lôdo dos instinctos, mergulhando-se no pansensualismo -- concepção singular que reduz as mais nobres ambições do homem aos impulsos grosseiros do inconsciente.

Não fóra, assim, feliz, a idéa de discuti-la numa hora amena como esta, em que, como um derivativo, procuramos antes um sorriso em que a arte lampeje, uma especie de entremez alegre que nos faça esquecer os aborrecimentos e as magoas communs de nossa vida.

O que precisamos, certamente, ao em vez de uma tirada scientifica, inevitavelmente sudorifica para o ambiente das letras, é de um oasis de canto, de versos e de sonhos, que ao menos, num instante fugitivo, nos amortee as inquietações da alma.

Bem n'ó sei, meus presados amigos.
Não vos direi, por isso mesmo, senão duas palavras.
Apenas um ligeiro toque no original edificio do grande

sabio de Vienna, procurando surpreender os pendores de alguns dos nossos poetas em face da bizarra e curiosa theoria.

A contribuição do sonho na psychanalise é immensa. Foi um clarão auroral caindo no abysmo do subconsciente, affirma victoriosamente o grande pensador. Mas que é o sonho?

Uma fuga do espirito, durante a embriaguez do somno, para o alto, á procura de outros seres, á força da attração do amor ou será, simplesmente, o eco dos acontecimentos que nos preoccuparam a consciencia durante a vigilia?

Não será aqui a ocasião para apreciar a controversia erguida entre os que investigam o assumpto. Basta que affirmemos que Freud vê, no sonho, a realização de um desejo recalcado no subsolo da consciencia.

E' que palpitam no inconsciente os mais escandalosos, hirsutos e barbaros pensamentos, anseios intimamente ligados aos instinctos, que a mente, em estado de vigilia, automaticamente, repelle, tangendo-os para as suas camadas obscuras.

Quando, porém, adormecemos, essa vigilancia diminue. E' o momento azado, em que se assanham os desejos recalcados, e, assim, ora um ora outro, tentam atingir o limiar da consciencia; então, mascaram-se, deformam-se para mais facilmente ganharem liberdade. Bem se vê, portanto, que, através mesmo das suas deformações, a analyse pode fixar a tendencia, o traço fundamental que caracteriza, realmente, o character do sonhador.

Mas, Senhores, não sendo o sonho uma affirmação admiravel da omnisciencia divina, e não sendo, tambem, uma anarchia mental desvinculada do subconsciente, como poderíamos compreender, por exemplo, o lindo sonho de Jacob?

Jacob ia de Bersabé para Haran. Cansado da caminhada, logo que foi baixando, do céu violeta, a sombra crepuscular, deita-se, acomodando a cabeça veneranda sobre uma pedra. Em torno, no silencio morno daquella vespera, paira um ar de fadiga e aspereza nas coisas. O campo se desdobra resequido, ainda quente da soalheira, alargando-se ainda mais no immenso abandono que o envolve. A unica nota suave para o solitario caminhante está naquelle céu, curvo e amplo, onde começam de brilhar as estrellas e as nebulosas. Jacob devia ter sentido a sensação do horrivel no desamparo daquella longa travessia em demanda do oriente illuminado. Foi alli que dormeceu e sonhou:

« E viu em sonhos uma escada sobre a terra e a sua summidade tocava no céu e tambem os anjos de Deus subindo e decendo por ella » Genesis — cap. 29.

Ora, meus senhores, se os sonhos são os nossos desejos recalcados, sopitados no inconsciente, e se este, que vos acabei de repetir, colhido nos proprios termos de biblia, simbolisa, innegavelmente, o futuro do espirito através da ascensão moral attingindo à summidade do bem. que é Deus, a passagem de Jacob não encontra classificação na theoria de Freud.

Eu vos poderia referir outros episodios, porque os que estão adormecidos num passado longinquo, como a visão narrada no Genesis, são contestaveis e contra elles se levantam descabelladas censuras. Seria, entretanto, desviar-me do objectivo que me tracei.

Afinal, quem, ainda, não teria tido durante a vida um sonho feliz que não se transformase em realidade palpitante?

Não resta duvida que, durante o somno, ha uma diminuição da actividade psychica, por effeito da diminuição funccional do cerebro; mas, esta obnubilação da vontade consciente normal não impede completamente que outras formas da actividade psychica sur-

jam e tomem vulto à meia luz da consciencia. A prova disso está em que ha sonhos que nos fazem rir ou chorar e, muita vez, é tão viva, é tão intensa a vibração emocional, que, ao acordarmos, temos os olhos cheio d'agua.

A maioria delles se formam no subconsciente. Compondo o edificio da sua theoria através de um numero consideravel de observações, de analyse em analyse, Freud chega ao ponto de affirmar categoricamente a sua sistematisação como sciencia positiva.

Medeiros e Albuquerque assim no-la descreve:

«O cerebro humano pode ser considerado uma casa com trez andares. O andar terreo é um porão escurissimo, um carcere em que estão prisioneiros incommunicaveis. O dono da casa para ahi os atirou ha tanto tempo que já não se lembra de nenhum, nenhum conhece e não póde, por si só, embora faça os maiores esforços, entrar em relação com elles. O andar seguinte, a sobreloja, é tambem muito habitado, não tem janellas, não tem communicação para fóra, mas a todo instante o donõ da casa chama alguns dos que ahi moram e o que é chamado sóbe então ao pavimento superior. O porão é o inconsciente, a sobreloja é o subconsciente. O pavimento superior, muito pequenino, mas muito bem illuminado, é a consciencia.»

A formação do sonho tem o seu inicio num impulso do inconsciente, num anseio, num desejo que está encarcerado no porão escurissimo. Vencida a primeira resistencia, eil-o que sóbe até a sobreloja onde se funde e se mascara com outros elementos da nebulosa dos sonhos. Enfeita-se com os materiaes, roupagens que esse compartimento lhe offerece, cumplice que se torna com a evasão do prisioneiro que pretende alcançar o ultimo andar do edificio. E o consegue afinal. O somno affrou ou a censura, especie de diaphragma, que, consoante o estado psychico do individuo, dá

maior ou menor abertura para a passagem dos habitantes inferiores.

A ligação dos compartimentos superiores se faz, assim, mais ou menos, franca; e o instinto, como uma vibora num ramo de flores, num alto sarcasmo, vingasse da *censura*. Está realizado alfim o desejo ha tanto sopitado.

Dentro dos sonhos, vamos encontrar fragmentos da vida psychica abandonados no inconsciente durante a meninice; particulas, vibrações que dormitavam no subterraneo esconso e que sobem, boiam á tona da consciencia, á luz pallida. Elles sobem, numa lucta surda, silenciosa, do passado, encerram um mundo de desejos, desde a torpesa mais hedionda até a sublimação da energia psychosexual, transformada em sentimentos de nobreza, de dignidade e de honra.

Podemos comparar o sonho, assim considerado, com o instante em que o poeta compõe os seus versos.

Ha, então, no artista, um estado de estase. A sua attenção desvia-se dos estímulos ordinarios que o cercam, concentrada, absorvida, como está, na concepção da arte.

Só, subjugado ao fascínio da fantasia que se evola do seu interior illuminado, o poeta sonha, creando as visões cinematicas que lhe encham e sobem do subconsciente.

A censura, como no somno, afrouxa-se, e no turbilhão dos sonhos, desenha-se mais ou menos disfarçada, a linha do seu instinto. A situação é melhor definida no poeta lyrico porque em tudo elle plasma e transfunde o seu ser. Podem ser varios os motivos phenomenaes, dispersos na materialidade ambiente, ou, tão só, uma criação interior que desborde da vertente, por assim dizer, de outro mundo, o facto é que em tudo ficará impregnado um modo de ser do seu estado affectivo, na canção de um pastoreio ou no hymno triumphal do amor sensual.

Encarado sob esse ponto de vista o pansensualismo fundamental de Freud estaria transformado na realização da arte, na satisfação afinal de um imenso desejo. A dôr, como o prazer, transpassa-se da sensibilidade para a imaginação e esta, laboriosa e fecunda, funde-os em imagens, em côres e sons, que a poesia perpetua, dilatando-os no tempo e no espaço, e o poeta attinge a volupia sublimada.

* * *

Façamos, agora, senhores, á luz dessa concepção curiossissima, uma rapida analyse da alma lyrica de Tolentino da Almeida. Tolentino é esse mavioso poeta que escreve os seus versos, quando os sente, quando elles querem. Vivendo quasi sempre arredado dos centros urbanos, elegeu, como um panteista, para confidencias, a amisade das mattas, das aves e dos rios. Desse bucolismo contemplativo partem os seus cantos, gritos de guerra ou suspiros do coração, mas, sempre, versos que fazem vibrar porque espelham um aspecto especial no quadro infinito das emoções.

"Sonho Acordado" é uma poesia em que o inspirado vate descreve a sua aspiração maxima no momento em que a grande guerra fazia estalar de angustia o coração do planeta. A sanha, então, atirava a humanidade para as trincheiras. Decepcionada, a piedade fugira, indo para o céo, quando viu que o odio enfurecido, em maré crescente, submergia os mais altos monumentos da civilização.

Nessa emergencia singular, em que todos deliravam, presos ás correntes que se enroscavam na lucta horriovel, ergue-se o poeta sobre essa allucinação generalizada e evoca, do seu interior, radiosas verdades. Sobre o mar revolto de imprecações, profético e transfigurado, Tolentino de Almeida prega a paz e a justiça, a união

e a concordia. Dentro do seu grande sonho, o cantor propõe que fosse :

« Creada permanente uma assembléa
Onde cada nação por seu representante
Manifestasse a sua idéa »,

E desse modo

« ficasse extincta e não voltasse mais
essa diplomacia revoltante
Causadora de males infernaes. »

Exalta-se, em seguida, vendo que o mundo inteiro está redimido, acceitando a sua orientação politico philosophica, e exclama á humanidade :

« Consegui o geral desarmamento,
E cada praça bellica ou caserna
Prestes se transformára em monumento
Solido e forte de instrução moderna. »

E arremata, cheio de justo orgulho :

« A paz univesal era completa.
Sendo eu per todos apontado a dedo.
Ostentava os meus louros de poeta
E princezas amavam-me em segredo. »

E por ahi vae, entoando essa musica, esse alto canto de paz entre os homens, depois de haver feito bater o ultimo minuto naquella hora do Horto do mundo. Conseguira a harmonia entre as nações, afinal.

O sonho de Tolentino, interpretado á luz da theoria de Freud, revela no poeta uma intelligencia capaz de compreender as grandes verdades que o ambiente, naquella epoca delirante, não podia comportar. Através do artista, que canta o amor secreto das princezas, por entre a pompa maravilhosa dos palacios europeus, surge o profeta antecipando de mais de um decennio o pacto de Kelog e as preliminares fecundas da paz universal que constituem as ideas arrojadas de Briand.

E essa aspiração, senhores, de impulso universalista attingindo a culminancia suprema, idealizando o reino do amor a unir todo mundo dentro de um sonho de poeta, resume, sem duvida, a floração musical de uma nobre e grande alma.

* * *

Passemos, agora, em rapido exame, alguns versos de José de Mesquita.

Vamos tocar as petalas sonóras de uma das mais altas expressões literarias de nossa terra. Por onde quer que palpite, senhores, a visão do poeta, encontramos uma faceta brilhante do seu espirito.

Submettidos os seus sonhos na composição poetica ao crivo da psychanalyse, José de Mesquita, a cada instante, se nos revela trazendo para a musica do verso o mundo maravilhoso que lhe estua dentro da alma.

Quem lhe conhece as obras facilmente concluirá que, em toda sua evolução literaria, José de Mesquita se manteve ininterrupto, homoganeo, coerente.

Estude-se o poeta á luz de qualquer das escolas que pensam melhor interpretar o bello na poesia e encontrar-se-á, no cantor que analisamos, um traço invariavel e predominante: foi, sempre, o delicado poeta do sentimento e do coração.

Não conheço, de José de Mesquita, mesmo quando a puberdade viçosa costuma influenciar fortemente o estro dos cultores do verso sob as forças do organismo pletorio de seiva, uma composição que possa enrubescer uma virgem. Não. Sonha e canta, e eleva a mulher sem jamais levar o fremito exaltado da volupia ao requinte.

Para o nosso glorioso cantor não é ella somente a flôr de carne, é, tambem, o anjo, a cujos pés, reverente, offerece as suas preces.

Não uiva, como um felino sensual, nesses gritos profundos da natureza, mas solta, apenas, ao sol da manhã perfumosa, a sonoridade angelica dos seus cantos que a envolvem, como o incenso azul e aromático envolve, no seu altar, uma santa.

No Sonho do noivado, por exemplo, que é o arrebatamento supremo do amôr, José de Mesquita modula:

« Sinto-me igual de tudo o que ama e que trabalha,
da flôr linda que se abre ao sol primaveril
nas nupcias vegetaes e o póllem de ouro espalha
no ar diaphano e subtil;

Igual da ave que vai seu ninho construindo
e de tudo o que vive e soffre e gosa, enfim,
aos casaes, nesse enlevo encantador e lindo
de um noivado sem fim ...

E bendígo-te, estrella em meu céu tenebroso,
Flôr de carne e de sonho, aurora, rosicler,
alma casta e gentil num corpo primoroso
mixto de anjo e mulher.»

O nosso poeta é uma organização muito delicada. Percebe, muita vez, a fuga das verdades maravilhosas, que habitam o seu mundo interior: motivos vagos, estímulos remotos, visões diluidas, fantasmaes, como se passassem sob uma camada de agua, rapidas, crusam-se, mas, antes de se perderem, as resonancias musicaes ficam encastoadas nas rimas sonoras:

Meditae bem no alto espiritualismo destes tercetos:

Ouço, na aragem leve, que perpassa,
Vozes de outrora e vejo, na vidraça,
Visões de um doce sonho enganador

E nas cousas reaes apenas vejo
Na incerta névoa fosca do desejo
Vagas visões dum mundo interior...

A introspecção alcança afirmações radiosas, senhoras. Na devassa, que a emoção, entreabrindo, como uma flôr, a alma do poeta, favorece, o analista colhe

apenas uma alma bôa, uma alma candida, que não compromette o sonhador. E, se, sobre o lodo da sensualidade, abre as brancas azas, qual a garça do poeta, não o tocam nem de leve, as suas pennas alvinitentes. Cantando a mulher, reveste-a de rimas, orna-a de festões, e, quando, porventura, solta, a todo o panno, o impulso ardente da sua paixão, não se encontra a *libido* inferior, mas pervaga, insatisfeito, torturado, sob a névoa de um pessimismo suave e digno. Eil-o:

IGNOTA DÉA

A que eu amo, a que eu quero, a que eu procuro,
e que, sosinha, me era o mundo inteiro,
que podia fazer doce e fagueiro
este viver que levo triste e obscuro,

A que tem no sorriso feiticeiro
o dom de abrir-me o mais feliz futuro,
a que podia ser, qual sempre a cura,
o meu primeiro amôr e o derradeiro,

A que pudera dar-me, num momento,
a crença, a gloria, o amor, o esquecimento
de tudo o que soffri e soffrerei,

A mais bella, a mais pura, a mais querida,
não ha de nunca, em toda a sua vida,
saber que a amei, que a quiz, que a procurei. . .

Descreva a mulher amada, ou, como um pantheista, exalte a natureza nos estos da sua maternidade fenomenal, desdobrando-se em flôres e frutos, a larva do sensualismo grosseiro, em José de Mesquita, està substituida pela intensa actividade artistica, transfigurada, nobremente, na alta dignidade dos sentimentos. Verme, hontem, hoje, passaro livre a cantar, a cantar. . .

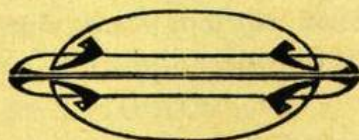
Eis, meus compassivos amigos, terminada a minha missão.

Procurei, quanto me foi possivel, amenisar a dureza do assumpto.

Melhor fôra discutisse questões mais praticas da

vida, como a crise, o cambio ou a impertinencia dos credores. Ou o *jogo do bicho*, por exemplo. Sim, a instituição inabalavel do *bicho*. É aqui está, muito a proposito, o baixio perigoso onde frequentemente sobra a galera dos sonhos do sabio viennense. Porque *o bicho* mata na cabeça a theoria de Freud. Pelo menos aqui em Cuiabá. Exemplo: sonhou com politicos, em ciranda eleitoral, esqueça Freud e compre immediatamente o *urso* que o palpite leva o banqueiro á fallencia na certa.

OLEGARIO DE BARROS.



Um quadro

A MEU PAE

Neblina fortemente! O vento remoinha,
folhas mortas, na alameda deserta...

Pela janella aberta,
envolta nos misterios da tardinha,
entra, dedilhada por alguém,
a tremulina doce da viola...

O som sentido, que se evola,
de onde vem?

Ninguem

presente a agonia brotando inconsciente,
do meu peito, áquelle som plangente...

Saio!

Lá fóra o frio e o vento açoitam;

Que importa!..

Ha, na ansia incontida que me exórta,
appellos, vozes que me chamam...

A viola chóra...

E os dedos que a ponteiam
tremulos, tateiam...

Agora,

implora!..

É um velho negro que no rancho miseravel,
Conta maguas ao « pinho » inseparavel...

Maio!

Manto de flores agasalha o prado.

Os beirões também aquecem passarinhos.

Mas, o peito semi-nú do desgraçado?!
Cantigas tece, como um frouxel, d'arminhos...

« Nêgo véio tá cum frio,
Tá cum fome, num tem pão...
Nêgo véio, panhô resfrio,
Num pediu ismóla não!... »

Nêgo véio, dá um *susprío*
Treme, treme, faz menção,
Qué cantá, mas tem *repio*
Joga a viola no chão »

Dos gravetos de repente, em labaredas,
desprende fórte, a resina das mangueiras...
E o velhinho, as feições estateladas,
vê em mim, uma das fadas protectoras.

Maria de Arruda Müller.

Sonata ao luar

Ao caro mestre e amigo
José de Mesquita

Beethoven estremece!
Seus ouvidos já lesados, apercebem
Vagamente, entre os canteiros e os rosaes
de Schoenbrunn,
Envolvidos na garoa luminosa
De uma noite invernosa,
— Nimbada de luar —,
— Pisar suave que amortece
Attritos dos saibros que o recebem!
Passos, de leôa entre os juncaes
de Khartum,
Elles, de sua dona fazem alarde:
São de Julieta de Guicciardi,
A amada mística do artista.
— Nalma ardente do grande pianista,
Não arrefece,
O amor infortunado. Embora tombem
Um a um seus ideaes,
Nenhum
Fenece! Qual lamentosos sons perdidos
De adagios nunca ouvidos,
As illusões em mésse,
Doiradas surgem... Sobem
Do coração a soar... desferem ais!..
— Entre o debrum
Da seda roçagante, rumorosa,
Approxima-se a insidiosa,
Furtivamente... Devagar!..
Num beijo que o enlouquece,
Envenena-lhe a vida... .. Resabem
A fel seus labios. Mas, em accordes lirias,
Sob seus dedos se desata,
A divina sonata...

MARIA DE ARRUDA MULLER.

Restauração

Ondulados pela brisa passageira
Verdes ramos, flexíveis, mas discretos,
Na luz mansa da aurora alviçareira,
Embalam com doçura, os ninhos irriquietos.

Pela amplidão immensa da clareira,
Em resonancias, se diluem sons concrétos!..
Do sol nado, seguindo a leve esteira,
Vão as aves e a revoada dos insectos...

Amanhece! Da sombra a se esfazer esquiva,
Envolta em tules de neblinas, desce,
O sopro caricioso dos perfumes... Cresce,

No meu coração tumultuaria e viva,
Restaurada á luz da minha fantasia,
A architectura dos castellos que eu fazia!..

Maria de Arruda Müller.

MINHA MÃE

Longe de ti — te sinto tão querida!
Perto de ti — te vejo tão formosa!
Bemdicta sejas tu, visão piedosa,
Que déste vida para a minha vida.

Commigo vences! commigo és vencida,
Virgem da Gloria! Santa dolorosa!
Cantas por mim! Choras por mim! Chorosa,
Bebes a mim!... na lagryma vertida.

E quando Deus quizer levar-me um dia
Para o mundo dos céos... (céos duvidosos!)
Quero-te, Mãe, velando-me a agonia...

Pois sei que eu, morto, meu olhar sem brilho,
Só teus labios terei, tremulos e anciosos,
Para beijar os labios do teu filho.

Octavio Cunha

BEM SECRETO

«Com o amor não se brinca» eu vejo escripto
Na tua carta — a ultima que leio.
Ouve: não cae o roseo altar de um rito
Por onde aos céos se vae, n'aza do enleio!

Ceguei a um mundo azul — novo infinito —
Onde existe a alegria e existe o aneio.
Só tu affastas a afflicção do afficto...
Meu doce amor, abriga-me em teu seio!

Unica aspiração de um grande affecto,
Nada domina tanto o meu sentido
Quanto o teu corpo que é o meu bem secreto!

Deixa meu beijo — colibri chilreando —
Mergulhar no teu seio appetecido
Para em teu coração viver morando!

Octavio Cunha

MALDIÇÃO

VIII

A Bryenne de Camargo

Fatal bico de abutre --- em grasnidos de fome —
Rasgue o teu coração terrível, tira a tira...
E não has de fingir novo amôr que me dome...
E nem terás de lêr novas paginas de ira !

Qual visão d'alem-vida, a maldicção assome
E amedronte, em castigo, ao teu ser que delira...
E has de te arrepender de tudo, nome a nome,
Que me vinhas jurar, de mentira em mentira.

Desçam de um céu de fogo, em luminoso insulto,
Raios cortando o espaço, em trovões, sobre o mundo,
E reduzam a cinza os restos do meu culto... .

E as crenças que me déste e jogaste, uma a uma,
Sob o immenso terror de um tumulto sem fundo,
Onde a Fé não germina e o Nada se avoluma !

Octavio Cunha

A lua

*A's vezes saio á noite, a contemplar
Poetisa do azul—a nivea Lua,
Tão calmo e frio no meu peito atua.
O denso raio do seu meigo olhar...*

*Concha leve de prata a desvendar
A grandeza do Céu toda desnua! ...
A mim parece que minh'alma nua,
Vaga também no azul, sob o luar...*

*Recito versos meus á Poetisa,
E a minha tristeza se ameniza
Em poeira de prata me inundando...*

*Noiva de poeta—chamo-a, em pensamento,
E ella vai pelo céu, mui lento... lento...
A epopéa da noite recitando!*

Franklin Cassiano

Rithmos novos

A Arnaldo Serra

*Secaram-se as fontes veludineas
Dos meus sonhos gentis da juventude! . . .*

Versos? . . .

*Ah! Quem dera faze-los, hoje em dia,
Como segrega a flôr do seio da corolla,
O perfume subtil que na amplidão ascende,
Nas sanguineas manhãs destes dias de Maio. . .*

A mocidade passa. . .

*E com ella tambem, pouco a pouco se esvae
Todo a gloria ideal que a nossa mente aquece;
Nossos labios que outr'ora decantavam versos,
Hoje, tremulos, indecisos, fatigados
Murmuram soluçando um rosario de preces. . .*

A mocidade passa. . .

*E a velhice nos traz uma amargura intensa,
Um desejo incontido,
Uma ansia cruel
De volvermos, de novo, ao passado longinquo.
E vivermos, outra vez, toda a vida vivida,
Toda a magua chorada
Dos dias que já foram e não virão jamais.*

Franklin Cassiano

Solidão

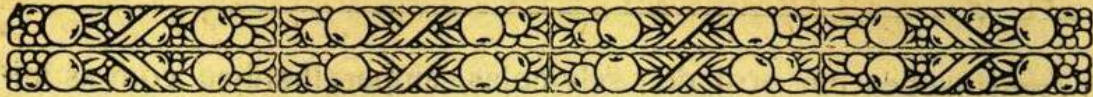
No horizonte coberto de fumaça
e pó, declina o sol. Pelo interior
da mata, nem um fio de água escassa
põe na terra uma gota de frescor.

Um mundo de perfumes no ar perpassa,
de frutas, de resinas e de flor.
Por entre as frondes, que a soalheira abraça,
arfam as pombas, tontas de calor.

Como um órgão oculto entre os altares
das rochas, reza o vento uma oração.
Na voz do vento, que sacode os ares,

ouço offegar o seio do sertão:
cantam em cântico todos os palmares;
e volta a calma, enchendo a solidão.

Lamartine Mendes



D. MALAN

A historia do Brasil, especialmente no periodo que se inicia com o governo de Thomé de Souza, debalde se tentará comprehender desprezada a influencia constructiva dos jesuitas, collabores abnegados do expansionismo lusitano.

Na sociedade colonial, que se desenvolvia á luz dos tropicos, pela expansão brutal dos instintos individualistas que a Renascença estimulára, campeava a libertinagem pagan, de harmonia com a ambição desenfreada.

Aos reinões transplantados deparavam as tribus indigenas facilidades para satisfação do egoismo em todas as suas modalidades, desde o captivo impiedoso, por meio do qual se lavrasse a terra virgem até a polimancebia cultivada sem acanhamento.

Mas, veio Nobrega, o primeiro, com os seus raros companheiros, entre os quaes se notabilisaria Aspicuelta Navarro, pela presteza no assenhorar-se das peculiaridades da "lingua geral", em que se expressava correntemente, ao fim de poucos mezes.

Entraram a refrear as paixões dos seus patricios, do mesmo passo que forcejavam por livrar os indios das desventuras, a a que estariam condemnados pela cobiça dos colonos.

Contrastando com os processos de aproximação postos em pratica pelos francezes que lograram a amizade e cooperação dos aguerridos tamoyos e de outras tribus, com as quaes lhes conviesse negociar; os portuguezes ostentavam por toda a parte, o seu poderio, em vespers já de sossobrar, e o menospreço em que tinham os naturaes da colonia, revelada por Alvares Cabral. Crescia-lhes, surdamente, o odio contra o invasor deshumano, quando aportam ás plagas viciosas os cruzados ignacianos, que lhes tomariam a defeza.

Pelas aldeias desconfiadas insinuou-se a roupeta do catequista, que em breve sellaria a fecunda alliança do colono com o indigena.

Os trabalhos, a que se expuzeram por decennios de activas

peregrinações em prol dos selvícolas, emparelham-se com as iniciativas lembradas para beneficiar os conquistadores, seus descendentes.

As mais relevantes, que então assignalaram os fastos brasileiros, trazem o cunho, ou a collaboração do jesuita, sempre alerta no estudo das questões, que interessassem ao país.

A primeira entrada, á procura de minas de metais preciosos, a expulsão de Villegaignon e a sua gente da Bahia de Guanabara, a fundação da villa de Piratininga, por onde a vaga de navegadores investiu, planalto a dentro, escudada em reducto inaccessivel ás tropelias litoraneas, as estradas, que ainda lhes conservam as tradições, o armistio de Iperoig, que desarmou o furor invencivel dos tamoyos, de tudo participaram os discipulos de Loyola aos quaes ainda sobrava ensejo de emittir parecer em assumptos de governança, a que fossem convocados a opinar.

A função principal, todavia, a que applicaram toda a sua competencia, de emeritos educadores, concentrou-se nos varios collegios, com que dotaram os principaes nucleos de povoamento, para preparar as gerações futuras, uma vez que os contemporaneos mais difficilmente lhes acatavam os ensinamentos de moral severa, em represalia á relaxação dos costumes renascentistas.

Os institutos de ensino, fundados e mantidos pelo seu zelo de proselytismo, constituiram, por longos annos, a possibilidade unica de se instruirem, no Brasil, os que não quizessem, ou não pudessem, atravessar o Atlantico, para frequentar as escolas da metropole.

E nestes centros de estudos, admiravelmente dirigidos, mais de um alumno se emplumava para altos vãos, nos dominios da intelligencia.

Ainda que de outra maneira não se manifestasse a actividade ignaciana, bastaria a educação da juventude luso-americana, por um seculo, até a era de Pombal, para lhe grangear o reconhecimento da Posteridade.

Assim, tambem ocorrerá, guardadas as devidas proporções, á historia de Matto-Grosso, a partir da presidencia Murinho, e ao influxo da cohorte de D. Bosco, mobilizada para fins semelhantes aos que reuniram a milicia de Loyola.

Quando lhe appareceu a primeira missão salesiana, Cuiabá centralisava mais do que hoje, a vida administrativa e intellectual do Estado.

O Sul era apenas a riqueza potencial, que não contribuia ainda para engrandecel-o, em proporção ás suas possibilidades.

A distancia, disservida de vias de communicação efficientes, difficultava-lhe o desenvolvimento economico e o mantinha des-

povoado, entre a Capital remota e a vizinhança paulista, que a floresta do Tieté, povoada de Kaingangs, tornava inacessível.

Por isso, não poucas famílias sulistas despachavam os seus filhos para os estabelecimentos cuiabanos de instrucção, onde se preparassem para mais tarde frequentar as Escolas de ensino Superior.

Hoje, a Noroeste facilita-lhes a utilização do aparelhamento escolar de S. Paulo, quando não preferam, nas proprias cidades sulinas, experimentar-lhes os institutos educativos, cuja matrícula avulta de anno para anno.

Para leste, a lenda lhe povoava as paragens de scenas pavorosas, de que participavam, como figuras impiedosas, os bororos, que Duarte se ufanava de ter trazido ao convívio civilizado.

Em verdade, assim occorrera, no crepúsculo da monarchia, mas ainda se mantinham desconfiados os indios, principalmente os grupos do Alto S. Lourenço, que pervagavam até aguas araguanas, de onde, não raro, partiam noticias atterradoras, justificativas do despovoamento, em que se mantinha a região promissora.

Chegou, porem, em Junho de 1894, a Cuiabá, D. Lasagna, com a primeira turma de salesianos, que iriam operar no Estado, conforme estatuiam os regulamentos de sua congregação.

Mezes depois, dão principio ao ensino primario, que se dilatava pelo secundario e profissional, no Collegio S. Gonçalo, que tamanha influencia iria exercer na educação da mocidade mattogrossense, a quem hoje está confiada a magistratura, a direcção administrativa de mais de um departamento do Estado, a chefia politica ou de fórmulas varias da actividade local.

Quasi todos os homens da geração que surgiu para a vida academica nos tres primeiros lustros deste seculo, deveram-lhe a iniciação nos estudos secundarios.

Acreditamos opinar com a imparcialidade de observador de outro lado da trincheira, que frequentava, nesse tempo, as aulas do Collegio concorrente, onde a batina era combatida sem trégua, por um egresso do seminário, que fundara e dirigia o Atheneu Cuiabano.

Nada devemos, pois, á pedagogia salesiana, que mal experimentamos, de passagem, em curto prazo.

Mas, á distancia, fóra de quaesquer preconceitos, ou prevenções, podemos, pelos resultados, aquilatar-lhe a valia, comprovada pelos seus discipulos, que hoje dirigem a sociedade mattogrossense, directamente, quando collocados em postos de commando, ou indirectamente, pelos meios de acção, que lhes permite a cultura intellectual ali começada.

Pouco importa que, mais tarde, muitos delles se tenham passado para o campo adverso, onde alçaram a bandeira anticlerical, sem apego nenhum ás doutrinas religiosas em que foram iniciados.

Nem por isso deixarão de pertencer á legião dos que se beneficiaram, quando jovens, do ensinamento salesiano, em cuja luz se lhes banhara a intelligencia, na phase de mais viva curiosidade, a que os discipulos de D. Bosco proporcionavam adequada satisfação, de maneira attraente, que repellia os processos pedagogicos barbaramente anachronicos então vigentes.

Simultaneamente, aos boróros estendeu-se a mesma activa resolução de contribuir para o progresso local, subordinado, está visto, ás suas directrizes.

As colonias que estabeleceram no remoto planalto, serviram de nucleos de condensação em torno dos quaes se agruparam os andejos selvícolas.

Frequentados os sertões araguaianos pelas comitivas que iam e vinham a serviço da congregação, desapareceram de todo as ameaças que afugentaram os primeiros povoadores.

A pouco e pouco o deserto se foi abrindo em fazendas e sitios, que já lhe mantinham serena a vida, quando sobreveio o surto da mineração do diamante, feito irreprimivel componente aos destinos economicos da região.

Quer actuando, pelo ensino entre os civilizados, ou mediante a catechese junto aos boróros, cujo estudo mais completo se originou das observações e cuidados de um salesiano — o padre Cobalchini — alçou-se a missão á justa fama, que não a livrou de invectivas de varia especie, como outrora succedeu aos jesuitas.

Nenhuma critica, entretanto, jamais embotou o zelo religioso de D. Malan, que avulta entre os seus directores, com a superioridade notavel de organizador operoso e progressista.

Mercê dos seus esforços incansaveis e da habilidade no conduzir os missionarios por longos annos confiados á sua chefia, conseguiu proporcionar incontestavel prosperidade á Congregação, que lhe era o orgulho de propagandista do seu credo. Director do Collegio ou inspector Geral, da Missão Salesiana, soube trabalhar com amor, para engrandecel-a, do mesmo passo que tambem concorria para o progresso do Estado.

Mais de uma phase de provações transpoz, com fino tacto diplomatico, e perseverança incançavel, que o tornaram merecedor de galardões na sua propria carreira.

Sagrado Bispo de Petrolina, transportou a outro scenario

tão diverso d'aquelle, onde passára a melhor parte da sua actividade religiosa, a mesma *sympathia communicativa*, que não tardou em lhe grangear a estima e respeito de novos amigos.

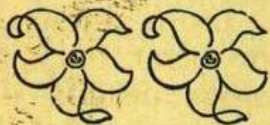
De lá veio, para participar do Congresso realizado em honra a Christo Redemptor, por ocasião da inauguração do monumento erguido no Corcovado. Terminada a reunião, foi, antes de regressar, como de costume, rever a lendaria igrejinha da Apparécida, onde o picou a primeira estocada da pneumonia, que lhe terminaria os dias em S. Paulo, pouco depois.

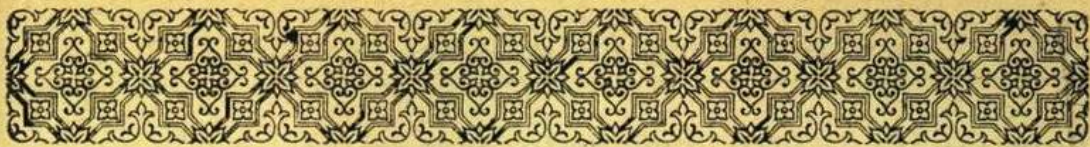
Baqueou, pois, em plena gloria, quando ainda lhe ecoavam nos ouvidos os hymnos e glorificações, que assignalam a primeira quinzena de Outubro, e o acompanhavam as venerações dos seus diocesanos, que em homenagem ao seu chefe espiritual cuidaram de recolher-lhe os restos na propria capital do seu episcopado. Para Petrolina, seguiu, pois, pela vez derradeira, inanimado, aquelle que de lá viéra sadio ainda na sua verde velhice, cheio de esperanças de bem fazer e satisfeito da missão, que lhe coubera desempenhar.

Com D. Malan, desaparece a individualidade, que mais trabalhou pela missão salesiana em Matto-Grosso veterano dos tempos de afanosa adaptação, e para-raios de todos os golpes contra ella vibrados.

Italiano, de nascimento, acclimou-se ás maravilhas em Matto-Grosso, de que só os afastaram a obrigações sacerdotaes, que o levaram a outras paragens, sem esquecer o Estado, onde se lhe patentearam as invejaveis qualidades de administrador atilado e progressista empreendedor que dava relêvo ás suas dedicações religiosas.

W. Corrêa Filho.





CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTUDO DA LÍNGUA

I

(Lido na Hora Literária de 24—6—1931)

«... A língua e a religião são as duas cadeias de bronze, que unem, no correr dos tempos, as gerações passadas às presentes, e êstes laços, que se prolongam através das eras, são a pátria...» (Alexandre Herculano, "*Lendas e Narrativas*," vol. II, página 185).

Tôdas as vezes que lemos as palavras da ementa saídas da pena portentosa do imortal A. Herculano, ficamos possuídos de maior dóse de coragem e do dêver, que todos temos, de bem tratar o idioma, de que nos servimos no caminho da vida, para expressarmos a alegria, como a dôr, o entusiasmo e a tristeza, e satisfazermos as nossas multifárias necessidades, quer materiais, quer espirituais.

Os estudiosos da língua prosseguem, com fé, que sem ela nada se faz, nada se constróe e nada se apruma, na sua meritória e trabalhosa mondagem.

Não dão ouvidos à crítica ôca dos demolidores, dos zôilos, nulos e impatrióticos, das quais, em todos os tempos, aqui e além, teem aqueles sido vítimas.

Para uns são sabichões, padres-mestres, gramáticos e coisas que tais, em tom galhofeiro e depreciativo, os que tratam de estudar a língua; para outros, o estudioso não passa de pedante, porque se esforça no com-

bate contra o êrro, baseando as suas afirmações no fraseado castiço e têrso dos mestres do bom dizer, como Manuel Bernardes, Camilo Castelo Branco, Castilhos, Garrett, Rúi Barbosa, Machado de Assis, e tantos outros, que honraram e honram uma geração.

Sejam os estudiosos da língua o que quiserem os críticos e os ignorantes ou indiferentes; sejam êles uns sujeitos impertinentes, metediços em tudo que se relaciona com a erronia, com o solecismo, que afeia a linguagem; sejam pedantes, por cimentarem as suas lições nos exemplos dos escritores de nomeada, pois não hão-de tomar como padrão a linguagem dos almocreves e carroceiros! Para nós e de-certo para todos os intelectuais, são êles patriotas de verdade, homens úteis à humanidade, não só do seu tempo, mas, também, das gerações que lhes são porvindouras.

Prestam ainda à pátria relevantíssimo serviço, porque a língua é rica herança dos nossos maiores, e o traço de união que nos liga ao passado. Esse traço de união, no dizer de Herculano, é a própria nacionalidade a se perpetuar, a se dourar de ouropéis, a se cobrir de glórias, a se expandir para todos os quadrantes.

Baste-lhes isso! Baste-lhes o estímulo da crítica sensata e construtora, feita pelos que sabem dar valor ao mérito, pelos intelectuais, que também estudam, para movimentar a literatura!

Que não lhes esfrie o entusiasmo e não lhes embo-te a fortaleza de ânimo o desestímulo resultante do indiferentismo da maior parte dos homens às coisas do idioma, são os votos ardentes que sempre fazemos.

Ilustrem cada vez mais o espírito no estudo meticoloso, para que possam, com os seus argumentos por vezes indestrutíveis, vencer, de todo, a onda avassalante dêesses indiferentes e extirpar a ignorância.

Teem êles a palavra de encorajamento dos cultores da ciência, os quais não escutam a crítica insidiosa dos

que não estão na altura de fazê-la; nem se incomodam com o farpear dos refractários ao estudo, dos que não podem assimilar, por lhes faltar a instrução basilar; não ouvem o azoinar dos ignorantes, essa arenga eterna e fastidiosa, pois êstes não sabem o que dizem; falam sem base; não sabem o que desejam; são baldos de argumentos. São, no entanto, arrojados, por afirmarem sem prévio exame, por não juntarem às suas afirmações argumentos que resistam a uma análise séria e desinteressada.

Felizmente, porém, pouca gente os leva a sério, prestando, assim, à ciência inestimável serviço.

Sim, ninguém, de senso perfeito, com a plenitude da razão e das qualidades para refletir por uns minutos, iria subscrever ou aprovar uma arrojadíssima declaração, divulgada há uns dois anos, pouco mais ou menos, pelo jornal "O Estado de São Paulo", e assinada por um indivíduo, cujo nome não ocorre, segundo o qual era *cretino* (sic) o lexicógrafo lusitano Cândido de Figueiredo.

O criticastro escreveu aquilo, certamente sem tremer, por haver encontrado, (disse êle), na terceira edição do Grande Dicionário, daquele filólogo e poliglota português — obra perfeita, como as que mais o sejam — vários êrros de significação e numerosas lacunas, como o não registo de têrmos usados na botânica e na linguagem médica.

Tudo isso, continuou o crítico sem entranhas, porque o Sr. Cândido de Figueiredo teve o orgulho, em detrimento da língua portuguesa, de não querer ajuda, a colaboração dos competentes, na feitura duma obra como um dicionario.

E o ferrabrás, que se dizia botânico, talvez para mal dos que estudavam a atraente ciência das plantas, concluiu, de férula em punho, feroz e ameaçador, pela arrojada asserção de que ninguém, sem auxílio de outrem, se deve julgar competente para escrever um léxi-

co da respectiva língua — o que vale por dizer que era incompetente o saudoso filólogo beirão! Concluiu pela cretinice do verdadeiramente douto dicionarista, e quem diz cretino, diz incapaz! *Risum teniatis!*

De nada, porém, valeu a objurgação felina! Cândido de Figueiredo foi e continua a ser o Mestre de nós todos e daquele botânico desabusado. De-feito, portugueses, brasileiros e todos que falam e escrevem a língua de Camões e de Vieira bebem, com sofreguidão, com essa bem-dita sêde de saber, as inúmeras lições que lhes ministrou pelo espaço de quatro décadas, e que, graças à sua fortaleza de ânimo, ao seu patriotismo e amor a ciência, fez imprimir em letras de fôrma e distribui-las em grande quantidade de livros. Fez isto a bem dos seus contemporâneos e em favor dos porvindouros, para nosso bem e preparo, para que nos habilitemos a enfrentar, com galhardia, os precalços da vida terrena. Continua êle sendo o mestre dos mestres da-lém e daquém-mar, como se vê das inúmeras citas, que ilustram as nossas obras de linguagem portuguesa.

E era cretino; era incompetente para escrever um vocabulário!... *Nec, plus ultra crépidam!*...

Num dêstes dias, conversávamos nós e um professor de português, quando êste se referiu ao arrôjo de certas pessoas se atirarem à liça das discussões filológicas ou gramaticais, sem possuírem a cultura exigida para debates desta natureza, ou ainda que a possuam de um modo geral, sem, entretanto, se darem aos estudos gramaticais ou filológicos.

Constitúe êsse vezo um sofrimento aos que, de facto, estudam, porque quási todos se arrogam o direito de pontificar, bastando, aumentou o douto professor com quem palestrávamos, que decorem umas duas ou três regras de gramática, sejam ou não incompletas ou mal formadas. E com êsse único cabedal, julga muita gente

que póde ser par nas discussões ou afirmações dos que teem razão de ser entendidos de coisas da linguagem, porque estudaram ou estudam, revolvendo os arquivos empoeirados e buscando as obras dos clássicos, onde se patenteiam os *factos incontestáveis*, as leis lingüísticas, que vêm presidindo ao evolver da mesma linguagem, desde a sua formação até os nossos dias.

Não se ouve alguém, que não seja engenheiro ou que tenha estudado engenharia, a discutir questões dessa ciência; ninguém, sem ser arquiteto, discute arquitetura; nem medicina, sem ser médico ou estudante, salvo os curandeiros, mas êstes se esbofam no perquirir os tratados e em folhear os formulários, sendo, por isso, estudiosos duma parte da aludida ciência; nem o serviço grosseiro de pedreiro ou carpinteiro, o indivíduo, não sendo iniciado, não se aventura a discutí-lo. E tudo isso pelo receio que teem os homens de cometer êrros, de cair em cinças, que de certo modos os diminuem aos olhos dos seus semelhantes.

No que toca ao terreno do idioma, a coisa muda de figura, como vimos atrás.

Êntretanto, a ciência da linguagem é transcendental, e o seu estudo requiere alta soma de paciência e bôa vontade, assim como grande parte do tempo duma existência humana.

Então, no que diz respeito a sistemas ortográficos, a grafias de certas palavras, o costume de discutir e contradizer sóbe de ponto, que o pobre do estudioso se vê, a cada passo, martirizado com perguntas de todos os tamanhos e para todos os paladares. E o pior é que ha certos impertinentes, com ares de quem entende muito, que se não conformam com as respostas, tentando fazer ver que não é assim, como o interlocutor afirmara!... E vêm logo com rosário de argumentos, por vezes absurdos, em que os dispautérios pululam, num crescendo que faz a gente tremer de indignação, por ver que a ignorância toma ares de vencedora.

Refractários a qualquer refórma ortográfica, porque aprenderam a escrever por um sistema, seja embora dispartado e anárquico, não há meio de se lhes fazer compreender a razão e a excelência de um novo sistema.

Provam isto os ataques desarrazoados contra a grafia portuguesa, ataques que já se tornaram sedições. Mas, são inofensivos.

A guerra de morte votada à ortografia racional simplificada parte dos que não teem voto na matéria, dos que não estudam e querem ser letrados, salvante raríssimas excepções.

Os intelectuais que não a usam, também lhe não maldizem a excelência; deixam-na de um lado, ou por um como conservadorismo dinâmico, que, em alguns espíritos, é como uma segunda natureza, ou por se não darem a estudos, muitas vezes pela constante preocupação na carreira em busca da vida.

Alguns, por maldade ou ignorância, a confundem com a fonética ou sonica, que ninguém usa, por atentar contra a etimologia.

Outros, por notória pobreza de cultura, chegam a dizer que erram, que não sabem escrever ortograficamente falando, os que grafam de acôrdo com os cânones da simplificação...

Apisoados, da fôrma descripta, os pobres dos mortais que resolveram um dia conversar a miúde os bons gramáticos e filólogos, e que tomaram gôsto no coligir fatos e ensinamentos, ficam êles, por vezes, como que esmorecidos, chegando, de certo, a lhes perpassar na mente a vontade de recuar, o desêjo de fechar o livro, deixando-o entregue ao esquecimento e à poeira sacrílega das estantes.

Mas, como o cérebro cultivado reclame imperativamente novos conhecimentos, mais cultura; como não admita muito lazer, a reflexão faz-lhe a vontade, e o amante dos livros vai a buscá-los, espanja-os, afaga-os e os abre com o carinho que merecem.

Continuam, então, na carreira atrás do saber, que não é encontradiço, e é um pouco ríspido, não se acamaradando com tôda gente, mas se irmanando com os que não temem lucubrações, os quais, por isso mesmo, sempre vencem. E' o que temos observado através dos tempos. Sim, a inteligência, como é criadora, como ilumina o tempo e o espaço, reduzindo às suas justas proporções a negrura da ignorância, sempre tem a palma da vitória, sem se alabar o que a possui, porque ela é dom, que nem a todos é conferido.

Essa alma vitória estão fruindo agora os que teem defendido a simplificação ortográfica, colocando em nível científico a ortografia, pois, como já é do domínio público, temos a grafia oficial brasileira, que é a mesma de Portugal, a chamada *racional! simplificada!* Parabens à porção álaçre de estudiosos de fonética! Vivas felicitações aos propugnadores brasileiros da refórma ortográfica, ora oficializada, e que porá de lado o incoèrente e anárquico sistema misto. Preciso é que estudemos todos os artigos, números e alíneas do acôrdo ortográfico luso-brasileiro, para o fiel cumprimento da lei.

II

COMO SE TRATA O IDIOMA!

(Lído na Hora Literária de 17—1—1932)

Caturra é, *v. g.*, aquele que é teimoso, o que vive a discutir, clamando contra o que se lhe afigura mal feito, viciado ou fóra das normas autorizadas.

Para muitos, o caturra é o mesmo que *palmatória do mundo*, é tipo quasi indesejavel.

Para outros, porém, é êle de algum préstimo; e útil aos que não teem preguiça, aos que teem vontade de estudar e de acertar sempre e por isso mesmo se esforçam por não persistir no êrro.

Diz-se por aí, sem reboços, que constitue um verdadeiro perigo a certos cidadãos o caturra dado a estudos filológicos, gramaticais e literários.

Desagradável há de ser, por sem dúvida, a um mísero mortal, que se julga muito no certo, a irritante atenuação do caturra, a meter o bedelho em tudo, a dar o seu indefectível aparte, a sua lição, quando não é para isso chamado, ou não possui a necessária competência.

Disto se infere que o caturra só é vitando, só deve ser tido como indesejável, quando lhe escasseiam os elementos para poder discutir, orientar, emendar e ensinar; quando, pretendendo criticar trabalhos alheios, escorrega a cada passo, perpetrando êrros sôbre êrros e fazendo jus, destarte, a umas boas pancadinhas com aquela coisa de madeira de lei, que, em tempos que já se foram, era o pavor da petizada vadia e má comportada.

Em se tratando do nosso belo e incomparável idioma, das suas fórmulas genuínas, da sua limpeza e conservação, é providencial a atuação do estudioso, do caturra competente, do mestre que, com a sua autoridade e patriotismo, veta a erronia, cancela os aleijões gráficos, e mostra o certo, o incontestável.

Aos que maltratam a língua, que tem direito ao carinho de nós todos, não é demais o castigo com a férula de cerne, de saudosa memória e, digamos de passagem, de necessária aplicação nestes tempos de indisciplina e desamor aos estudos.

Sim, obra de monta é o escorcharem-se com fôrça aqueles que concorrem com o seu mau exemplo e danosa prática para o abastardamento da linguagem portuguesa, enxertando nela peregrinismos dispensáveis e lhe afeando a construção com uma concordância solecista, ou ofendendo a sua lexiologia com o emprego de termos dialetais.

Há vários agentes que poderiam concorrer eficazmente para o hábito da sã linguagem, para o fraseado

cristalino. Infelizmente, porém, tem sido deletéria e verdadeiramente perturbadora a ação desses agentes, que são: certa imprensa, os dísticos cinematográficos, os anúncios que se colocam na via pública, o mau professor e o mau livro.

A imprensa, que é a voz do povo e o reflexo do preparo intelectual dos jornalistas; a imprensa, que deve projetar luzes nos cérebros onde se aninha a dúvida, e assim auxiliar a tarefa dos educadores; a imprensa, que é um dos mais poderosos meios de aperfeiçoamento e, por assim dizer, o farol, o guia da mocidade, dessa mocidade guapa, que engrandecerá o Brasil de amanhã — a imprensa não prima pela correção e pureza do idioma, salvantes respeitáveis e honrosas exceções.

De-feito, correm através do Brasil e nos países estrangeiros jornais e revistas, cujos responsáveis, parece, se comprazem em deturpar a língua portuguesa, apresentando, em letras de fôrma, aos principiantes e aos adventícios, os mais revoltantes dislates, léxicos e sintáticos: palavras mal formadas, como *jutebol*, (aportuguesado), *licionista*, em vez de *liceista*, etc.; regências errôneas; concordâncias mancas. E como se isto não bastasse, estabelecem a balbúrdia ortográfica, escrevendo e fazendo imprimir cacografias de arripiar e indignar até os indiferentes aos estudos da fonética. É que muitos, que tem pendor para as lidas jornalísticas, estudaram de afogadilho e pela rama os cânones da simplificação ortográfica, recentemente oficializada. Vem disso o fato de se encontrar num mesmo jornal ou revista e às vezes num mesmo artigo, uma palavra escrita em duas ou três grafias, observando-se então a sedição e enfadonha briga do *s* com o *z* e do *z* com o *s*.

Tudo isso provém da facilidade com que são recebidos nas redações, sem exame, que não o aceitam os que se julgam sabidos, os trabalhos dos neo-jornalistas.

Por outro lado, qualquer um póde fundar um jornal ou coisa que a valha. Se o fundador é competente

ou tem colaboradores competentes, não resta a menor dúvida, temos mais um propugnador do progresso e veiculador da boa linguagem. Mas, se aqueles que pontificam em o novo jornal não tem a cultura necessária para ser jornalistas e se são do mesmo quilate os seus colaboradores, então o que temos é mais um pelourinho para assassinar a boa gramática, mais um destruidor do idioma! E ai daquelle que se meter com o reizinho! É logo mimoseado com uma série de injúrias, é logo arrastado publicamente pela rua da amargura. Os pseudos jornalistas, que mal sabem ler, se apresentam ao público como letrados e cultores da língua. Em geral, detestam os estudiosos e verdadeiros defensores do bom dizer.

Os anúncios pagos, dizem os redatores, são invulneráveis, porque se julga sabichão quem os escreve, e por isso não admite e toma como ofensa qualquer corrigenda.

O mesmo se verifica com certos artigos, cujos autores são capazes de matar o revisor audacioso que lhes consertar as cincas.

Como sabemos, arraigado está entre nós o vezo de se empregarem, especialmente nas crônicas sociais, termos franceses e ingleses como se não houvesse, em o nosso riquíssimo léxico, os correspondentes vernáculos. Fazem-no por elegância, dizem os amantes de exotismos. Tal elegância vai se tornando desaforada e irritante; vai concorrendo impunemente para essa danosa mistura de vocábulos de várias línguas, às vezes com desrespeito às respectivas ortografias.

O caturra diz que isso é pedantismo.

Tome-se de um órgão de publicidade, que facilmente encontrar-se-ão os vocábulos franceses *madame, mc-demoiselle, monsieur, dessert*, e os termos ingleses *footing, Mister*, e outros que tais, além dos chamados galicismos com roupagem portuguesa — *Teve lugar, amor pela pátria, amor pelo filho*, tão ao sabor dos francelhos.

E que diremos das célebres listas de iguarias dos hotéis de luxo, e dos banquetes? Apenas isto: — Aqui mesmo nesta tradicional Cuiabá, que se preza de brasilidade, temos tomado parte em vários banquetes, e somente num que nesta sala se realizou, em homenagem a José de Mesquita, tivemos o prazer de ler em português o respectivo cardápio — o que de certo vem revelar o amor dos imortais matogrossenses à pureza do idioma. Em todos os demais a que temos comparecido havemos notado as listas em francês, às vezes em mau francês. Parece que estamos, não num recanto ameno e hospitaleiro do Brasil, não em um salão da acolhedora capital de Matto-Grosso, mas numa terra de França!

Clamorosas desobediências às regras gramaticais e à história da língua perpassam, gravadas nas películas cinematográficas, diante dos olhos do povo; são lidas e relidas pelas crianças, inclinadas a tomar como certo o escrito em letra redonda. Essoutro grande mal o nosso idioma o deve aos maus tradutores, aos que não conhecem bem a sua sintaxe, as suas dificuldades e idiotismos.

Apresentam quasi sempre dislates de linguagem, os quais ao observador causam hilaridade e ao mesmo tempo tristeza, os anúncios de propaganda comercial, gravados nos cartazes, nas paredes, montras e veículos, onde ficam a nos ferir a retina e a nos causar certa revolta íntima, por ficarmos possuídos da penosa impressão, de que se casam o indiferentismo e a ignorância para, unidos, desfigurarem ou adulterarem a língua culta—a mais bela flôr do Lácio!

Como o jornal e a revista, que não fazem questão de linguagem castiça, o mau livro, aquele que é escrito sem outra preocupação que a comercial, forma na terri-

vel fileira dos agentes destruidores da pureza, integridade e beleza da nossa língua. Entretanto, encontram compradores os maus livros!

Tudo isso que acabamos de denunciar está a exigir o corretivo da reação dos verdadeiros patriotas e intelectuais, cujo exemplo continuado é, por sem dúvida, de grande proveito.

Por último falaremos do mau professor, daquele que, abraçando ou aceitando a honrosa e nobilitante profissão de ensinar, a transforma em ganha-pão. De feito, o mestre ou mestra que, por preguiça ou comodismo, não apara as arestas da pedra bruta, deixando que a juventude persista no êrro, aprendido como acêrto no mau livro, no mau jornal, na rua, no cinematógrafo, ou no apreender a linguagem materna, quasi sempre descuidada e cheia de fórmias do falar popular, não pôde ter amor à sua sacrossanta missão, de cuja finalidade se distancia criminosamente.

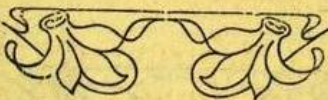
Do professor incompetente nada diremos, porque lhe não pesa a culpa de ter sido posto à frente de uma classe de estudantes.

Reajamos galharda e fervorosamente contra a impatriótica ação dêsses agentes que atrás citámos, para que não apodreça a língua culta que herdámos, e que já se vai transformando em grosseiros e indisciplinados dialetos!


Devemos repelir as fórmias estrangeiras, desde que tenhamos aquelas que lhes possam corresponder, ou desde que possamos formar neologismos, com obediência às leis da etimologia e da fonética histórica!

Se assim fizermos, teremos cumprido um grande dever, teremos prestado à pátria um valioso serviço.

Severino de Queiroz.




A Retirada da Laguna



(POEMA)

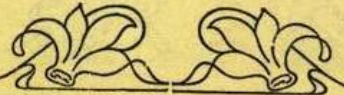
ANTONIO TOLENTINO DE ALMEIDA



Dedicatória

A' estrellada memoria do visconde de Taunay.

Taunay ! Si de onde estás, do céu profundo,
Te é dado inda envolver com este mundo,
Onde tu vives, brilhas immortal,
Acceita e me perdôa a audacia insonte
E pergunta ao famoso Xenofonte
Si delle és emulo e a façanha igual.



I

Vem de S. Paulo, de Goyaz e Minas
Por densas mattas, chapacões, colinas,
Inclytos moços de sorrir taful;
Os rios erguem a caudal bramante,
De prompto a cortam, proseguindo avante,
Vão para a guerra que ensanguenta o Sul.

II

Dois annos já de travessia ousada !
Muitos findaram na cruel jornada
Até Miranda, que alarmada está;
D'aqui por diante são o horror, a guerra,
As privações por inimiga terra . . .
Quantas angustias os esperam lá !

III

Prevêm já tudo e, no entretanto, aneiam
Pelo momento de luctar, gorgeiam
No coração promessas de vencer,
Baldos recursos não lhes causam medo;
Têm a firmeza inteira do rochedo,
Certa a confiança no Supremo Ser.

IV

Fazem a marcha assim: segue na frente
O Dezesete Batalhão valente
Ao commando de Enéas, — a explorar,
Já se avistam de ionge os inimigos
Que ponderando nos fataes perigos
Desapparecem como sombras no ar.

V

Marcha agora o Vinte e Um que, airoso, trilha
Rumo Taquarussú, onde, em guerrilha
Os paraguayos agem, desleaes.
José Thomaz, intrepido, em commando,
Manda a força avançar e esta avançando
Só vê d'aquella gente a poeira atraz.

VI

E porque sem surpresa elle percorra
Toda a linha a seguir até Machorra,
Faz ouvir o ribombo do canhão.
O forte Bella Vista treme todo!
Paiva commanda o Vinte e, com denôdo,
Transpondo o Apa, vae tomal-o então.

VII

Ardia em labaredas o baluarte;
Pisando escombros quentes, o estandarte
Brasileiro, Juvencio alli plantou;
E entre vivas á Patria e á Monarchia,
A' brisa que soprava nesse dia,
A bandeira auriverde tremulou!

VIII

O commandante em chefe, de alma digna,
Que estes feitos gloriosos determina,
O incansavel e bravo Camisão,
Não se detêm, não pára, não descança;
De envolta aos mil sorrisos de esperança,
Pensa na fome — atroz desillusão!

IX

O valoroso luctador prosegue
Na róta perigosa, sempre entregue
A mil cogitações que n'alma tem.
E' seu plano atirar-se pelo Norte
Da inimiga Nação, porem a sorte
Não o deixa avançar, passar alem.

X

Comtudo, o invicto chefe quer que fique
Signal de desaffronta, acção que indique
O valor brasileiro, impresso alli.
A espada em punho, em frente da columna,
Apontando direito p'ra Laguna,
Disse confiante: E' para lá . . . Segui !

XI

Posta-se á frente o intrepido Rufino
Que o Primeiro commanda, corpo digno
De verdadeiros pasmos e lauréis;
Em seguida o Vinte e Um marcha altaneiro
E lá vão, ora em vale ora em outeiro,
Atacando e das mattas atravéz.

XII

Foi mortifero o prelio na Invernada;
Tomara a bateria de empreitada
Arrazar o inimigo com furor;
Dez centenas daquelles, em fileira,
A cavallo fugindo, de carreira,
Abandonam o campo com pavor.

XIII

No entanto, a retirada já se impõe,
Sem ginetes precisos... só dispõe
De alimento p'ra um dia, um só, não mais!
E Nioac tão farto e tão distante!
E as continuas surpresas sempre adiante,
Horríveis imprevistos infernaes!

XIV

Agora, ó minha musa estremecida!
Debruça-te em meu hombro e vem, querida,
Guiar meus passos nesta senda atroz:
Penetremos sem medo em atro inferno;
Descreve-o com teu pulso grave e terno,
Conta o que vires com possante voz.

XV

Os martyres da Patria, já formados,
Vão de volta p'ra o Apa, concertados
Conforme ordena a tactica subtil:
A' frente, João Rufino; nos dois flancos,
Paiva e Gonçalves; para traz, os francos
Voluntarios e o chefe calmo, heril;

XVI

A bagagem no centro; os quatro cantos
Guarneciam canhões pesados, tantos
Quantos eram os corpos a seguir;
O trem de guerra, aos solavancos, ia
Com todo o accessorio que possuia,
Valia mais que perolas de Ophir.

XVII

Não me é dado affirmar quaes os mais bravos
Nestes prelios crueis. Não teve escravos
O temor nesta heroica Expedição.
A todo o instante a surprehendia a morte,
D'ella zombava a intrepida cohorte,
Que redobrava na afanosa acção.

XVIII

Em cada volta do caminho, a ousada
Cavallaria infrene, c'a emboscada,
Surgia frente á frente, outras empós...
Formavam-se quadrados com presteza;
E quantos vieram numa furia accesa
Morrer na baioneta dos heróes !

XIX

A cada passo para a frente, nova
Refrega do inimigo, que se encova
Nas depressões mais fundas em redor:
Embora seja a posição tão varia,
Os canhões, sob o mando de Cantuaria,
Fazem nos esquadrões damno maior.

XX

Todos aquelles ribeirões e rampas
D'aquellas mattas e d'aquelles pampas
Guardam ainda o bellico fragor,
Essa epopéa grandiosa, immensa
De um punhado de bravos que só pensa
No amor da Patria, o mais sagrado amor.

XXI

Muda de rumo Camisão, querendo
Minorar o martyrio, agora horrendo;
Eis a fome na tetrica nudez!
Já devoram arbustos ignorados,
Os famintos e tropegos soldados,
Não perdendo, comtudo, a intrepidez!

XXII

Deixam a estrada por um invio atalho;
Pesados carros dobram-se ao trabalho;
A sebe oppõe-se a palmilhada ser.
Cortam e avançam respondendo o fogo.
Que os paraguayos neste estranho jôgo
Lhes fazem, certos de os domar, vencer.

XXIII

Mudam agora subito de plano:
Deitam nos macegaes, na sebe, insano
Fogo voraz que torna tudo em pó!
E, protegidos pelo fumo espesso,
Alvejam os heróes que, de começo,
Lhes pagam sem rodeios e sem dó.

XXIV

O momento angustioso augmenta em magua,
Custa a vida por vez um guampo d'agua,
Morrem outros de fôgo num redil!
No emtanto, quanto mais recrudescia
Aquella estolida selvageria,
Mais se elevava o nome do Brasil.

XXV

José Lopes, o guia destemido,
A' phalange animava. Commovido,
Promettia farturas em "Jardim",
Como na expectativa de um thesouro
Anceavam por laranjas, fructas de ouro,
Que a sêde e a fome iam matar por fim.

XXVI

Mas, ai! ó céos! requinte de desgraça!
O cholera mortal hediondo grassa
Nas fileiras exaustas, a rarear!
Augmentam pádiolas, cede a força
E os que as conduzem, debeis como corça,
As vão deixando num qualquer logar!

XXVII

Muitos estropeados, contundidos
Foram vistos por vezes estendidos
Em meio da macega, a pino o sol!
Camisão os exhorta; cambaleando,
Com esforço inaudito, vão andando
Sem esp'rança de ver novo arrebol.

XXVIII

Mais um quadro horroroso e elle é tão triste
Que o não sei comparar e nem se existe
Ou si existiu no mundo scena tal!
E' forçoso o abandono dos cholericos!
Todos vós que admirais casos homericos,
Dizei-me se um existe a este igual?!

XXIX

Acceitam resignados e sem magua
A medida fatal. Só pedem agua
A'quelles que se vão... ai! nunca mais!...
O' martyres sublimes, sobrehumanos,
Sereis exemplos claros, soberanos
De excelsos patriotas immortaes!

XXX

Deixando os infelizes junto ao Prata,
Prosegue a Expedição intemorata,
Saudosa desses que ficaram sós!
Inda á curta distancia, uma investida
Do bando paraguayoy que os trucidá...
A força os vê... voltar não pode... E' atroz!

XXXI

No chefe Camisão se manifesta
De subito o contagio: a face mesta,
Com poucas horas, de um finado é.
Cabral, o immediato, cae enfermo
E ambos succumbem, ficam junctos no ermo
Em duas tumbas—uma de outra ao pé.

XXXII

Seria inevitavel duro exicio,
Perdido para sempre o sacrificio
Que para a gloria os bravos arrojou,
Se não fosse o valor sempre augmentando
Com que José Tomaz vai ao commando
Da Expedição que, a custo, se salvou.

XXXIII

Vagarosa, silente, em linha extensa,
A soldadesca atropelada pensa
Nos laranjaes de fructos mil, sem fim;
E alli chegando com uma furia estranha,
Com ferós avidez mitiga a sanha
Da fome næs laranjas do "Jardim".

XXXIV

Já não vivia do "Jardim" o dono ;
Com o filho querido o eterno somno
Dormia entre os cholericos – sem cruz,
José Lopes, o pratico inditoso,
Cuja familia em carcere horroroso,
Soffria em Assumpção insultos crús.

XXXV

Os alumnos de Hypocrates, Gesteira
E Quintana velavam noite inteira
Soccorrendo os enfermos com ardor :
Tanta piedade assim, tanta brandura
Naquelles dias de desgraça dura,
De Deus merece paternal louvor.

XXXVI

Roxo, Taunay, valentes, esforçados,
Aqui deixam terrenos aplainados,
Adiante lançam pontes com afan
Sob um chuveiro quente de granadas,
Atiradas das altas barroçadas,
Das matas, dos outeiros da rechan.

XXXVII

A Lima e Silva, Climaco e Sabino,
Lago, Barbosa, seja entoado um hymno,
Tambem a Borges, Moura, a outros mais.
Não ficando no mar do esquecimento
O soldado Laurindo, esse portento
De lealdade nesses transes taes.

XXXVIII

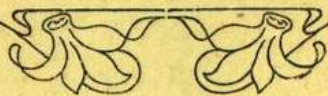
Os indios Guaycurús, mais os Terenas,
De rosto sempre alegre, almas serenas,
Intemperies arrostam seminús;
Eram elles os bravos que, por vezes,
Se expunham a reunir bravias rezes,
Ariscas, nos cerrados e paúes.

XXXIX

Ainda sob a vigilancia e o ataque
Dos inimigos, passa por Nioac
Incinerada, a exhausta Expedição.
Não muito longe corre o Aquidauana. . .
Lá chega a bellicosa caravana,
Dando por finda a homerica missão.

XL

Surgistes victoriosos de martyrios!
Mas cingistes de cravos, rosas, lirios,
As vossas frontes, que beijaram sóes,
Sóes do valor, da gloria e disciplina
Que foram vos levar á crystalina
Mansão dos grandes, immortaes heróes.

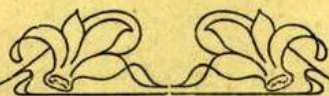
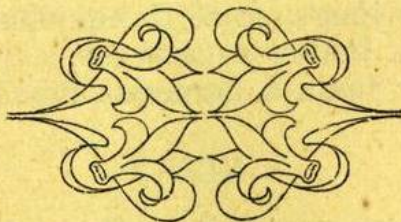


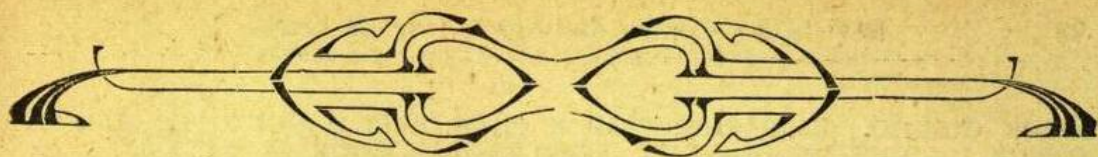
XLI

Pelo heroismo e pelo sofrimento,
Sobre todos os povos, num momento,
Alto te ergueste, ó Patria ideal, louçã !
E as nações, contemplando-te c'o espanto,
Verão que no universo brilhas tanto
Como a estrella risonha da manhã !

XLII

Ante o animo forte de teus filhos,
Para quem são mentira os empecilhos
Que surgem das desgraças atravéz,
Quem pôde duvidar que em breves annos
Venham todos os povos soberanos,
Hymnos cantando, te oscular os pés?





A ULTIMA LUMINARIA



MAS CERTAMENTE, antes que acabasse a festa, elle se decidiria. Vinha de longe aquelle gostar um do outro, sem que, entretanto, dêsse um passo para adiante. A propria intimidade que havia entre elles, aquelle meio parentesco que os aproximava, como que os detinha nessa longa indecisão, nesse demorado entrequerer-se, que não passava daquillo. Dançavam juntos nos bailes e era certo receber delle, a cada véspera de festa, a flôr symbolica, de meiga tradição, que emprazava para a primeira contradança. E eram conversas p'ra cá, risinhos p'ra lá—elle era muito gaiato e ella, alegre e expansiva—e passeios, em que se atrazavam propositadamente dos demais, para mais á vontade tagarellar.

Toda a gente punha tento nisso, menos elle, ao que parece. Ultimamente, já a *inquizilava* a insistencia com que todos lhe falavam no rapaz, como si fosse seu namoro e ella, que bem o sabia, entretanto jámais lhe ouvira a menor allusão, mesmo velada, que autorizasse as versões que por ahi andavam :

—Chi! Nhôrinha. Tá quente que agora não passa desta festa...

—O que é?

—O *nhô* Luis lhe pedir.

—Cala a bôca, minha *nêga*. Donde é que você tirou isso? Aquillo é amizade de familia. Você não sabe que um irmão delle, o *Zébinho*, é casado com a prima Nêê?

—Sim. Morde aqui, minha sonsa.

E assim toda hora. Todo o dia. Cinco, dez vezes no dia. A pobre da moça já se limitava a sorrir quando lhe vinham com aquella conversa. Sorria, para disfarçar a magua que lhe ia dentro d'alma pelo protellar indefinido do acto que deveria decidir

do seu destino. E já começava a emagrecer a ponto de dar na vista. Os vestidos lhe esvoaçavam flácidos e frouxos sobre o corpo. Não tinha appetite e pouco dormia, custando-lhe conciliar o somno, ás vezes já com o primeiro cantar dos gallos.

Accordava com olheiras violetas, que lhe vinham ao meio do rosto moreno-pallido. Por ultimo, deram para lhe apparecer, pelos braços e pelo collo, umas manchas escuras, que depois iam ficando pardacentas, até sumirem, para brotarem mais adiante.

Nervosa, mostrára á mãe que lhe disse serem manchas das chamadas "melancolia".

—Alguma cousa preoccupa você, filha. Porque não abre o coração á sua mãezinha? Magua que se conta, fica repartida, dóe pela metade.

— Nada, *nha* mãe, não é nada — e descendo a manga do casaco que arregaçara, Nhôrinha foi sahindo para o terreiro, a dissimular um gesto furtivo com que limpava, nas costas da mão, uma lagrima teimosa que lhe escorria pela face. Era aquella a primeira vez que chorava por um homem... Que vergonha!

11

Tudo aquillo lhe passava e repassava pela memoria, enquanto no seu quarto, em frente ao espelho do lavatorio, se preparava para a illuminação. Já vestida, se pôs a empôar, muito ao de leve, o arminho mal a esflorar-lhe a pelle velludosa, o rosto, o pescoço, os ombros e os braços, as axillas glabras e rosadas. Do lado de fóra, já por duas vezes o pai a chamara, insistente:

—Nhôrinha, vamos. Olhe que vai ficando tarde e nós precisamos voltar mais cedo porque sua mãe está incommodada.

Cerca de sete e meia sahiram e quando puseram o pé na rua ouviram o estralejar da girandola que annunciava o fim da reza. Viraram a esquina da rua da Igreja, toda cheia de arcos, galhardetes e "luminarias", em duas filas que subiam, parallelas, vindo da casa do festeiro e indo acabar em frente ao templo.

Uma "róda" vistosa, polychromica, como uma grande flôr de fogo, começava a queimar-se, no meio do adro, lá no alto da rua. Pararam com a familia do Pindóca, chegada do sitio, á beira do Paraguayzinho. Conversa trivial, de colheitas, do veranico muito demorado, tendo soprado o suão tres dias na campanha, da perda do gado, em consequencia da peste.

Seguiram. Mais adiante Nhôrinha viu Luis, todo alinhado no seu parelho de casimira côr de cinza, lencinho de cambraia, flôr á botoeira, acompanhando as Oliveas, umas pequenas muito conhecidas como "sapequinhas" de marca.

Não lhe agradou aquillo, mas, fingindo indiferença, passou pelo grupo, cumprimentando-as a contragosto. Já lhe haviam dito que a Xêxê, a mais nova daquellas sirigaitas, gostava do Luis. Mas nunca suspeitára qualquer cousa da parte delle. Umás lambisgoias, sem miodos, nem decencia! que até pareciam, mal comparando, mulher solteira. . . Uma dellas, a Bigi, diziam até que era "caseira" do Tomasão do Capim-Branco.

— Deus me percõe — e bateu com a ponta dos dedos nas faces — mas bem bom caminho levava *nhô* Luis... elle que não era nenhum santo, mettido no meio daquella gente!

Foi andando, andando, até que ao fim da rua, quasi á altura da igreja, o Luis veio alcançal-a. Tinha deixado as outras e viera para o seu lado, todo mimos e atenção. Vieram descendo, devagar, a rua larga, entre os cordões de luminarias que, de um e de outro lado, ardiam, crepitantes, na doçura da linda noite diamantinense. Tomaram pela rua que ia para o Capim-Branco, parando á porta da casa de *nha* Tinóca, nos 4 cantos, longo tempo, largo tempo, a conversar, num surdina deliciosa de magia, de enlêvo, de encantamento.

Luis repetia-lhe á meia voz as eternas palavras que, desde que o mundo é mundo, o amor tem posto na bôca dos homens, para illusão e encanto da vida. Que tudo o que diziam delle com as Olivaes não passava de mexericos e diz-que-diz-ques. Que só nella pensava e sómente teria sossego quando fossem um do outro, e pudessem receber a bençaim do padre, na igreja florida, aos pés do altar de Nossa Senhora da Conceição, madrinha delles dois. Conversaram, conversaram, conversaram. . .

Já noite velha, o pai, que tinha entrado para um gamão com a comadre *nha* Tinóca, veio de lá dos fundos, gritando:

— São horas de recolher, Nhôrinha! Olhe que já vai por dez ou mais. . . A illuminação já acabou.

— Vamos, papai. O senhor tambem é que demorou tanto no jogo — disse a moça, como se excusando, posto que, no intimo, lhe parecessem tão curtos, tão fugitivos, tão breves aquelles instantes de felicidade absoluta. E vieram descendo, ainda enlevados na conversa, pela rua silenciosa e deserta, ao fulgor das derradeiras luminarias que se iam apagando. . .

III

Noivos, pelo Natal, começou para Nhôrinha uma vida de rosas, logo, porém, interrompida. Luis foi para o sitio depois de Reis, ficando de voltar antes da Semana Santa, que esse anno vinha cêdo, em fins de março. Nhôrinha principiou a preparar o

seu enxoval. O casamento se empraçára para o anniversario della, a 8 de setembro. Não havia, pois, muito tempo. E com aquelle amor que só o amor pôde inspirar, com aquelle minucioso desvelo que só encontra comparação no das aves ao fazerem o ninho, a moça se pôs a costurar as roupas brancas, as camisas de linho alvissimo como os lirios, as anaguas leves como espumas, as saias brancas bordadas com caprichos de artista, os lençoes, as fronhas de cambraia, as toalhas de renda e de crivo... Queria que tudo fosse obra exclusiva das suas mãos, queria ser ella mesma a artifice da sua ventura, a manufatureira da felicidade entresonhada no lar amigo, ao lado do seu querido.

Março ia já em meio, com as ultimas chuvas grandes engrossando o Ribeirão de Ouro de aguas claras e cantadeiras, quando Nhôrinha recebeu, por uma tarde triste e nublada, uma carta do seu promettido. Dizia-lhe, em poucas linhas, não poder vir, como combinára, pois o pai adoecera e elle estava sózinho á frente do serviço. Um baque no coração sensível da pobre menina! Dahi alguns dias outro peor: o pai de Luis morria, de uma infecção violenta, de fundo palustre. A fazendola distava cerca de oito para nove leguas de Diamantino, e os caminhos eram maus, sobretudo naquelle tormentoso fim das aguas.

Não havia como ir ao socorro de Luis, como confortal-o naquelle duro transe... Um mês de espera, de angustias e receios...

Um bello dia de maio, Luis apresentou-se em Diamantino. Vinha tratar do inventario. Magro, quasi espectral, mais impressionante ainda no seu riguroso lucto, o noivo perdera aquella sua antiga alegria expansiva e vivaz. Demorou-se uns quinze dias. Nhôrinha achou-o differente, o que attribuiu ao golpe por que havia passado. Um, dois, tres mêzes sem noticia. Elle ficára de voltar em setembro, comquanto, devido ao lucto, o casamento tivesse de adiar-se para o outro anno. Mas setembro entrou com os seus dias gaios e luminosos, com o álaçre vozeio das araras, a matinada ruidosa dos periquitos e o doce aroma dos primeiros cajús. O dia de Nossa Senhora do Bom Despacho, que era o dia dos annos della, correu funebre, pesado de tristeza.

Nem uma palavra do Luis. Nem um "proprio" que viesse trazer-lhe umas linhas de saúdade! Nada. Que estaria succedendo? Por que tão inexplicavel silencio? E Nhôrinha, com o coração apertado, via deslisarem-se, uma por uma, sobre as rendas alvissimas do seu enxoval de noiva, as lagrimas doídas da saúdade —perolas e aljofres que, adorno inedito e pungente, lhe vinham afeitar aquellas peças urdidadas pela esperança e pelo amor e agora lastimavelmente destinadas ao desprezo e ao abandono...

IV

Pelos começos de dezembro, já ao iniciar-se a novena da Padroeira, correu pelo pacato Diamantino uma noticia de escandalo: a Xêxê, uma das filhas da viúva Olivae, abalára para a cidade em companhia de *nhô* Luis que, de passagem do "Fundão", a levava comsigo. Bem que o povo ha muito vinha rosnando: Já na sua vinda, logo depois da morte do velho, fizera mozza a attitude singular com que se metterá, dia e noite, na casa daquella gente de má nota, sem respeito ao próprio lucto, á noiva, e á sociedade. Agora, vinha o desfecho que se podia esperar.

Nhô Luis vendera o sitio do pai por pouco mais de nada, uma tutamêa, torrara o gadinho, entregando a casa da villa aos irmãos e fôra-se rumo á cidade, realizando o seu velho sonho.

Para a desventurada noiva que, longos dias e longas noites, por elle vinha chorando, não tivera aquelle monstro uma palavra sequer! Nem ao menos a attenção de uma carta desfazendo o trato de casamento. E além de tudo, a affronta suprema, o achincalho cruel daquella fuga que em tamanho ridiculo a envolvia! Mergulhada nos mais negros e tristes pensamentos, *Nhôri* ha surpreendeu-se aquella tarde ao ouvir a palavra terna e grave do pai que lhe dizia:

—Filha, deixe de tanta tristeza. Você pensa demais no que não vale a pena. O que não tem remedio, remediado está. Olhe. Você sabe que dia é hoje?

Ella fez um gesto abstracto de indiferença, enquanto o pai, passando-lhe ao de leve a mão pelos cabellos longos e soltos:

—Hoje é a vespera da festa de Nossa Senhora da Conceição, sua madrinha e santa padroeira do Diamantino. Você vive tão abstracta que nem se lembra desta data que tantas vezes festejamos com tanta alegria. Olhe, vá se vestir e vamos até a igreja ver a illuminação. É preciso tapar a bôca dos que andam dizendo que você está gira, apaixonada, soffrendo da cabeça... por causa daquelle miseravel.

A muito empênho do pai, a moça vestiu-se e o acompanhou, num passo lento de abulica, dando a impressão de uma somnambula. Toda a rua, larga, ascendendo para a igreja, constellava-se de luzes. Num duplo renque, as "luminarias" de casca de laranja azeda umas, outras de barro, com recheio de cêbo e morrões de fio de algodão, sobre rusticas estacas, formavam um conjunto pittoresco. Pelo meio, em vai-e-vem, desfilava o povo, em alacridade festiva. Ao chegar á esquina, viraram para o lado do Capim-Branco, pois ao Moutinho entrara a cocegar-lhe o espirito o desejo de uma partida de gamão com a comadre.

Uma róda se havia formado á porta, mas Nhôrinha preferiu entrar para poupar-se á bisbilhotice dos presentes. E ficou-se, passiva e inerte, a ver decorrer a partida do gamão, entrecortada das gargalhadas da comadre Tinóca e dos improperios de Moutinho, que perdia obstinadamente aquella noite. Já as visitas todas se haviam retirado, quando o velho deu signal de partir. *Nha* Tinóca insistiu ainda por um cafésinho com biscoitos, e lá por volta de dez horas, quando sahiram, já a iluminação havia acabado.

Apenas na rua da Igreja, esquina da casa do Fanché, como quem desce para o Quilombo, uma luminaria bruxoleava, nos supremos arrancos da agonia, antes de apagar-se na grande treva circumjacente.

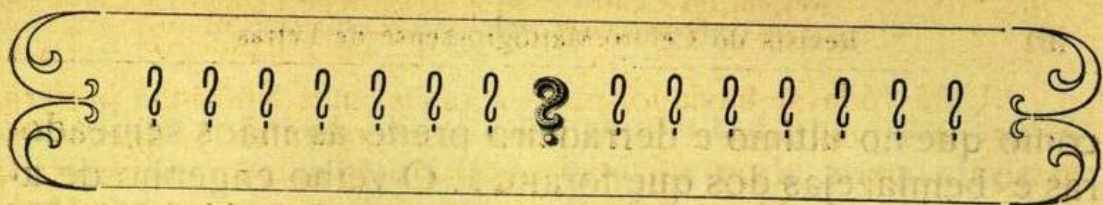
Planava sobre o valle adormecido, como descendo do céu e dos morros d'em torno, uma grande, commovida tristeza.

Nhôrinha lembrou-se de um anno atrás, quando por ali passára, áquella mesma hora, acompanhada do Luis, risonha, irradiando esperança e ventura... Muitas eram então as luminarias que ainda crepitavam ao estrugir dos ultimos foguetes.

Hoje — e o seu pensamento indominavel ia tão longe, tão longe, Tombador acima, até a cidade distante — hoje, na noite velha do seu desolado abandono, sómente via brilhar, — extrema lucilação de um sônho perdido, derradeira illusão prestes a morrer no desalento supremo — aquella ultima luminaria, que, dentro de alguns momentos, se apagaria na grande sombra, em que morrem e desaparecem todas as cousas boas da vida...

Janeiro, 1932.

José de Mesquita.



SCENAS ESQUECIDAS

« O tempo destróe a magua, destróe humana grandeza; da vida gloria e riqueza, té a esperança se apaga... », escreveu um dia, um dos nossos melhores mestres. Visitando ha poucos annos, o Sitio dos nossos avoengos, entre o Morrinho e o Poço-Grande, á margem esquerda do rio Cuiabá, aguas abaixo umas quatro leguas da cidade, e que hoje não mais sabemos a quem pertence, contristou-nos a alma a evocação de tudo aquillo que houvera sido o velho *Sitio*, tão cheio de vida outróra, onde a dócil e amorosa escravaria, recendendo ainda o almiscara das ardentias africanas, ja identificada á velha e numerosa Familia pelo aleitamento das mães-pretas, punha áquelles saudosos lados a musica festiva dos progressivos eitos, com a rancharia de palha sempre fresca, cheirando a chrorofilla. Hoje, tudo está deserto e solitario : o casarão, de amplas portas e janellas escancaradas, cujas folhas o vento gemeu dias e noites para arracal-as, mais assemelhava uma disforme visão de orbitas vasia e escuras, fallando á pouca gente que surprehendia o sepulcral socego, uma linguagem mystica que só comprehende o coração. Pedacos de copos por se advinhar os labios que beberam; arabescos antigos em porcellanas partidas pelo chão que tantas almas pisaram e que as tristonhas chagueiras cobrem carinhosamente de flores peltadas sem perfumes,

como que no ultimo e derradeiro preito ás mãos semeadoras e bemfazejas dos que foram. . . O velho engenho de aroeira, que o velho compadre Vitú cortara lá na matta que margeia o campo, lá estava ainda com as moendas perfeitas rebuçado nas volatinas agrestes. Não estavam de tudo desapparecidos os tortuosos caminhos que conduziam ao Porto-Novo ou ao Porto-Velho, os mesmos pés de esponja ou de *aromita* lá também esplendiam nas suas modestas fórmaz ygomorphas. Da floresta proxima, que o Agua-Limpa cortava, sahia de vez em quando um grito de jaó, triste como si a alma de alguém chorasse naquelle tão profundo isolamento. . .

Ali, volteando o *soita-cavallo* do terreiro, eram tróvas á viola, ao *cracachá* e ao pandeiro. O Tito, filho unico de uma das mucamas antigas, crescido a fazer gracolas ás *irmãs* brancas (de leite), molequinho ligeiro e destorcido, como diriamos hoje, enlevo das rapariguinhas de em roda, cantava ao desafio com o Mané Perna, ou o *artigo*, si na sala grande da frente—ante o altar, com o pretote Geraldo, sempre morto de amores pela Nhá-Pomba que, como a saracura do brejo, morava para outra banda do rio. No empalisado grande, o Feliciano repinicava com maestria o *samba* que a Venancia, do José Grande pescador, dançava como bem poucas naquelle tempo, atirando á Henriqueta do *seu* Mané, estas estrophes, em amenissimas tôadas:

Quem quizer tomar amores,
Ha de ser com pescador
Que nunca da gente esquece
Com seu bagre roncador.

E Henriqueta respondia, defendendo com orgulho a profissão do companheiro :

Quem quizer tomar amores,
Ha de ser com roceirinho:
— De dia capina a roça,
— De noite faz seu carinho.

E os homens, em turma de cantadores, faziam o côro em musica dolente que dizia bem de perto ainda do mysticismo do soffrimento affectuoso do negro e da saudade romantica do luso :

Chóra, tyranna, chóra,
Tyranna chóra
Que eu vou me embóra...

(bisado)

Quasi todos, no emtanto, daquela ingenua gente, que passavam por um pequeno *empalisado*, juntavam para a frente as duas mãos abertas, e, com ligeira reverencia, davam o seu respeitoso *São Christo*. Era a preta Romualda, de grosso collar de contas de *leite de N. Senhora*, rosto lanhado segundo uso e costume na sua saudosa Africa, affeita aos misteres da *macumba*, e a quem se dava em cicios de phrases entrecortadas, a autoria da morte do Theodoro, cria intima, dizem, da casa, surgida na senzala como o pinto de ovo que o Cuco deixa ficar maldosamente em ninhos de outros passaros...

(Do "SCENAS DA MINHA TERRA", em preparativos.)

Arnaldo Serra.



VILANCETE

*Senhora, o meu coração
Por vós somente palpita
Cheio de amor e paixão.*

VOLTAS

*Quando vos contemplo, então
Meu peito todo se agita
Numa ansiedade infinita.
Fica fremente, loução,
Numa doce agitação,
Como uma ave que saltita,
Senhora, o meu coração.*

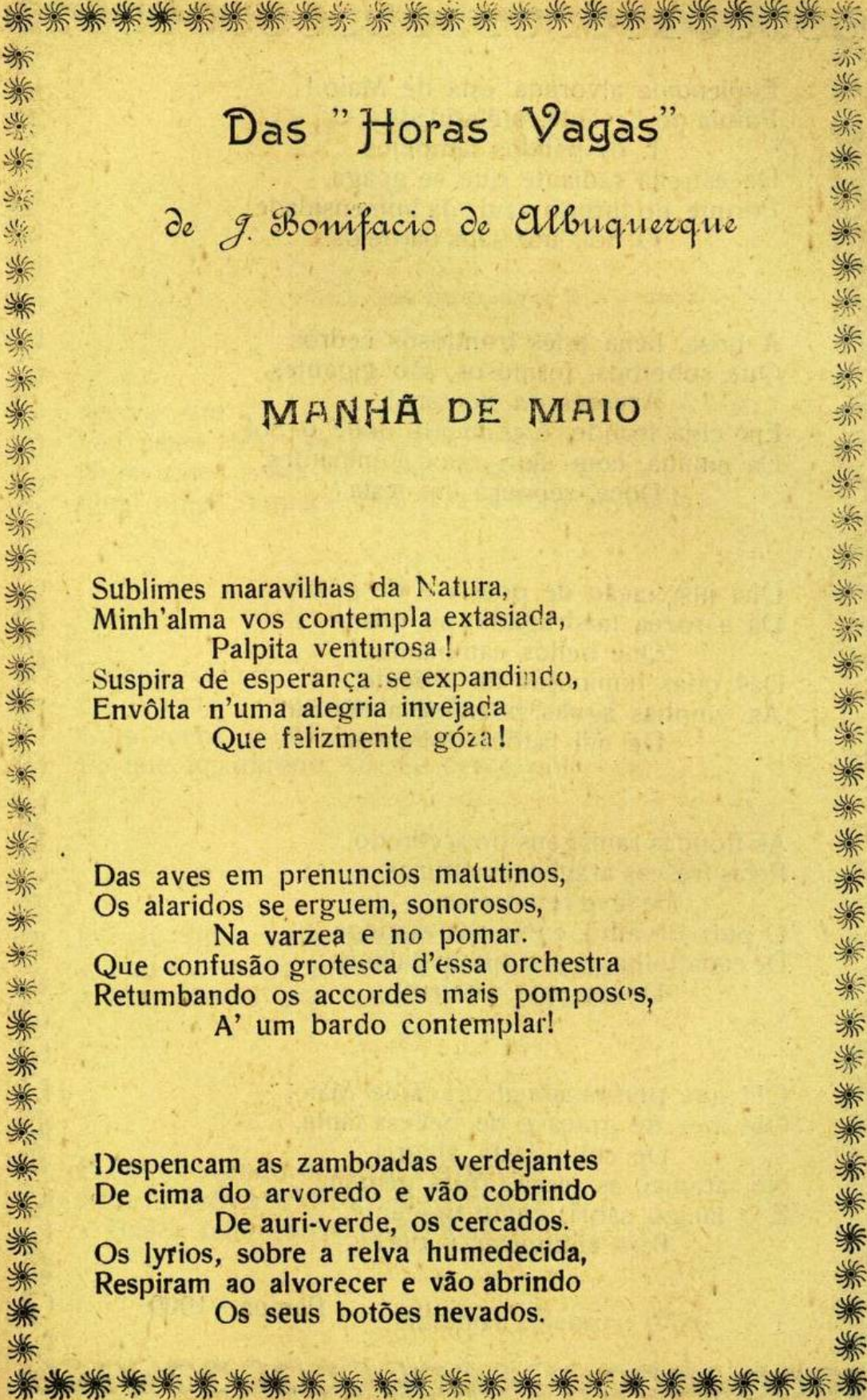
*Cantando a doce canção,
A cantilena bonita
Que por vós, mulher bem dita,
Fiz, a tremer de emoção,
Sinto um fogo que crepita
Nesta alma que em contrição
Por vós somente palpita.*

*Podeis crer, p'ra minha dita,
Na sincera confissão
Que vos faço com unção.
Minha alma já vive aflita
Pela vossa hesitação.
Meu coração já se irrita
Cheio de amor e paixão.*

OFERTORIO

*A vossos pés, tão contrita,
Minha alma pede perdão
Pela ousadia inaudita
De vos dar meu coração.*

Ulysses Cuiabano.



Das "Horas Vagas"

de J. Bonifacio de Albuquerque

MANHÃ DE MAIO

Sublimes maravilhas da Natura,
Minh'alma vos contempla extasiada,
Palpita venturosa!
Suspira de esperança se expandindo,
Envôlta n'uma alegria invejada
Que felizmente góza!

Das aves em prenuncios matutinos,
Os alaridos se erguem, sonoros,
Na varzea e no pomar.
Que confusão grotesca d'essa orchestra
Retumbando os accordes mais pomposos,
A' um bardo contemplar!

Despencam as zambodas verdejantes
De cima do arvoredado e vão cobrindo
De auri-verde, os cercados.
Os lyrios, sobre a relva humedecida,
Respiram ao alvorecer e vão abrindo
Os seus botões nevados.

Explendida alvorada esta de Maio !
Pulula no Levante, a claridade.
E os pálidos lampejos
Da estrella radiante que se apaga,
Porque do throno azul, da Immensidade
O Sol, traz seus dardejós! . . .

A brisa, beija estes frondosos cedros
Que soberbos, formosos, são gigantes
Arvores da floresta !
Em cuja fronde, é primeiro onde o Sol
Da manhã, com seus raios luminantes,
Doce, repousa em fésta !

Que inspiração de poesia e de gôzo;
Dá a rózea madrugada, no raiar !
Que bellos cambiantes !
Das orlas luminosas do Oriente,
As ymphas aguas, põem-se a marcar
De mil listões doirantes.

As floridas ramagens do arvoredó
Pelas frescas aragens matutinas,
De léve rumorejam;
O puro orvalho, então se desapéga
De cada folha, em bagas cristallinas
Docemente rorejã!

Oh! que perfumada alvorada de Maio!
Oh! mez de graça e de belleza tanta,
De entusiasta alegria !
No laranjal, as ternãs rôlas gemem
E o meigo sabiá, então descantã,
Para anunciar o dia !

Pampa—1909.

O PASSARINHO

(« Busca teus Lares, onde tens ventura »)

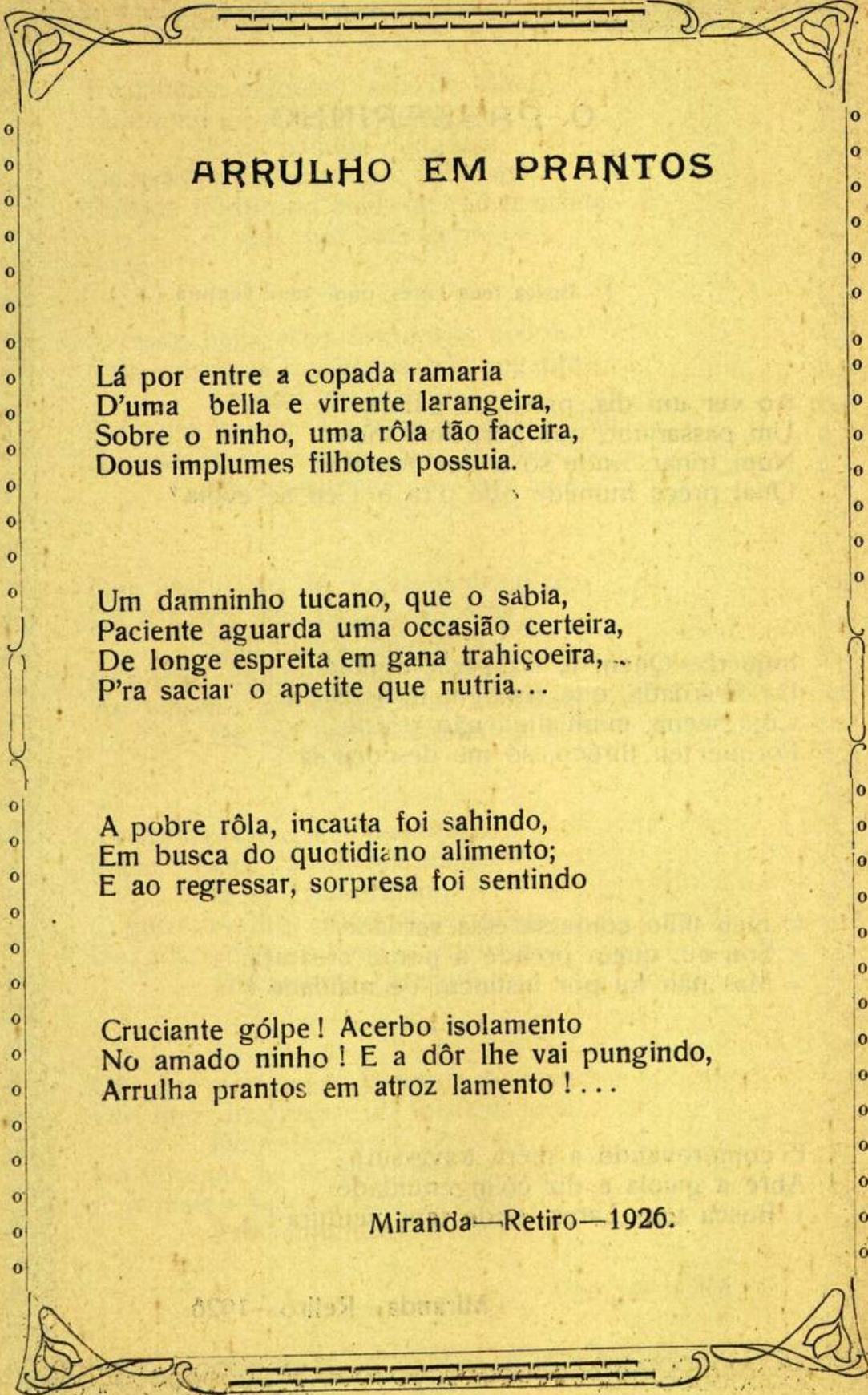
Ao ver um dia, preso na gaiola,
Um passarinho que gorgeava triste,
Num trinar, onde só a dor consiste . . .
Qual préce humilde que p'ra o Ceu se evóla!

Inqueri:—Quem te faz pedir esmola
Da liberdade, que tambem te assiste ?!
Cuja scena, minh'alm^a não resiste,
Porque teu thrêno, só me desconsola ! . . .

E meu filho confessa essa verdade :
« Sou eu, quem prende a pobre creatura;
« Mas não foi por instincto de maldade ! »

E comprovando a méra travessura,
Abre a gaiola e diz co'ingenuidade:
« Busca teus Lares, onde tens ventura ! »

Miranda—Retiro—1926.



ARRULHO EM PRANTOS

Lá por entre a copada ramaria
D'uma bella e virente lorangeira,
Sobre o ninho, uma rôla tão faceira,
Dous implumes filhotes possuía.

Um damninho tucano, que o sabia,
Paciente aguarda uma ocasião certa,
De longe espreita em gana traiçoeira,
P'ra saciar o apetite que nutria...

A pobre rôla, incauta foi sahindo,
Em busca do quotidiano alimento;
E ao regressar, surpresa foi sentindo

Cruciante gólpe! Acerbo isolamento
No amado ninho! E a dôr lhe vai pungindo,
Arrulha prantos em atroz lamento!...

Miranda—Retiro—1926.

A SOLIDÃO

Quando a lua soltou na immensidade,
Seu clarão sobre a serra, o bosque, o rio
A brisa sorridente em murmúrio,
Soletrou-me n'um segredo:—Saudade!

Então senti arfar de f'licidade,
Meu peito que se achava em desvario!...
Nem se quer, d'ave errante o agudo pio,
Impedio-me que á santa claridade

Do luar, n'uma noite silenciosa,
Pudesse eu lêr com attenção curiosa
A carta c'um soneto e não canção,

Do Zezé que de mim, jamais se esquece:
E desferindo a lyra me offerece
Tão melodioso canto:—A solidão!

1º, Novembro 1912.

PAGINAS DOS MESTRES

A almanjarra de Brás Cubas

ALBERTO RANGEL

Principalmente durante a noite, e na paralyia das cousas ao luar, o bater do monjolo ainda é mais distincto e commovedor. Antiquissimo, probo e paciente instrumento, o maço da far-tança! E' o som igual, perenne e compassado do canto singulto-so e gemente do moageiro, que de certo modo embala o tedio e a insipidez da roça.

Varnhagen delineou a proveniencia da adopção no Brasil d'essa geringonça, e lhe viu o modelo na secção chinesa da Feira de Vienna em 1873. O ponderoso historiador citou-lhe os meritos da prestancia, embora exaggerasse o campo da utilização, vis-to extendel-o a todo o Brasil. Ora, o monjolo representa o sul do paiz, do mesmo modo que a bolandeira o norte. Definindo por si só a habitabilidade da terra, elle é o emblema da banda da patria onde existem a agua permanente e o desnivel forte.

Originaram-no do Celeste Imperio, e alli o peninsular do Occidente o teria buscado com os tapetes do Xiraz, as laccas, as sedas e as louças do Xangai e do Nanquim. Veriam mesmo na glottica asiatica traças morphologicos do seu nome, rancescido de quimbundo. Theophilo Gautier datava do Diluvio o estridoroso carro-de-bci. O monjolo seria uma creação contemporanea da pedra lascada, immediatamente depois da descoberta do fogo, por se tornar imprescindivel á trituração das farinhas para o angú e a cangica, a brôa e o cuscús. Devera ter sellado o primeiro es-forço de engenhoso homem, quando só dispunha do semelhan-je para mover os alcatruzes da nora, ou rodar a mó de pedra que lhe esmoesse o grão de seareiro.

Depois do pobre errante descobrir a estrovenga, é que talvez houvesse resolvido assentar definitivamente a tenda; encontrado estava o auxiliar para ajudal-o, sem os caprichos de vontade e os attritos da obediencia. O fogo acompanhava o vagamundo; o carneiro, o cavallo, a renna, o boi e o cão iriam com o nomade; só o monjolo o forçaria a deter-se. Que socorro nas primeiras edades, aprumado o madeiro em meio do outro a balançar entre o bochecho do arroyo e o golpe da socadura! O nemorivago e cor.structor poderia deitar-se, afastar-se, dormir, as fêras urrarem nas quebradas da serra, as nuvens pararem-se pelo céu de azurita, o vento harpejar nos cipoaes da matta, a chuvarada entijucar as veredas e barreiros, o utensilio agreste continuaria a musica e o prestimo de cada dia e cada noite.

Nas desfeitas e malquerenças entre colonos da terra da Santa Cruz, a caranguejola serviu para objectivar a opinião do caboclo e mazombo, que sustentava ter o metropolitano inventado o bronco machinismo, mas não lhe haver descoberto a travação ao lerdo cabeceio.

Registou-se a nascença do monjolo nas vaguidades da lenda. Toucaram-no do gracioso mysterio das balladas. Fizeram-no parente da taça do Rei de Thulé.

O grande monarcha lusitano, o Lidador e Fundador bastibarbo, mettido no ferro da solha do gorgelim e do bacinete de camal, ajuntando vinte e um vassallos de meia duzia de profissões, em circumstancias de apuro, surgira o pisoeiro ideado por essa collaboraçãõ mista e fantastica.

Cousa velha e modestissima, o monjolo não mereceu lhe consignassem a denominação os grandes e mais antigos dictionarios portuguezes. O seu rumor tão repetido, a malhar no concavo das valladas, não chegou aos ouvidos de Moraes ou de Domingos Vieira, só despertou o vocabulista Beaurepaire Rohan, que definiu frouxamente e assim o reproduziu um lexicographo moderno. Luccok e Saint Hilaire não desdenharam de se occupar da almanjarra. O botanico viu-o na Mantiqueira, poeticamente enxertado com a "colher" e o "dente" na paizagem de laranjeiras e pinheiros.

Hercules de Florence, desenhista de Langsdorff, deixou inscripta a machina rusticana na pagina de seu album, conservado entre os thesouros de estampas da Bibliotheca Nacional de Paris.

João Mawe, desencantado da praia de Cantagallo, com o ouvido de relojoeiro e o compasso de carpinteiro, medindo-lhe as proporções e oscillações, mencionou-o no livro de mercador e viajante, e elucidou-o em gravura mediocre.

O monjolo afina-se pela roça, na tocante harmonia dos costumes, do vagar acquisitivo do usucapião á vida comoda com a jacuba, a trahyra, a rapadura e o aipim, da pestilencia no vacuum á pagodeira da eleição, dos deslizes do vigario á gandaia dos tropeiros, das quizilias do juiz ás implicancias com o recrutamento. Mecanismo o mais singelo da terra. Nenhuma biela, roda, embo-lo, engranzagem ou polia. E' o braço que fere e se soergue, sem sahir de pequeno arco, no plano vertical do arremesso. A mesma teima de trabalho e repetir de voz do escravo de outr'ora, a cavoucar no eito de sol a sol, roncando no resomno com os sacys da senzala. A gronga schema-se num T, que afundasse a ponta do travessão no sacco aberto do U que o seguisse...

Triturando as macahubas, pulverizando o arroz, o apparelho é lição corriqueira á moral do sertanejo. Exemplifica a modestia, o labor e a eternidade! Quanta poesia se desprende d'esse malho e d'esse gral, com a melopéa brusca: — Chu-an-poung! a pilar a cangica no fundo do grotão! Tem o som raspado, mysterioso e cavo da aldrava na porta chumbada de uma socava, a gravidade melancolizante dos pendulos e a serventia boçal dos africanos. Mereceria um desafio entre cantadores, dos bons, e as odes de poetas laureados...

O dialogo entre o monjolo e o borborijar da agua interrompe-se todos os minutos, e logo o grito rouco da arapuca retumba. O valle ouve-o com amor, e sobre a soada do derrame e soque regulares se espasmam a lua e os soturnos bacuraus; vão bordando arabescos de pipillos os vira-bostas dos cercados, os sanhaços dos mamoeiros, as corruiras dos beiraes, os joão-de-barros das tronqueiras e os pixoxos do arrozal.

O echo somnolento e meio abafado da rude percussão marca o compasso ás ranzinhas, aos juipongas e aos cururús, entre os gravatás das cêrcas e as tabúas do açude. A porteira, o copiar, a engenhoca, o telheiro, a junta de bois, a besta velha, a cangalha e o terreiro são irmãos e confidentes do monjolo. Que cochicham elles, entre si, enquanto o filho do fazendeiro, em manhãzinha de geada, monta na estrada russa e ganha o vão do riachão, ou a moça do sitio, empalemada de amor, abre a janella á tardinha para o cafesal rescendente e florado, vendo o gado a remugir, descido ao bebedouro?

Do monjolo se escuta ainda o tom ruidoso e estacado de seu monologo, morrendo o zio-zio das cigarras e a gemedeira dos eixos de garabú, desensebados entre as cantadeiras da carreta, com o sol inhumado no proprio sangue pelos altos da morraria, em que as queimadas estenderam o luto fechado para o funeral do occaso.

O ipê mancha de roxo a entrada da bocaina; o cipó-braúna amarellece no topo das galhadas que abraça e afestôa. Depois, o violeta se apaga, o amarello desaparece... O monjolo gargareja indiferente na cachamorrada.

O regato tenta afogar o madeiro prestante, mas este se cêfende, dando uma simples descahica de hombro. Tronco intelligente, viga prestadia e sobretudo complacente, rejeita o quanto lhe entornam na queixada, e d'essa fórma nunca se estanca a sêde que o instabiliza. Deram-lhe o nome depreciativo de « preguiça », sem lhe reconhecer a proveitosa lentidão, fructo divino de seu dote de incansavel.

Se o caipira fôr carrear as espigas, chumbear a cotia, tarrafear o mandim, encontrará na volta o milho da cangica prompto. O monjolo foi a peroba ou a piuva altaneiras e firmes, alongando os braços verdejantes no capoeirão da baixada. Reclinada a arvore, o seu officio é afundar em vae e vem a trave esmagadora que lhe embutiram no topo.

Operoso cooperador do roceiro, faz elle o pittoresco e o util, coberto de limo na barroca, entre musgos, avencas, bredos e agriões. Representa o passado e a perseverança; conta as horas por igual, meia noite é um despejo e uma pancada, a amassar o pão nosso de cada dia com os curupiras e caporas traquinando-lhe na gangorra...

A « haste » marruaz oscilla na « tranqueta » ou « cavilha » da « virgem » ou « pasmado ». Ajuda-a na descambada do balanço o contrapeso do « macaco ». A agua preenche a cavidade do « cocho », que a rejeita para o receptaculo nomeado « inferno ». A « mão », firme no malhetado da « munheca », tomba a estrondar, pulverizando o cereal no bojo do « pilão ». A fim de se deter o monjolo no movimento alternativo especamno com a « estronca ». Ahi está toda a nomenclatura e a manobra da alavanca do primeiro genero, que tem uma ducha por potencia, e dança em batecum de bombo o seu passo de marcha cadenciada e soturna.

Mistral cantou num poema as cento e tantas peças da charú; ainda não houve brasileiro que poetasse sobre as nove ou dez partes do monjolo.

Regalas com a farinha de milho, ou o fubá de arroz, o repasto dos piocas, monjolo amigo, enquanto a rêde balança e o pito vai queimando... E's a providencia barbara do tabaré; a invenção barata do primitivo, que para fazer a Hydraulica cortou um pau, escavou-o em tres pontos proporcionalmente distantes, e, equilibrando-o numa estaca, adaptou-a ao salto da levada. Merecerias entrar num brasão de armas do sertão de Pires de Cam...

pos e de João Amaro, esquadrelado o campo aureo e sanguino das grupiaras e descimentos com o barrete do jesuita, o almocrafe do mineiro, o machado da derruba, o talo da maniva ou as pontas do caracú... É's a alma das fazendolas, em que tudo se cresta no flagello do sol, e onde, pelo meio dia, ha um silencio de meia noite, quando os bugios adormecem, as zabelês e noi-tibós repousam, e as tapéras se extasiam sob os effluvios do alto jasminal das estrellas.

« Chu-an-poung ! » Pilão e falla—só! Respondes ao regor-geio dos colleiros e dos azulões com a chiada de uma coruja e o baque consecutivo na tampa do caixão, ao fundo do sepulcro, que se vai fechar. É's a almanjarra branca tartamudeando de satisfeita na soledade, por quanto ha que comer nas tulhas do lavrador experto.

« Chu-an-poung ! » Não é a fome, louvado seja ! é o esmoer da fartura na moenda de deus Pan... .

Alçam-se as febres traidoras despejadas das capitivas nas lagoas. O gado muge entresilhado, rapando o agreste da pastaria. Nos paredões de taipa da casa da nhã Tudinha, a matuta bonita e trigueira, de collo de pomba-rola, olhos de guazuhy, labios vermelhejados de pitanga e a cabelleira de um preto luzente a grumixama, as lagartixas parecem pregadas na caliça dos cunhaes. A' cimalha da varanda os marimbondos volitam no pastel do ninho. Cachorros escurraçados grunhem entre uns restos de jacás em abandono sob o forno e o tendal. Gallinhas e «tofracos» retêm-se entre as pixiricas e malvas - do - campo, agacham-se na sombra ardente de uma latada de chuchús e maracujázeiros.

« Chu-an-poung ! Chu-an-poung ! » Só o monjolo accusa a vida repercutiva ao ar livre, no labor obscuro e constante desse vae e vem de clepsydra que não marcasse as horas ...

Entretanto, como tudo mais, passarás. Transformam-te para melhor numa roda Pelton. Qual será teu ultimo avatar, martellão de pau rombo, certoiro, indesregravel e sonoro ?

Brás Cubas, que seria Capitão Mór e Provedor da Fazenda, em Santos, presenteava á boa terra de sua contadoria com a machina simples e gemedora, esse *chu toi*, vista por elle nas terras do Oriente, e a qual não necessitava de manobreiro, marchando por si ao vento e á calma, ao sol e á chuva, noite e dia, emquanto o corrego choroso e vitreo escorrega no rego de algas e confervaceas. O cavalleiro da Casa Real descobrisse ouro nas fraldas do Jaraguá e fortificasse Bertioga; comtudo, nenhum serviço melhor poderia aquelle companheiro de Martim Affonso pres-

tar á iniciação das lavouras, que a introdução do monjolo, permitindo se seguisse a folga da pisa ao cansaço de cortar as cannas, colher o arroz, quebrar os milhos e arrancar as mandiocas. Logo pelas fazendas do interior de São Vicente e Cananéa havia de proliferar o rustico pilador, adjuncto ás pequeninas quédas dos ribeiros. Trabalhava-se com desusado afinco certo dia, á margem do Jeribatyba. Incalculavel o interesse dos colonos e dos indigenas, todos unidos para verem e conhecerem o aparelho, que se ia montar por lembrança de Brás Cubas, vindo para isso expressamente da grangearia de suas roças na ilha Pequena.

Na matta de cima do ribeirão mandara elle descer, tres dias antes da lua nova, uma espinhosa tynguaciba de grande porte e linheira, a qual estava por signal toda enxofrada pelo alto das flores de cipo-braúna, hospedado nas suas franças benignas. Os tapuyos, sempre inassiduos, metteram entretanto no serviço o zelo só desdobrado quando a fome os obrigava, por exemplo, a derubar a sucupira, para colher a abelheira. O patrão e amigo acenara-lhes effectivamente com cousa nunca vista, a maravilha de um malhadeiro mexendo-se por si e podendo não parar jamais. Por tal motivo os machados incansaveis retiniam no tronco com a devida justeza, enviando longe as lascas da chanfradura.

A noticia correra pelos estabelecimentos os mais longinquos, desde o Cubatão á barra da Bertioga, inclusive a ilha do Urubuquessaba. Ubás pesadas de gente alliviando-se das cargas na praia do Tararé, atravessavam a barra Grande, vindas do continente e do Guaibe; outras desciam da Paranapiacaba pelos quatro «furados» no lagamar, ou acorriam do Itanhahem pelo esteiro do Saboó. As promessas do milagre pelo bom plantador e viuvo, personagem importante d'aquellas bandas, attrahiam os povoadores da costa e do sertão, qual uma nuvem de tacipitangas atrás da meladura nas cubas, paróes e tachas dos engenhos.

A arvore gemia aos golpes mortaes dos mansos guyanans. E estremecendo com aquelle traumatismo no calcanhar, na sua formidavel quéda ella abalou o chão, estalando e estrondando, assim troveja no céu negro e se cruzam e rolam as cóleras de Tupan. Os galhos despejaram no solo recoberto de fasquias os ninhos em sacola dos uranis, bolsas de onde se devia esparramar-se o ouro da liana florida. Ficou uma cabelleira revolta de ramagens desgrenhadas e batidas por um tufão. Cuidadosamente foram decepados os ramos; procedeu-se em seguida á operação do esquadrejar. Chegou um mesteireiro branco empunhando as reguas, o compasso e as linhas de croá, a enxó de cabo, o trado, uma serra braçal e outra de mão; mediu sabiamente o gigan-

te, apontou as linhas a partir e a cavar na cerneira. E o lindo cadáver, despojado de sua corôa amarella, um kanitar de penas de tanajuba, foi reduzido á regularidade tristissima de longo prisma. Para isso o apararam, dividiram, aplainaram e esquadram sobre os tranqueiros. Os incolas, cada vez mais interessados, acompanhavam passo a passo a operação dos artifices, mal imaginando o que o estrangeiro poderia arranjar com aquelle toro possante e descascado de essencia real, para lhe dar vida num serviço proveitoso e continuado. Dous dias inteiros consumiram os mestres carapinas a escarafunchar na tynguaciba. Lembraram-se as borboletas de beijal-a de passagem, para a consolar da quéda e do aparo. A tudo sujeitando a grande mutilada na decepagem, escarvaram e viraram para todos os lados, sem nenhum respeito, falqueando-lhe no lenho uma trave de calcar e um grande almofariz. Composto o madeiro nas condições predeterminadas por Brás Cubas, foi preciso arrastal-o da rebolada fedorenta de muirarenas, onde nascera, e se dispunha erguido, columna da amplidão, mastro de navio desfraldando ramagens... Na alegre algazarra de quando chega a urca no porto, todos correram aos calabretes de guaxuma e de monguba, aos timbós e pindahybas que atavam o monstro vegetal, deitado nas estilhas do seu proprio corpo. A arvore desceu então, abrindo ella propria a estrada de que necessitava, ora rolando sobre estivas, ora aguentada a socairo nas ladeiras. Saúvas carrejando um graveto, lá ia a turba do gentio empenhado em puxar a tynguaciba, balançada nas barrocas, engasgada nas raizes, arietando os arbustos dos cerrados, e esmagando as ervas no seu difficil e rispido caminho. Curvavam-se os dorsos escuros dos selvagens e o sol fazia espelhar as espaduas suarentas. A procissão dos arrastadores e dos que os animavam na transladação amontoou-se á borda de uma ribeirada.

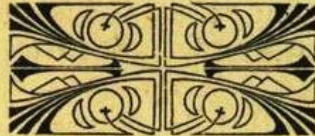
Não faltava a Brás Cubas onde escolher local para estabelecer a balança hydraulica do seu alvitre. Das serras de Itaipú, de Itinga, de Mogangá, de Itutinga e de outras desce a agua precipitada aos saltos, pedindo trabalho, á semelhança dos escravos briosos e bem dispostos.

Determinado o sitio propicio, o Iniciador, rodeado de seus filhos e de alguns irmãos, apromptou-se a erigir a estupenda armação. Empregando a mais extraordinaria attenção não perdiam um só gesto de Brás Cubas e as suas ordens de montagem; «Ala! Aderna! Suspende! Puxa! Arreia!» pareciam vir do céu, entre nuvens que roncassem, ou da terra, em sarças que pegassem fogo. A agua borbulhava, precipitando-se da barranca adornada de cannavieiras, carapiás e caethés nativos. A tynguaciba foi met-

tida na grotta, sob o jorro da limpha agreste e cascadeante, que a baptisou em nome do Progresso incipiente, tendo por padrinho o Civilizador. Rigida, sobre uma escora a prumo, ella ficou ceitada qual o morto estendido e empalado na cova. E, quando o liquido impellente bateu e balançou a gangorra, um grito só partiu de todo aquelle povo assentado á orla da terra ignota.

O gentio deslumbrado arregalou os olhos, e no seu verbo de vocalizes agglutinou com euphonia: «Unguaguaçupe», para denominar a ladina molinheira do branco e conquistador. A machina rudissima funcionava na perfeição. Nascia a hulha branca para a infancia da industria brasileira.

(Do livro "QUANDO O BRASIL AMANHECIA")



PAGINAS CONTEMPORANEAS

UMA FESTA DA INTELLIGENCIA E DA AMIZADE

Publicamos abaixo os discursos proferidos no almoço intimo offerecido, a 24 de Junho do anno passado, ao desembargador José de Mesquita, presidente do "Centro Mattogrossense de Letras", pelos seus amigos, em regozijo pelo premio conferido pela Academia Brasileira de Letras ao seu livro inedito "Espelho de Almas".

O discurso de saudação

pelo desembargador Palmyro Bimenta:

«Se ainda houvesse oraculos, juro-vos que, ao receber a noticia da minha escolha para orador nesta festa, eu teria corrido ao locutorio divino, para ouvir da sibylla o motivo do que tanto me conturba.

Porque eu e não outro? Muito mais em mim estava eu entre vós, ouvindo e applaudindo a palavra autorizada de quem dissesse do homem que, neste instante, recebe o nosso preito, o que elle é e todos os louvores que merece. Alguma razão subtil influiu, de certo, em vosso animo para que me elegesseis. Aqui estou obedecendo-vos, e contente, ainda que aturdido, reproduzindo-se em mim o que se deparou a outrem em situação analogá á presente.

Na vida humana tão cheia de arduas luctas e de realidades tristes, correm, ás vezes, como que a florir a estrada pedregosa, trechos felizes que a gente, contendo o surto e a marcha do tempo, desejaria repetir, viver de novo para ter do mundo um juizo melhor. São desses o que estou vivendo neste instante, na

vossa amavel companhia, cumprindo a agradavel delegação que me confiastes para ser o vosso interprete por entre as alegrias e os esplendores que esta magnifica festa encerra.

Mas se não posso realizar o milagre de fixar para sempre esses instantes, tomando da sua brevidade, da sua cordialidade e da sua doçura o rythmo da minha existencia toda, recolho ao coração agradecido para que me recorde, com os mysterios da sua voz interior, nas horas de amargura e desalento, as impressões da magnifica projecção deste dia.

Meu caro Mesquita :

Este almoço intimo é um pretexto. Festa de amizade e carinho, é tambem festa de reconhecimento e exaltação.

Pudesse eu pedir á eloquencia o auxilio precioso que della outros se vaeriam, o maior, muito mais expressivo, seria o desempenho da tarefa que aqui me deram os meus dignos companheiros promotores deste ágape. Mas, senhores, a « eloquencia é arte que hoje vae rareando, condemnada ao eterno esquecimento pelo utilitarismo contemporaneo. Vendendo-a por pontos nos *rings* das ambições desmedidas, do seu passado o egoismo sorri com desprezo. Os gregos cultivaram-na com um requinte nunca mais excedido, nem mesmo, creio, imitado. Os romanos amaram-na com entusiasmo e de tal forma ligaram-na, identificaram-na com os monumentos da sua vasta sabedoria juridica, que, atravez da interminavel successão dos séculos, coube aos eloquentes a fortuna e a gloria de ser os mais persuasivos, os mais corajosos e os mais abnegados defensores da victoria do direito liquido e provado contra a força bruta e indomavel».

Dizia, repito, que esta festa era um pretexto. José de Mesquita, pelo seu valor inconfundivel, entre jornalistas, prosadores e poetas, velhos e moços, se fez merecedor, credor por excellencia, da homenagem que agora festivamente lhe rendemos, e a que a concessão do premio pela Academia Brasileira de Letras nos propiciou o mais grato ensejo.

Como a palavra humana se me figura neste instante impotente, na irremediavel estreitesa da sua resonancia! E que grande erro da articulação deste discurso na hora em que te glorificamos os teus amigos e admiradores de Cuiabá. Hoje, aqui, como acontecera ha tempos a um espirito da tua estirpe, não devias ser saudado pela bocca de ninguem. Porque ninguem tem o dom de estridular nos ares essas notas clangorosas de victoria que pedem os momentos, como este, de alegre e alta commoção. Só a garganta argentina das fanfarras sabe cantar o epinicio dos vencedores.

dores.» É é como triumphador que te vejo neste instante, e é como campeão victorioso que todos nós te contemplamos. Cruzado da penna em todas as suas modalidades, ostentas na tua reluzente armadura de lidimo cavalleiro das bellas letras, como trophéos, quatro livros primorosos, aos quaes se veiu juntar esse outro a que a Academia Brasileira de Letras acaba de conferir o justo premio dentre os contos e novellas ineditos apresentados no concurso por ella promovido.

Esta festa de hoje, de alta espiritualidade, e com que prazer o evoco, retraça nos seus minimos detalhes a que, por motivos quasi identicos, se realizara ha cerca de 3 annos na heroica Paulicéa, em louvor de um espirito da projecção intellectual do nosso homenageado.

«Festa de amizade, de exaltação e de gloria, esta que, ora, singelamente, te offertamos, envolve, por igual, nas expansões irremprimiveis do seu culto, da affectividade sincera, do seu admirativo fervor, a tua pessoa e o teu esforço, a tua obra e o teu eu. Pelo que és como homem, e pelo que já fizeste como publicista, nós te admiramos e applaudimos.

—E agora, senhores, como nos brindes de honra que encerram os banquetes é uso levantarem todos os convivas a sua taça com um voto de ventura, levantemos, pois, todos, os nossos corações, para, brindando a José de Mesquita, brindar a cultura litteraria mattogrossense de que elle é um dos mais legitimos exponents.

A resposta do homenageado

Exmo. Revmo. Snr. D. Aquino

Exmo. Sr. Dr. Leonidas de Mattos

Meus amigos:

A vossa generosidade excede evidentemente a minha capacidade de gratidão. Por mais que metta mãos á minha consciencia não lhe descubro com que justificar a vossa fidalga homenagem. Certo, sou um antigo luctador das letras, que occupam muito mais de metade de minha existencia, desde os rosicleres da adolescencia primaveril até este melancolico pôr de sol do outono que já prenuncia a velhice proxima. Certo, tenho vivido com a mente quasi sempre volvida para essas tranquillias elocubrações da Arte de que sou dos mais desconhecidos mas nem por isso dos menos apaixonados servidores.

Mas tudo isso o tenho feito sem que dahi me resulte maior merecimento que o do lavrador que amanha a sua terra, arrôtea

o seu campo e semêa o seu trigo. Faço-o por um natural e irresistível pendor que accordou em mim quasi que com a propria razão, pendor que me traz acorrentado a este culto como si fosse o mais suave dos captiveiros. Ai de mim, meus amigos, si não houvesse encontrado no cêdo esse derivativo amavel, esse balsamo lenificante que suaviza o calice da amargura que mesmo os mais felizes são obrigados a provar, como o tributo forçado com que pagamos o direito de viver! Não fôra este meu gosto natural e espontaneo pelas letras, já de ha muito — não faço phrases nem romantizo — me houvera desaivorado no mar alto dos enganos e desenganos da vida — que não sei quaes são os peiores — e dos quaes me pônho a coberto nessa enseada placida e azul onde me viestes buscar para este espectáculo confortante de sinceridade e de carinho. Assim é que o que vos parece em mim digno de louvores, que é esta minha dedicação ás letras, al não é que simples defesa na qual me abroquélo para, livre das seduccões ambientes, poder pelejar a batalha da vida. Ella me dá a certeza de, em cada sahara, encontrar um oasis, em cada tormenta, um porto seguro, contrapondo ás injustiças dos maus e ao sarcasmo dos indifferentes essa serenidade d'alma, que, depois de Deus, só a Arte consoladora nos póde proporcionar.

* * *

O premio com que a Academia Brasileira de Letras houve por bem galardoar um pobre escriptor de provincia, deixae que vol-o diga do imo da alma, e sem falsa modestia, si não veio corôar um êxito, pois reconheço não o merecer, tampouco veio estimular uma carreira literaria. Com elle ou sem elle, não seria menor o meu devotamento ás letras, em que vejo não um passatempo mas um apostolado, não um simples desenfado, uma compensação ao *tedium vitae*, mas uma sincera e ardórosa vocação.

O premio que almejamos nós outros, os que lavramos a leira das idéas para as mêsses doiradas do ideal, é aquelle "premio eterno" em que se transmuta "o suado labor", na phrase do nosso ultimo classico, que foi Machado de Assis. Tudo mais tem expressão caduca e ephemera, como essas vagas phosphorecencias que, ao crepusculo, correm á superficie das nossas varzeas solitarias. Mas quando outro merecimento não tivesse, — e o tem, altissimo, pois implica um aresto do nosso alto tribunal das letras — este prêmio teria para mim o doce merecimento de permitir que ao vosso amavel contacto meu coração pudesse desabrochar nesta hora aos afagos da amizade, ao calor dos enthusiasmos, dando-me a impressão de um verdadeiro rejuvenescer inesperado e feliz.

A palavra calida, elegante e, sobretudo, sincera do vosso interprete, meu velho e dilecto amigo, collega e confrade desor. Palmyro Pimenta, a que me prendem tantos élos de um affecto nascido na primeira mocidade e acrisolado através dos annos e da experiencia; a ambiencia de cordialidade, de intimidade mesmo, de que soubestes cercar este almoço, reunindo em torno de mim, por assim dizer, os expoentes autorisados de nossa sociedade e ao mesmo tempo dos diversos grupos de amigos em todos os ramos em que exêrço a minha actividade, sobrelevando a presença das duas mais altas autoridades civil e ecclesiastica, o arcebispo D. Aquino Corrêa e o Dr. Leonidas de Mattos, que trazem, sobre o prestigio do seu nome, o testemunho leal da sua amizade; o dia que tão bem soubestes escolher, como uma data de intimos regozijos para o meu espirito, que vê corôado de exito um velho sonho, qual o de localizar definitivamente as duas sociedades de que faço parte e até, Senhores, o proprio local, que recebe, em se inaugurando, como que o baptismo generoso da amizade—tudo, meus amigos, enaltece o vosso gesto e vale para mim, para a minha alma profundamente affectiva, pelo mais alto premio que um obscuro homem de letras poderia aspirar.

Deus vos pague, meus amigos, pois só Elle, que é Infinito, pôde pagar as dividas infinitas da gratidão...

* * *

Quero, porém, em vos agradecendo, fazer-vos um pedido que, satisfeito, virá accrescer á significação deste lindo festival—quero que me acompanheis num brinde á Academia Brasileira de Letras, a essa nobre corporação que se lembra de premiar a obra de um cuyabano, cujo nome pouco terá ultrapassado as collinas que circumdam a nossa cidade, mas que premia na pessoa delle a cultura de nossa terra, deste Matto-Grosso tão grande quanto ignorado, tão merecedor de amparo quanto até hoje entregue ao abandono e ao descaso. A essa augusta Academia, que tem em nosso meio o seu embaixador, ao mesmo tempo o embaixador da nossa cultura junto della, eu vos convido, senhores, a saudar, num brinde effusivo e sincero, na pessoa do academico aqui presente, nosso illustre conterraneo, o Arcebispo D. Aquino Corrêa.

A' Academia Brasileira — expoente maximo da cultura litteraria do Brasil!

PAGINAS ESQUECIDAS

ELEGIA

Sou o cypreste, que inda mesmo florido,
Sombra de morte no ramal encerra !
Vivo — que vaga sobre o chão da morte.
Morto — entre os vivos a vagar na terra !

C. Alves

Meu Deus ! meu Deus ! eu sinto já da vida
Que o mór alento se me vae fugindo ;
No coração percebo o duro effeito
Das fibras todas que se vão partindo !...
Oh ! desdita !... a razão já me abandona ...
Já meu corpo parece se esfriar ...
Terra ! terra bemdita dos meus pais,
No teu seio também vou descançar !...

Emtanto, não quizera tão depressa
Vêr-me extinto da vida nos verdores !...
E' triste a morte, esfria-me de medo
O sudario de gelidos pallores !...
Oh ! Senhor Deus ! revoga a tua lei
E si é possível deixa-me chorar ;
No cimo das florestas, á tardinha,
Ouvir eu quero o sabiá cantar !...

Como é formoso o céu tinto d'anil ...
Quam bellas são as flôres dos baledos ...
As andorinhas que nos ares vôam,
Brincam, fallam-nos intimos segredos !...
A viração da tarde traz dos valles
Doces perfumes e sylvestres flôres ;
A natureza inteira n'um delirio,
Se expande em cantos, em ruraes olores !...

Por toda parte os passarinhos cantam ;
Nos bosques geme a juruty medrosa ;
Agil phalena de brilhantes côres,
De manso adeja sobre a fresca rosa !
O campo em se vestindo de primores,
O manto ostenta de real grandeza;
Sim, é verdade que por toda parte
Poemas mil descanta a natureza ! . . .

Tudo se muda: é noite já, no lago
A lua se retrata docemente
E cada lume que no azul scintilla,
Demonstra o gran poder d'um Deus clemente ! . . .
Brincam no espaço os bellos pyrilampos,
Aves nocturnas soltam seus cantares,
A viração que passa geme e ri-se,
Doce harmonia reina pelos ares ! . . .

Mas eu, pobre cantor das negras selvas,
Perdido como um passaro sem ninho.
Eu sei que vou morrer tão cedo e já
Sem ter siquer na dôr um só carinho ! . . .
O veneno sorvi de escura taça . . .
Dentro em meu peito mora um grande mal,
A sepultura, qual phantasma horrendo,
A' minha espera está com rir fatal ! . . .

Adeus ! pallida musa dos meus versos . . .
Adeus ! branca illusão dos dias meus . . .
Ai ! minha vida é qual batél que afunda-se
Sobre o alto mar em negros escarceus ! . . .
Adeus ! oh ! gloria!... céus!... meu Deus ! eu morro !
Já vaccillo .. já foge-me o conforto ..
Oh ! terra ! terra ! escuta este meu grito :
Abre o teu seio para um pobre morto ! . . .

Junho de 1904.

JOÃO NUNES DA CUNHA (*)

(*) Poeta cuyabano, n. a 6 de Maio de 1885 e fallecido a 1.º de Abril de 1930. Deixou muitas produções esparsas na imprensa, que destinava a publicar em volume, com o titulo "SELVAS".

PAGINAS DOS NOVOS

CAMINHO DAS BANDEIRAS, RUMO Á MINHA TERRA

Das margens do Anhanby,
no Araritaguaba,
partiram, um dia, rumando á minha terra,
em tempos das conquistas que perdem na bruma do passado,
monções aventureosas de canoieiros audazes.

E essas gentes a molde de suas gens duras doutros tempos,
tinham na fé de crentes
e no animo forte,
inquebrantavel,
o valor de um tigre.

Assim no afluir das bandeiras na conquista dos sertões distantes,
nas primeiras avançadas pelos sertões bravios
—si dando-lhes sempre a fortuna em premio do arrojo, só vitórias,
rumando e logo dominando as matas, —
outras legiões intemoratas
de novos bandeirantes
se formaram,
para a conquista então da minha terra.

E das margens do Anhanby,
no Araritaguaba,
partiam as monções de bandeirantes audazes:
vadeando rios,
transpondo passos perigosos de voráz figura,
sem que transparecesse-lhes desanimo
á rija catadura,
trilhando pelos entaipabas do Avanhandava,
Anhangahy,
agua do diabo ou filha de boiúna,
por Itapura,
estendal iberá, —
e nesta sempre estrada larga
que a outros ia juntar lá muito alem. . . chegaram, enfim, **inda**
sem cansaço—que elles titans nas brenhas jamais baquearam, **a esta**
terra farta, restos talvez da Atlantida antiga feita em lendas,
—bôa e dadivosa á flux.

O caminho que seguiam, branco como aquela estrada do **cêu**,
é a via-latea da terra :
Tieté, Paraná, Pardo, Anhanduhy;
largo araxá
de Camapuan,
Taquary;
Paraguay, São Lourenço, Cuiabá
ou Ibitiraty.

Elles,
bandeirantes aventureiros,
talando imensidões desertas,
legaram-nos estas terras grandes
do ouro e diamante e riquezas mais refertas.

Campo Grande, 1932.

CLODOMIRO BASTOS.

RELATORIO

DO

Centro Mattogrossense de Letras

correspondente ao anno social

1930 == 1931

apresentado pelo presidente

Des. José de Mesquita

a 7 de Setembro de 1931



Meus caros confrades :

Duplamente jubilosa é para nós a data de hoje. Commemora-se a primeira decada da installação solemne do "Centro Mattogrossense de Letras" e empossa-se a directoria que, no periodo social que se inicia, deverá reger-lhe os destinos.

Consoante determina o nosso Regimento, venho, com satisfação, dar-vos conta dos trabalhos levados a effeito no ultimo estagio ora vencido. Antes, porem, ligeira synopse se impõe, demonstrativa do que foi, no evolver da nossa sociedade, este fecundo decennio.

DECADA FECUNDA

Podemos dizer que chegamos a este trecho da nossa rota com farta mésse de proveitos materiaes e moraes para a nossa cultura, cujo incremento visa, como escopo primacial, o programma inscripto nos Estatutos do "Centro". Assim, é que o nosso gremio, hoje instituição officialmente considerada de utilidade publica, logrou, ao attingir a sua primeira decada, possuir séde propria, conveniente installação para a sua bibliotheca, avantajada em perto de milheiro e meio de volumes; publicou 20 tomos da sua "Revista", nos quaes, como em precioso mostruario, se ostentam as mais variadas producções do belletrismo de nossa terra, em suas polymorphas manifestações; realizou 24 conferencias, sendo 17 da serie de

elogios dos patronos, ficando assim por estudar apenas 7, que são os das cadeiras ns. 1, 3, 8, 11, 12, 21 e 24— Amancio Pulcherio, Barão de Melgaço, João Severiano, José Barbosa de Sá, José Delfino, Ricardo Franco e Visconde de Taunay. Não pequena tem sido, por outro lado, a vantagem decorrente para o desenvolvimento cultural de nossa terra das "horas literarias", em grande numero promovidas pelo "Centro", bem como do constante intercambio de publicações e trabalhos com outros institutos do mesmo genero no país existentes.

CADASTRO SOCIAL

Acham-se presentemente preenchidas as 24 cadeiras do "Centro", tendo sido eleito, em sessão de 15 de Agosto ultimo, para a de n.º 11, vaga por haver transferido sua residencia para fóra do Estado, o socio que a occupara, o nosso illustre conterraneo Dr. Leonidas de Mattos, cuja posse se deverá effectuar brevemente.

Empossaram-se solemnemente nas suas cadeiras, no decurso do anno social que hoje finda, os sócios prof. Francisco Mendes, D. Maria de Arruda Müller e prof. Nilo Póvoas, recebidos pelos sócios desembargador Oscarino Ramos, profs. Philogonio Corrêa e Franklin Casiano, a 13 de Dezembro de 1930, 26 de Janeiro e 30 de Abril do corrente, respectivamente.

Foram escolhidos sócios correspondentes, na sessão de 28 de Dezembro do anno passado, os snrs. Luis Feitosa Rodrigues (Corumbá) e desembargador Henrique Soido (Rio) e na sessão de 8 de Março deste anno os snrs. Antonio Tolentino de Almeida (Rio Abaixo) e Arnaldo Serra (Campo Grande).

SESSÕES

Realizaram-se no anno social extincto 6 sessões do "Centro", a 7 de Setembro, 18 de Outubro e 28 de

Dezembro de 1930 e 8 de Março, 24 de Junho e 15 de Agosto do fluente, sendo nesta ultima eleita a Mêsá que, na conformidade dos Estatutos, hoje se integra nas suas funcções directivas para o periodo 1931-1932.

O ORGAM DO "CENTRO"

Continúa a ser editada com pontualidade a "Revista do Centro", cujo numero XIX-XX, correspondente aos dois semestres de 1931 já se acha distribuido desde o mês de Junho pp. Motivos de ordem economica determinaram a fusão dos dois tomos deste anno em um só, com o que, entretanto, em nada soffreu a publicação, pois que, ao invés de duas edições regulando, como de costume, 90 a 100 paginas, se deu uma sómente, com perto de 200, de farta e variada collaboração. O trabalho permanece a encargo das officinas profissionaes salesianas, que vêm se desempenhando satisfatoriamente do mesmo. Cogita a Directoria, por intermedio da Commissão de Redacção, em organizar o indice geral dos primeiros 20 volumes, o que virá facilitar as consultas e remissões á serie publicada.

SÉDE SOCIAL

E' com o maior contentamento que me incumbe registrar neste relatorio o feliz exito que veio corôar os nossos esforços de longa data empenhados no sentido de dotar o "Centro" de uma séde condigna e na altura da sua nobre finalidade. Como tive oportunidade de vos dizer, nas ligeiras palavras que, em nome do "Centro", proferi na grata oportunidade da installação da mesma séde na "Casa Barão de Melgaço", em bello festival realizado a 24 de Junho ultimo, compromettera-se o Governo a nos dar, por séde, o predio estadual da rua Joaquim Murтинho, tendo sido entaboladas, na administração Annibal de Toledo, as necessarias combinações de que

vos dei conta em meu ultimo relatório. Occorre, então, nesse interim, a providencial vinda a esta capital, como Secretario Geral do Interventor Antonino Menna Gonçalves, do nosso illustre confrade dr. Virgilio Corrêa Filho, com quem ficou desde logo assentada a restituição da "Casa Barão de Melgaço" ao fim que collimára o Governo Estevão Corrêa, quando, em 14 de Janeiro de 1926, attendendo a um pedido da nossa élite pensante, desapropriou aquelle prédio, até então pertencente a uma das herdeiras do glorioso titular.

E a 23 de Novembro do anno findo, data centenaria da chegada a Cuyabá do grande "bretão cuyabanizado", assignava o Governo, numa sessão memoravel, o Decreto n. 1 da Intervenção Federal, assim concebido :

N. 1 — O Interventor Federal no Estado de Matto Grosso, considerando que a data de hoje assignala o centenario da chegada a Cuiabá do grande Augusto Leverger, Barão de Melgaço, cujos serviços a Matto Grosso, na paz e na guerra, o sagraram vulto de inconfundivel destaque na Historia politica, administrativa e intellectual do Estado ;

Considerando que é mister manifeste o Governo, como legitimo reflector do pensar e sentir do povo, a sua adhesão e solidariedade ás commemorações promovidas pelo transcurso dessa memoravel ephemeride ;

Considerando que, por Decreto n. 718 de 14 de Janeiro de 1926, resolvera o Governo do Estado desapropriar a casa em que residiu e veio a fallecer o egregio bretão cuiabanizado;

Considerando que fôra a aquisição feita em attenção a um grande movimento popular, visando fazer perdurar na referida casa o mesmo ambiente de intellectualidade que alli existira em vida do bravo almirante e maior conhecedor das cousas mattogrossenses no seu tempo;

Considerando que tal finalidade não foi ainda alcançada, e o aproveitamento do predio para uma repartição estadual contrariou o objectivo dos promotores da idéa, a que o Governo emprestára o seu apoio, de ali installar, emquanto não fôr fundado o respectivo Museu Historico, o Instituto Historico e o Centro Mattogros-

sense de Letras, sodalicios que mantêm o culto civico como parte essencial do seu programma, tendo o Barão de Melgaço como um dos seus patronos,

RESOLVE :

- Art. 1.º — A "Casa Barão de Melgaço", sita à rua do mesmo nome e de propriedade do Estado, fica destinada, a partir desta data, a ser a séde effectiva do "Instituto Historico de Matto Grosso" e do "Centro Mattogrossense de Letras".
- Art. 2.º — O Governo, opportunamente, fará a cessão, em devida fórma, áquellas sociedades, do mesmo edificio, que, em caso de extincção das referidas associações, reverterá ao patrimonio do Estado.
- Art. 3.º — Revogam-se as disposições em contrario.

Palacio da Presidencia do Estado, em Cuiabá, 23 de Novembro de 1930, 42.º da Republica e 100.º da chegada de Leverger.

Antonino Menna Gonçalves.
Virgilio Corrêa Filho.

Essa medida, por si só altamente honrosa e dignificadora da administração que a pôs em pratica, teve o seu complemento na escriptura de 15 de Abril ultimo, passada em notas do tabellião João Pereira Leite, em virtude da qual tomou a cessão fórma juridica, perfeita e acabada.

Na actual administração do dr. Arthur Antunes Maciel, que vem revelando igualmente optimas disposições no tocante ao incremento das nossas sociedades culturaes, realizamos a mudança da séde do "Seminario" onde se encontrava ha dois annos, graças á fidalga obsequiosidade do nosso Presidente de honra, D. Aquino Corrêa.

O actual Interventor, bem como o seu Secretario Geral, hoje nosso confrade, dr. Leonidas de Mattos, tudo fizeram no sentido de facilitar-nos a mudança e instalação definitiva, tendo cedido os caminhões do Estado para o transporte gratuito, oferecido para a sala de receber meia mobilia, constante de nove peças, alem de uma secretaria e um armario para revistas e mandado

fazer a ligação da luz, cujo consumo nos assegurou, sem dispendio para o "Centro".

Recebeu também o "Centro" a oferta de uma bella tribuna, presente do nosso confrade professor Nilo Póvoas, que, aliás, a inaugurou brilhantemente com o seu discurso de recepção.

BIBLIOTHECA

Relativamente reduzido foi o movimento de obras na Bibliotheca, o que, em parte, se explica pela crise reinante, que nos obrigou a restringir as despesas, sendo, por outro lado, poucas as ofertas feitas.

Pela Secretaria do Governo, fôram, de ordem do dr. Interventor, reméttidas ao "Centro" varias e interessantes publicações, entre outras as memorias referentes ás questões de limites com as Guyanas Francêsa e Inglêsã. O total das obras que, pelo ultimo censo, era de 1002, se eleva a 1034, dando uma differença de 32 a mais, sendo que em volumes o accrescimo é o que se verifica desta demonstração: em 1930 — 1334

» 1931 — 1387

a mais 53

Continúa como encarregado da Bibliotheca e zelador da séde o sr. Joaquim M. de Mendonça, que se vem revelando exacto cumpridor dos seus deveres funcçionaes.

RELAÇÕES OFFICIAES

São as melhores, como aliás já ficou assinalado, as relações do "Centro" com os altos poderes do Estado, que, numa continuidade significativa, vêm demonstrando o seu apreço e interesse pela bôa marcha e desenvolvimento da mesma sociedade. Também com os institutos congeneres, do Estado e de fóra do Estado, vêm sendo mantidas cordiaes relações, postas de manifesto pela

constante troca de publicações e correspondencia que se entretêm com as respectivas directorias.

GESTÃO FINANCEIRA

Foi o ultimo exercicio bastante sobrecarregado de despezas, avultando as que tivemos de fazer para a installação da séde, com reparos no prédio, pintura, concerto e envernizamento do mobiliario etc. Ainda assim, e não obstante a crise, que determinou, muito naturalmente, decrescimo sensivel na receita, sobretudo na arrecadação das assignaturas da "Revista" e mensalidades dos socios, não offerece a nossa situação financeira desequilibrio que possa impressionar, e isso devido á subvenção do Estado que vem sendo regularmente paga, em duas prestações semestraes.

Do balanço junto, acompanhado dos respectivos documentos de receita e despeza, apresentado pelo nosso zeloso e competente procurador sr. Benedicto A. London, se colhem os dados que se seguem:

Receita	2:702\$000	
Despeza		3:211\$000
Saldo do anno anterior	3:278\$836	
Saldo que passa para o actual exercicio		2:769\$836

CONCLUSÃO

Ao concluir, meus caros amigos e confrades, esta rapida resenha do nosso movimento annuo, devo significar-vos, com muita sinceridade, o meu agradecimento pela alta honra que me conferistes, reelegendo-me mais uma vez para o primeiro posto de direcção, confiança a que buscarei corresponder envidando, dia a dia, com o mesmo entusiasmo e tenacidade do começo, o melhor

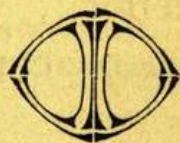
de minha energia a prol deste "Centro", que já é—podemos affirmar—o com o desassombro de quem proclama uma verdade—a mais alta expressão da nossa cultura, onde se congrega, tendo em mira um só ideal e uma só vontade por bussola, a flôr da mentalidade patricia.

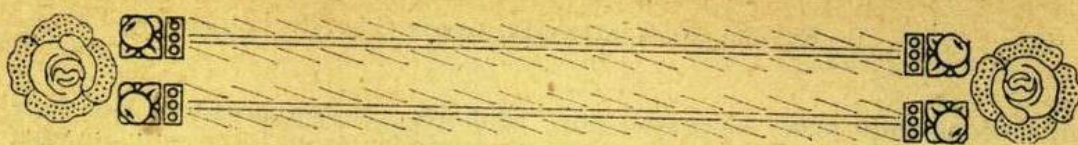
Nesta faustosa data, eu vos saúdo e congratulo-me comvosco, augurando, do imo d'alma, novas victorias para a nossa agremiação, para a grandeza de Matto Grosso e progresso do nosso caro Brasil.

Cuyabá, 7 de Setembro de 1931.

José de Mesquita

Presidente





Actas das sessões do Centro

Mattogrossense de Letras

Acta da 52.^a sessão ordinaria do "Centro Mattogrossensede Letras"

Aos vinte e oito dias do mez de Dezembro de mil novecentos e trinta, pelas nove horas, em sua séde provisoria no Seminario da Conceição, realizou o "Centro Mattogrossense de Letras", a sua 52.^a sessão ordinaria, correspondente ao alludido mez, tendo comparecido á mesma os socios Desembargadores José de Mesquita e Palmyro Pimenta, Doutor Oscarino Ramos, Tenente Coronel Antonio Fernandes de Souza, Professores Isác Póvoas, Franklin Cassiano da Silva e Francisco Mendes.

No expediente, após a approvação da acta anterior, foram lidos os seguintes officios: do Director da Secretaria do Governo, communicando que, por Decreto n.º 1, de 23 de Novembro proximo passado, ficou a casa "Barão de Melgaço", sita á rua do mesmo nome, destinada a ser a séde effectiva do "Centro" e do "Instituto Historico de Matto-Grosso"; do "Centro Mattogrossense", do Rio communicando a eleição da sua Directoria; da "Academia Carioca de Letras", pedindo uma relação dos nomes dos socios do "Centro"; dos Senhores Doutor Oscarino Ramos, Tenente Coronel Antonio Fernandes de Souza, Julio S. Müller, Emilio Calhão, José Joaquim Graciano de Pina Filho e Francisco A. Tavares, communicando a sua posse nos cargos de Juiz de Direito da Capital, Director da Thesouro, Prefeito Municipal, Director da Typographia Official e Chefe de Policia do Estado, respectivamente.

Foram approvados unanimemente os pareceres da Commissão de Ad-

missão opinando pela aceitação dos Senhores Desembargador Henrique Soido e Luiz Feitosa Rodrigues, como correspondentes no Rio e em Corumbá.

Pelo presidente foi marcado o dia 26 de Janeiro entrante para a posse da socia Dona Maria de Arruda Müller, sendo designado para recebê-la em nome da corporação o socio professor Philogonio Corrêa.

Antes de encerrar a sessão, o presidente dirigiu palavras de saudação ao socio professor Francisco Mendes, que, pela primeira vez tomava parte nos trabalhos da casa. Nada mais havendo a tratar, a sessão foi encerrada ás onze horas.

*José de Mesquita
Francisco Mendes
A. Fernandes de Souza
Oscarino Ramos
Isac Póvoas
Palmyro Pimenta*

Acta da 53.^a sessão ordinaria do "Centro Mattogrossense de Letras"

Aos oito dias do mez de Março de mil novecentos e trinta e um, pelas nove horas, em sua sede provisoria no Seminario da Conceição, realizou o Centro Mattogrossense de Letras, a sua 53.^a sessão ordinaria, correspondente ao referido mez, tendo comparecido á mesma os socios effectivos desembargadores José de Mesquita e Palmyro Pimenta, dr. Oscarino Ramos, professores Antonio Fernandes de Souza, Isac Povóas e Francisco Ferreira Mendes.

Sob a presidencia do primeiro e secretariado pelo segundo, foi aberta a sessão, lida e approvada a acta anterior, sendo dada em seguida, leitura do expediente em mesa, constante de officios do "Cenaculo Piauihyense de Letras", do "Centro de Sciencias, Letras e Artes", de Campinas, da "Associação Commercial de Cuiabá", e da "Phenix Caxeiral", de Fortaleza, communicando a posse de suas directorias e uma carta dos directores da "Revista Nova", solicitando o concurso do "Centro" para sua publicação.

Na ordem do dia, foram approvados os pareceres da Comissão de Admissão, concluindo pela aceitação dos nomes dos conhecidos literatos Antonio Tolentino de Almeida e Arnaldo Serra para correspondentes do "Centro" nas cidades de Santo Antonio do Rio Abaixo e Campo Grande, respectivamente.

Declarou-se, no fôrma dos Estatutos, vaga a cadeira numero onze, de que é patrono José Barbosa de Sá, passando o seu occupante, doutor Manoel Paes de Oliveira, para a classe dos correspondentes, visto ter a sua residencia fóra do Estado.

Foi marcado o dia trinta de Abril vindouro para a posse do socio professor Nilo Póvoas e designado para recebê-lo, em nome da corporação, o

socio professor Franklin Cassiano da Silva. A sessão foi encerrada ás onze horas.

José de Mesquita
Oscarino Ramos
Philogonio de P. Corrêa
Olegario Moreira de Barros
João Cunha
A. Fernandes de Souza
Francisco A. Ferreira Mendes
Nilo Póvoas
Allyrio de Figueiredo
Palmyro Pimenta

Acta da inauguração da séde do "Centro Mattogrossense de Letras" na "Casa Barão de Melgaço"

Aos vinte e quatro dias do mez de Junho do anno de mil novecentos e trinta e um, ás nove horas,, na casa "Barão de Melgaço", sita á rua do mesmo nome, numero cento setenta e sete, presentes o Excellentissimo e Reverendissimo Senhor Arcebispo Dom Aquino Corrêa, Presidente de honra do "Centro" e effectivo do "Instituto Historico de Matto-Grosso", o Excellentissimo Senhor Doutor Leonidas de Mattos, Secretario Geral do Estado, representando o Excellentissimo Senhor Doutor Interventor Federal, a Directoria do "Centro" e do "Instituto", altas autoridades e Excellentissimas familias e mais convidados, foi aberta a sessão pelo Excellentissimo e Reverendissimo Senhor Dom Aquino, que declarou installada a séde definitiva do "Centro" na mesma casa, cedida pelo Estado, em virtude do Decreto numero um, de 23 de Novembro de mil novecentos e trinta e escriptura publica de quinze de Abril ultimo.

Usou da palavra o Excellentissimo Senhor Desembargador José de Mesquita, Presidente do "Centro" e orador official do "Instituto", que proferiu uma oração allusiva ao acto, seguindo-se a execução da "hora literaria" organizada pelo "Centro" para commemorar aquelle evento.

Falou ainda o Excellentissimo Senhor Doutor Leonidas de Mattos, que, pelo Governo, se congratulou com as sociedades por aquelle acontecimento, encerrando a sessão o Excellentissimo e Reverendissimo Senhor Presidente de honra.

E nada mais havendo a tratar, eu, Palmyro Pimenta, segundo secretario do "Centro", fiz lavrar a presente que lida vai assignada por todos os presentes.

Francisco, Arcebispo de Cuiabá
Leonidas de Mattos
José de Mesquita
Philogonio de P. Corrêa
Allyrio de Figueiredo
Olegario Moreira de Barros
Ernani Guimarães
Major Severino Ramos de Queiróz
Pe. Theodoro Kolczycki
Edmundo de Macedo Ludolf

Eugenio Gonçalves Pinheiro
Waldemar de Carvalho, Representante do "O Tempo"
Pedro Laurentino de Araujo Chaves
Julio S. Müller
José Vieira do Amaral
Albano Antunes de Oliveira
Isac Póvoas
Theodorico R. Corrêa da Costa
José Nonato de Faria
João Calixto Bernardes
Joaquim Mariano P. de Carvalho
Firmino José Rodrigues
Nicanor de Pinho
Dr. Virgílio Alves Corrêa Neto
Catão das Neves
Juliano José da Silva
Aristides Theodoro de Arruda
Manuel Cruz
Bernardina Rich
João Franco da Fonseca
Maria de Arruda Müller
Francisco A. Ferreira Mendes
Maria L. Pimenta
Vera Corrêa de Almeida
Anna Emilia P. de Azevedo
Ignez A. Alves Corrêa
Hébe Corrêa de Almeida
Guilhermina de Figueiredo
Maria Benedicta Rodrigues
Nilza Verlangieri de Barros
Mary C. Mansur Bumlai
Bernardette das Neves
A. Cesario Neto
Nilo Póvoas
Lazaro Popczian
Antonio Fernandes de Souza
Antonio de Cerqueira Pereira Leite
Oscarino Ramos
Joaquim A. Monteiro de Mendonça
Francklin C. da Silva
Amelia Pereira Leite
Rita Pereira Leite
Benedicto Augusto London

Acta da sessão extraordinaria de eleição do "Centro Mattogrossense de Letras".

Aos quinze dias do mez de Agosto de mil novecentos e trinta e um, pelas nove horas, em sua séde social, realizou o "Centro Mattogrossense de Letras", a sessão extraordinaria de eleição da Mesa e Comissões que não de servir no periodo administrativo de 1931-1932, e bem assim, a escolha do socio que deverá occupar a cadeira vaga nº 11, de que é patrono José Barbosa de Sá, cujo occupante Doutor Manoel Paes de Oliveira passou á categoria de correspondente, por haver transferido a sua residencia para o Rio de Janeiro.

Compareceram á mesma os socios effectivos Desembargadores José de Mesquita, Palmyro Pimenta e Oscarino Ramos, Doutores Allyrio de Figueiredo e Olegario de Barros, Major João Cunha, Professores Philogonio Corrêa, Nilo Póvoas, Francisco Ferreira Mendes e Tenente Coronel Antonio Fernandes de Souza, tendo-se feito representar pelo Desembargador José de Mesquita os socios D. Aquino Corrêa e José Vila, pelo socio Desembargador Palmyro Pimenta os socios D. Maria de Arruda Müller e Doutor Miguel Mello e pelo socio Francisco Mendes, o socio Professor Isac Póvoas.

Lida e approvada a acta anterior, foi pelo 2º Secretario dado conta do expediente em mesa, constante do officio da Escola de Musica de Cuiabá participando a sua fundação; do Gremio Literario "Castro Alves," de Itará, (Bahia), do Gabinete de Leitura "Visconde de Taunay," de Bella Vista e da "Loja Acacia Cuiabana" communicando a posse de suas novas administrações, do Senhor Arnaldo Serra, agradecendo a sua eleição para socio correspondente do "Centro", do Senhor Doutor Antonino Ferrari, pedindo, em nome do "Centro Mattogrossense", do Rio, a opinião do Centro acerca da graphia de Matto-Grosso e da União Ibero Americana enviando para a bibliotheca varios numeros do seu orgão "Revista de Las Españas". O presidente accusou a offerta de publicações feitas pela Secretaria do Governo, de ordem do Doutor Interventor, e pelo socio Philogonio Corrêa e pelos Senhores Desembargador Pereira Leite e Miguel Pinto de Arruda.

Foi lida uma proposta firmada pelos socios Francisco Mendes, Nilo Póvoas, Allyrio de Figueiredo e Palmyro Pimenta, do nome do Doutor Leonidas de Mattos para a cadeira vaga nº 11, a qual foi concebida nos termos seguintes — « De conformidade com as bases dos Estatutos que regem o "Centro Mattogrossense de Letras" vimos propôr para o preenchimento effectivo da cadeira nº 11, cujo patrono é o nome fulgurante do saudoso conterraneo José Barbosa de Sá, óra vaga nesta sociedade belletrista, o Senhor Dr. Leonidas Anthero de Mattos.

Espirito scintilante de verdadeiro poeta, Leonidas de Mattos, desde os seus primeiros annos humanitarios, no Collegio Salesiano" nesta capital revelou-se um ardente cultor da arte parnasiana, collaborando então na "Revista Matto-Grosso," onde as suas produções em verso, de início se acentuavam excelsas, renunciando ao seu éstro peregrino, o triumpho de que hoje se orgulha. Jornalista, que o é e de delicado tacto, a sua penna adamantina na imprensa indigena, quer nesta capital como em Porto-Alegre, em cuja Faculdade de Direito se diplomou, sempre se manteve na altura condigna das letras, enriquecendo dest'arte a "Officina Literaria" do nosso Matto-Grosso que, presentemente desfructa o filial carinho de sua orientação justiceira e progressista.

Orador imaginoso e eloquente, os seus discursos como todas as produções literarias mantêm sempre o culto da belleza da forma, a par dum estylo cuja sublimidade deixa transparecer a delicadeza do lavor que só um artista pôde produzir.

Por taes titulos, o "Centro Mattogrossense de Letras" poderá ufanar-se justamente de receber no seu seio o Doutor Leonidas Anthero de Mattos cujo nome propomos ao suffragio dos dignissimos confrades desta sociedade belletrista.

Sala das sessões do "Centro Mattogrossense de Letras" em Cuiabá, 15 de Agosto de 1931. (a) Francisco Ferreira Mendes, Nilo Póvoas, Allyrio de Figueiredo e Palmyro Pimenta. — Procedeu-se em seguida aos escrutínios regulamentares, por se ter verificado numero legal para a votação, tendo si-

do apurado o resultado seguinte: Para Presidente: Des. José de Mesquita, 12 votos e Major João Cunha, 1 voto; para Vice Presidente: Des. Palmyro Pimenta, 12 votos e Des. Oscarino Ramos, 1 voto; para 1º Secretario: Professor Philogonio Corrêa, 13 votos; para 2º Secretario: Dr. Allyrio de Figueiredo, 13 votos; para Thesoureiro: Professor Franklin Cassiano da Silva, 13 votos; para membros da Comissão de Redacção: D. Maria de Arruda Müller e Professor Nilo Póvoas, 13 votos cada um, Des. Oscarino Ramos, 12 votos e Dr. Miguel Mello, 1 voto; para membros da Comissão de Admissão: Dr. Olegario de Barros e Tenente Coronel Antonio Fernandes de Souza, 12 votos cada um, Professor Francisco Ferreira Mendes, 13 votos, Dr. Miguel Mello, 1 voto e Dr. Allyrio de Figueiredo 1 voto; para membros da Comissão de Finanças: Professor Isac Póvoas e José Raul Vilá, 13 votos cada um, Major João Cunha, 12 votos e Dr. Miguel Mello, 1 voto.

Para preenchimento da cadeira nº 11, foi eleito, por unanimidade, o Doutor Leonidas Anthero de Mattos. O Presidente agradeceu em seu nome e dos seus companheiros, a honra da reeleição e designou uma Comissão composta dos socios Drs. Olegario de Barros e Allyrio de Figueiredo e Professor Francisco Ferreira Mendes para levarem as novo socio Doutor Leonidas de Mattos a noticia da sua eleição e as congratulações do "Centro" pela sua feliz escolha. A sessão foi encerrada às 11 horas.

*José de Mesquita
Philogonio de P. Corrêa
Franklin C. da Silva
Olegario Moreira de Barros
Antonio Fernandes de Souza
Major Severino Ramos de Queiroz
Isac Póvoas
Catão das Neves
Maria de Arruda Müller
Bernardina Rich
Alzira Valladares
Elza Duarte Monteiro
Carbia Guimarães de Mattos
Mary C. Mansur Bumlai
Aureolina Eustacia Ribeiro
Iame Boabaid
Benedicto A. Landom
Palmyro Pimenta*

Acta da sessão de posse da Directoria eleita para o período de 1931 a 1932.

Aos sete dias do mez de Setembro de mil novecentos e trinta e um, pelas 16 horas, na sede social "Casa Barão de Melgaço," realizou-se a sessão de posse da Directoria eleita para reger os destinos do "Centro Mattogrossense de Letras" no período de 1931 a 1932. Compareceram á mesma os socios effectivos desembargadores José de Mesquita e Palmyro Pimenta, D. Maria de Arruda Müller, dr. Olegario de Barros, professores Philogonio Corrêa, Isac Póvoas e Franklin Cassiano, Tenente Coronel Antonio Fernandes de Souza e o socio correspondente Major Severino Ramos de Queiroz, alem de uma commissão representante do "Gremio Julia Lopes" e mais pessoas convidadas.

Lida e approvada a acta da sessão de eleição, foram pelo desembargador Presidente declarados empossados nos seus cargos os membros da Directoria, cujos nomes se seguem: Presidente — desembargador José de Mesquita; vice-Presidente — desembargador Palmyro Pimenta; 1º secretario — prof. Philogonio Corrêa; 2º secretario — Allyrio de Figueiredo; e thezoureiro — prof. Franklin Cassiano da Silva. Da mesma forma, foram empossados os membros das comissões eleitas.

Foi lido, em sessão, um telegramma do socio desembargador Oscarino Ramos, enviado de Corumbá, congratulando-se com o "Centro", na pessoa do seu eminente Presidente, pelo anniversario do "Centro." Em seguida o Exmo. Snr. desembargador José de Mesquita, Presidente do "Centro", leu o seu minucioso relatorio, dando conta das occurencias havidas no anno social findo. Porfim, ao encerrar o sessão, agradeceu o Sr. Presidente a presença das pessoas que assistiram ao acto, com especial menção á delegação do "Gremio Julia Lopes", congratulando-se, em seguida, com a socia D. Maria de Arruda Müller que, pela primeira vez, tomava parte nos trabalhos e se empossara na Comissão de Redacção da Revista, para a qual fôra merecidamente eleita. E, sem mais nada a tratar, encerrou-se a sessão, ás 17 horas.

José de Mesquita
Philogonio de P. Corrêa
Francisco A. Ferreira Mendes
Allyrio de Figueiredo
Oscarino Ramos.



* * BIBLIOGRAPHIA * *

I

Dom F. de Aquino Corrêa

" DEUS E PATRIA "

Escolas Profissionais Salesianas—Cuiabá—1931.

O eminente prelado Dom Aquino Corrêa tem-se destacado, entre os principes da Igreja, brasileiros, pelo denodo e brilhantismo, com que expõe o seu pensamento relativamente ás mais graves questões da hora presente. Não ha muito, tivemos a honra de inserir nesta revista a memoravel oração por s. exc. proferida como paranympo das professorandas mattogrossenses, verdadeira lição moral, em que foram profligados com vehemencia os impudicos concursos de belleza. Agora recebemos do preclaro arcebispo de Cuiabá o volume em que, sob a epigraphé *Deus e Patria*, está impressa a sua "Carta Pastoral sobre a actual situação politica do Brasil".

Conforta-nos ouvir, nestes momentos de tribulação e desasocêgo, a palavra do alto pastor catholico. E' uma palavra serena, ungiça de piedade christã, portadora de consolação e de esperança. Bem o exprime, logo no exordio da sua peça doutrinaria:

«O Brasil, de facto, recem sahido de uma revolução, que lhe abalou profundamente toda a estructura politica, atravessa neste momento uma noite como aquella de que nos fala Isaias, na qual populações afflictas, como outróra ao propheta, dirigem hoje a cada um dos videntes e sentinellas da Jerusalem nova, que é a Igreja Catholica, a pergunta anciosa e apprensiva: «O' guarda, que nos dizes desta noite?» *Custos, quid de nocte?*

A noite é sombria. Perpassam espectros agouzeiros, dos quaes tres são principalmente ameaçadores, segundo a palavra archiepiscopal: «Tres males capitaes definem, a nosso ver, a situação actual do Brasil: o enfraquecimento do principio de autoridade, a carencia de lei constitucional e a infiltração communita.» E sobre cada um delles se manifesta o egregio sacerdote, em conceitos de alta sabedoria. Para o espirito catholico a autoridade é um elemento divino na sociedade humana: *non est enim potestas nisi a Deo*.

«Acha-se a nação sob o regimen duma revolução triumphante. E que outra coisa é a revolução, senão uma offensiva armada contra a autoridade? E que é uma revolução victoriosa, senão a que depoz a autoridade, abalando assim este principio basico de todo o edificio publico?» Não ha a distinguir, prosegue o doutrinador, «entre revoluções licitas e illicitas»; a mentalidade popular não attinge certas subtilezas, e o effeito de qualquer desses movimentos é nefasto e desastroso: «em seguida ás revoluções atravessam os paizes um periodo mais ou menos longo de convalescencia, que inspira receios e requer os maximos cuidados.»

Ha uma razão fundamental para essa duradoura phase critica: «é que, desprestigiado o principio da autoridade, se estabelece, por assim dizermos, um como plano inclinado para os excessos da força, quer por parte dos governantes, quer dos governados, o que tudo é um caminho aberto para a desordem das reacções militares e dos pronunciamentos.»

Ninguem encontrou, até hoje, uma expressão tão verdadeira, na sua synthetica serenidade, para condemnar a aventura dessas rebeldias contra os poderes publicos!

Após o estudo do primeiro dos "tres males", passam as ponderações de Dom Aquino a girar em torno ao segundo — a falta de lei constitucional. «Esta lei (escreve s. exc.) em verdade, a Constituição, como o está indicando o seu proprio nome, derivado de uma suggestiva analogia com a compleição dos organismos phisicos, é o que ha de mais intimo e vital, nessas grandes organizações moraes, que são os paizes. Ella é que os faz, constitue e organiza. Ella é a que fixa os direitos e deveres das suas autoridades, concretizando a propria soberania nacional, na pessoa do Chefe de Estado. Ella, émfim, o que representa para o cidadão, a mais segura garantia dos seus direitos e da sua tranquillidade.»

Nesse eloquente elogio á Constituição, já estaria a prédica sufficiente em pról do seu restabelecimento. Dom Aquino Corrêa discorre, porém, prodigamente sobre o momentoso thema, sa-

bendo naturalmente que para os hereges do civismo a exuberância do discurso é tão necessária como para os hereges da religião. Expõe os flagellos a que se arriscam os povos e as nações sem o escudo de uma constituição; refere-se em these, tendo restricções, quanto ao nosso pacto de 24 de Fevereiro de 1891, que «foi o decreto summario do banimento de Deus do seio de uma nação catholica»; sem deplorar a abrogação daquella constituição impia, deplora a permanencia do Brasil neste longo periodo sem outra que a substitua. Cita varios topicos de Ruy Barbosa a proposito da nossa antiga lei magna, para concluir:

«Comtudo, se foi um bem abolir tal Constituição, não é um bem, senão antes um grande mal, que permaneça o Paiz sem lei constitucional. Republica sem lei constitucional, é sempre comparavel a um corpo em que se relaxaram os principios da vitalidade organica, com perigo de se decompôr e dissolver.»

O terceiro mal, que no momento é uma consequencia visivel dos dois primeiros (opinião nossa, e não do eminente Arcebispo), é a agitação communista. Dom Aquino estuda proficientemente as origens da questão social, até a recente eclosão do bolchevismo russo. Antes de entrar na parte de exhortação religiosa, preconizando o "Divino Remedio", encerra o digno prelado as suas considerações com o seguinte paragrapho:

«Podemos, pois, recapitular e concluir que o Brasil é hoje um paiz, onde, combalido o principio da autoridade, mais domina a força que o direito; um paiz sem constituição, que entregue ao poder discrecionario dos seus governantes, pode facilmente descambar para o absolutismo; um paiz, emfim, que depauperado na sua economia, acha-se francamente exposto á invasão deleteria do bolchevismo e da anarchia.»

* * *

O *divino remedio* será a diffusão do espirito religioso na alma do povo. Pareceu ao eminente prelado symptoma animador o decreto do governo provisório instituindo o ensino religioso nas escolas. «Não que o decreto do ensino religioso represente, para o catholicismo, triumpho algum sobre as demais religiões. Ao contrario. Se a exposição de motivos, que precedeu o decreto, o eleva e põe em justo destaque, o decreto, em si mesmo, rebaixa-o numa promiscuidade humilhante com todos os erros. Assim é que a Igreja bem poderia repetir aqui a palavra do psalmista: *elevans allisisti me.*»

Observa o phenomeno expressivo de haverem todas as outras religiões, em causa commum com os atheus, combatido o decreto. E' o tacito reconhecimento de que só o catholicismo reunirá os

vinte alumnos de cada classe, necessarios para a aula de religião.

E prosegue: «Mas, afinal de contas, que ha nesse famoso decreto, de que se possa causar a guerra entre religiões? Qual o privilegio odioso, que ahi se confere a nenhuma dellas? E no que toca especialmente ao catholicismo, qual a prerogativa, que dahi lhe decorre? Muito pelo contrario. Quereis ouvir uma verdade, que vos parecerá, á primeira vista, um paradoxo? Eil-a: no conceito official do Governo, *ex-vi* do Decreto de 30 de Abril, a situação da Egreja catholica tornou-se, de alguma fórma, peor agora, do que era dantes. E a razão é simples: antes, o Governo não reconhecia nenhuma religião; mas agora reconhece que o catholicismo é igual ao protestantismo, ao judaismo, ao mahometismo, emfim, a qualquer superstição existente por esse mundo afóra. Eis ahi as regalias que conquistámos! Não, o que a Egreja ganhou com esse decreto, ganharam-n'o todas as religiões, e foi um pouco mais de liberdade.»

* * *

Parece a Dom Aquino Corrêa que o decreto do ensino religioso foi já um passo na approximação entre a Igreja e o Estado. «Mas esse decreto, como sabeis, é de natureza precaria. Nada mais facil que revogal-o.» «A nova Constituição da Republica é que vae fixar, definitivamente, entre nós, a situação politica da religião, orientando assim os destinos espirituaes do Brasil, ou para a noite do cháos social, ou para a gloria de uma alvorada.»

Entra, pois, a exhortar os cidadãos catholicos a que se preparem para o exercicio do voto, no pleito em que se terá de eleger a Assembléa Constituinte. Devem escolher representantes «cujas idéas sejam o penhor de que nos darão uma carta constitucional promulgada em nome de Deus, e firmada na autoridade da sua infinita soberania.»

Não nos parece que o eminente e preclaro Arcebispo propugne a união da Igreja ao Estado. Entre a religiosidade da lei basica, promulgada em nome de Deus, e o antigo regalismo do Brasil catholico, vae alguma distancia. Em varios lances da sua Pastoral, deparam-se-nos conceitos expressivos de sua reserva naquelle ponto. Depois de explicar o que foi o *atheismo brônco* da primeira Republica, frisando bem que — «a separação entre a Egreja e o Estado, nem mesmo a liberdade de cultos, querem dizer atheismo official», continúa:

«Este é sempre condemnavel, ao passo que o regimen da separação, como sabeis, pode ser licito e conveniente: é hypothe-

se, que não repugna aos principios theologicos, mas nelles perfeitamente se enquadra. *Tal foi o caso do Brasil republicano, onde a separação resultou mais benefica, do que a união vigente na monarchia* » (o gripho é nosso).

«Verdade é que se deveu isso, em grande parte, ao contraste entre as duas situações, sendo que no imperio já não existia verdadeira união, mas uma absorpção sempre mais pretenciosa da Igreja pelo Estado. Ora, está claro que a essa união, na dependencia e na pressão, é mil vezes preferivel uma separação, na independencia e na liberdade. Em todo o caso, não se pode negar que foi util ao Brasil a separação dos poderes. »

Note-se que, depois de consignar haver sido util á Igreja a separação, o autorisado escriptor affirma que foi tambem util ao Brasil esse regimen. O pensamento de Dom Aquino cifra-se, pois, na reintegração das formulas catholicas no texto constitucional, na disseminação do espirito religioso no seio dos dirigentes e sobre a massa da população.

Eis o unico remedio, o *divino remedio* para os gravissimos males da nossa actualidade.

A Carta Pastoral do illustre Arcebispo de Cuiabá é um documento consolador e edificante. Deve ser lida e meditada por todos os brasileiros, catholicos ou não. E' um brado civico, sendo um memento religioso.

VEIGA MIRANDA.

(D' "O Commentario")

II

"NO PAÍS DAS CARNAÚBAS"

D. Martins de Oliveira.

RIO—1931.

Conheci Martins de Oliveira pouco mais que um menino, cursando humanidades no Lyceu Cuyabano. Em 1925, (já lá se vão sete annos!) veio-me elle, com Oreste Miraglia, pedir para patrocinar, como presidente do "Centro Mattogrossense de Letras", a fundação de uma sociedade de moços que foi o "Gremio Castro Alves", installado a 22 de Abril desse anno.

Após esse primeiro contacto, o "Dozinho", como era mais conhecido na intimidade, passou a procurar-me sempre e muitas vezes entretivemos animada palestra, versando assumptos de arte e cousas do pensamento.

Pude acompanhar-lhe, dest'arte, o pendor natural e decidido para as letras, o estro espontaneo e vivo, o gosto pelos bons auctores e, sobretudo, as scintillações do espirito, cheio da nobre sêde de saber.

E' por isso que hoje, ao ter de exarar, nas ligeiras columnas deste rodapé, as impressões que me causou a leitura do seu livro de estréa "No país das Carnaúbas", eu me sinto assim preso da commoção muito explicavel do "padrinho" que vem a publico dizer do primeiro filho do seu "afilhado", uma especie assim—vá lá que se diga—de apresentação de um neto... espiritual. A vida nos traz dessas contingencias, quando nos abeiramos dos 40 annos e começamos a vêr os fructos de uma geração que já não é mais a nossa e sim a que se destina a succeder-nos, na lei natural e inevitavel dos cyclos evolutivos...

* * *

Optimo fructo sertanejo, saudavel e saboroso, este que, como mimo da sua formatura, nos offerece Martins de Oliveira. Bem exprime o livro, publicado na mesma occasião em que se investiu o auctor no seu diploma bacharelício, que, de par com a sua formatura em direito, acabava de processar-se igualmente a formação da sua mentalidade vigorosa de homem de letras.

«No país das Carnaúbas» revela um escriptor feito e formado. E' uma obra de estréa a que se póde, sem lisonja ou favor, ajustar o conceito de obra de mão cheia. Não vale, como em geral succede com os trabalhos com que se «lança» um escriptor, por simples esperanza, e sim por uma affirmação real de talento e de proficiencia na technica do assumpto versado.

Duas extranhezas acodem, desde logo, á leitura do livro. Uma, a de como poud Martins de Oliveira, tão cêdo arrebatado ao meio nativo, conservar nitidas as impressões que ora transforma em formosos quadros desenhados ao vivo, de scenarios e typos do valle do S. Francisco. Outra, ainda mais desconcertante, a de haver o jovem contista conseguido no ambiente empolgante da cidade - mulher, enfeitçadora e linda, que é o Rio, emancipar-se ao seu influxo absorvente, para nos dar como resultado de cinco annos de vida carioca, essa deliciosa e sumarenta "fruta do matto," que floriu e viçou entre o asphalto das avenidas e os focos de luz dos cafés e dos cinemas... Prodigio de reacção contra o meio, revela o livro, por outro lado, aquella poderosa lei psychologica da durabilidade e nitidez das primeiras impressões, das impressões definitivas, que são as da infancia e da adolescencia, através das quaes nós ficamos "vendo" o resto da vida. "Deomar Barrense" reflecte, no seu livro, como num

kaleidoscopio vivo, toda a paisagem maravilhosa do valle historico do grande rio central — o rio brasileiro por excellencia — e os costumes curiosos e pinturescos da "Barra" — a cidade natal, linda e acariciante, que dorme no fundo de todos nós, como a Ys, da lenda renaniana, que, em meio aos clamores do vasto oceano, faz ouvir, mysterioso e doce, o tanger dos seus sinos, nas horas de evocação e de saudade. Qual de nós, longe da terra do berço, não terá, "sentido", profundo e suggestivo, esse rebate que nos desperta, da vida ambiente real, para a vida subjectiva e *mais vivida*, da evocação e do sonho? Foi nessas horas, certamente, que Martins de Oliveira, alheio ao encanto da Cinelandia rumorosa e ao *brouhaha* das ruas, olhos postos na sua "Barra" querida fez este livro sertanejo. E bem se vê que procurou seguir o preceito bilacqueano:

No aconchego
Do claustro na paciencia e no socego
trabalha, e teima, e lima, e soffre e súal

* * *

Dos nove contos de que se compõe a obra, "Vaquejada" é, a meu ver, o melhor: como expressão, melhor ainda pelo seu character "typico", fiel como a mais perfeita photographia. "Pinga-Fogo" e "Zabelé" são criações que ficam, porque *existem*.

Quem já andou pelo sertão ou conviveu com a bôa gente caipira, ha de, por força, na memoria, reviver, á leitura desse conto, um José « destemido e solto como um mamote nas cátingas » e uma Isabel de olhos « que eram pussás », que « só faltava vôar no baião e no batuque era a que peneirava mais fino. »

O dialogo é vivo e realiza o ideal da naturalidade, que consiste em retratar, com minudencia, em toda a sua belleza, o linguajar do matuto, cheio de um symbolismo expressivo, que escapa aos que não o sabem observar. O desfecho nada deixa a desejar. Assignando "Vaquejada" — e nem precisava mais — o auctor do "No País das Carnaúbas" se apresenta munido de passaporte franco e armado cavalleiro nas letras regionalistas. Mas, além de "Vaquejada" o livro possui outros trabalhos admiraveis, e baste citar "Vida de barqueiro", de forte colorido, "Flor do matto", delicado e suggestivo, O "Milagre" e "Maria Tostão", dolorosos nos seus humanissimos temas... O ultimo conto da serie, "Resurreição dos bandeirantes" focaliza um aspecto sociologico e um quadro historico impressionantes: — o exodo dos sertanejos do valle sanfranciscano, « na febre inquietante de aventura », rumo aos garimpos de Matto-Grosso, ao Eldorado do Rio das Garças... Depois, é a atração do "ouro verde" paulista que

arrasta os bahianos do S. Francisco. Mas, com pouco, voltam desiludidos—os que pódem voltar—acommettidos da nostalgia do «rio de aguas barrentas, onde se apanha facilmente o peixe para viver, com menos luta, com muito menos ambição, com muito menos dissabor... em sua terra! »

Fecha-se, assim, o livro com um "motivo" profundamente brasileiro, podendo-se dizer que, da primeira á ultima pagina, todo elle freme, palpita, infla-se de um sopro sadio de nacionalismo e brasilidade. E creio que dito isto, fica feito o melhor elogio ao livro de estréa de Martins de Oliveira, a quem daqui envio o meu commovido abraço de parabens.

Cuyabá, Janeiro MCMXXXII.

JOSE' DE MESQUITA.

III

RYTHMOS DE FÉ E AMOR

Melesio de Paula, poeta bahiano, podia com muita exactidão insculpir em ouro, no portico do MEU BRASIL, os versos do *Montagnard emigré*, de Chateaubriand:

O' mon pays, sois mes amours
Toujours,

porquanto, os bellos canticos nelle encerrados, formam um hymnario fremente, em louvor da patria estremecida.

Realmente, a fonte essencial da inspiração do MEU BRASIL é o amor da terra natal, entretecido de uma confiança, quasi inaudita, na predestinação luminosa da nossa raça.

E' um livro de entusiasmo e sinceridade, sonoro e scintillante, que no momento da dolorosa expectação moral que atravessamos, torna-se opportuno pelo seu salutar ensinamento civico e suave consolação espiritual que nos concede.

Todos sabemos de sobejo que o facto mais inconsistente e illusorio em a nossa vida de povo civilizado, é o apregoado civismo de fancaria, apenas, exteriorizado, com apparato de atordoante alacridade, em festividades pomposas, sem finalidade eugénica nos destinos da nacionalidade.

Defeito inveterado, consequente da nossa formação cultural, que desde a escola primaria conduz o menino, como parte especie, na compreensão falsa do valor real da existencia; como

integração de uma collectividade, no conhecimento falho do verdadeiro alcance das nossas possibilidades e, ao depois, já no meio social adquirindo hábitos de enganoso fastigio e fraquezas moraes que desventurosamente, se impõem como o processo adequado e lidimo para a ascensão na luta da vida, o individuo, após multipas decepções e desenganos, tem para com a patria, a attitude de um nostalgico abatido de amarga e melancolica desillusão.

Ora, o civismo deve ser uma fonte de energias creadoras.

Por isso, sempre considere que no lar ou na escola, o fito principal do preceptor é, com o inculcar no espirito do alumno o conhecimento exacto da nossa realidade como povo, encaminhar a educação da vontade procurando despertar-lhe as energias latentes que traçando as linhas do çaracter eclode a confiança no proprio valor individual.

A vontade, como quer Alengry, por ser o elemento essencial da personalidade, o traço distinctivo do caracter, é como a razão, o proprio homem.

O homem é o ideal, a vontade realizando. E assim é indiscutivel que, individualmente, elle vale pela vontade creadora, se dignifica, no scenario maravilhoso da vida, pelo ideal santo que realiza em pról da humanidade.

Mas todo o ideal, toda a realização é o reflexo de uma inflexivel perseverança; a illuminação de uma fé nutriz, da sciencia ou da revelação.

Dest'arte só creio, e com justificavel razão, que a vontade é rigida e creadora quando fortalecida pela confiança que dimana da fé.

Por isso com acerto fallou Fierens de Gevaert, na sua TRISTEZA CONTEMPORANEA, considerando a desolação e a descrença espirituas do seculo, que só a fé pode curar o mundo.

* * *

E' partindo dessas considerações, que dou ao MEU BRASIL duplo valor: como obra de educação e arte; de fé e amor.

Porque, o MEU BRASIL com ser um livro de exaltação da nossa grandeza, das nossas divicias naturaes, das nossas possibilidades, é, em principio, um livro unguido da fé augusta que edifica.

Da leitura dos seus versos, depreende-se logo, que espiritualista, Melesio crê no aperfeiçoamento do individuo e da collectividade, não só como um producto do labor perenne da intelligencia e do esforço, mas tambem como uma emanação da bondade consoladora de Deus.

< Amo-te, pela tua firme e intelligente Fé :
Crês em Deus; mas tambem crês fortemente em ti;
Em teus musculos de Athleta. >

Já Emerson, nos seus ENSAIOS, havia registado, como respondendo a uma consulta da nossa duvida espiritual:

Trust thyself: every heart vibrates to that iron string. (Confia em ti mesmo: e todo coração vibre nesta corda de ferro).

Nos CONSELHOS DE VELHA AMIGA o poeta confirma:

«Tem Fé, que, após o inverno, vem risonha a primavera,
Confia em Deus, na tua lucta! Em Deus espera,
Irmão, sê crente».

E' a confiança do crente; o estado espiritual do homem de fé, a postura serena dos fortes, em face da vida, ainda mesmo nos seus lances dolorosos. Não no conturbam as duvidas e inquietações de Hamlet, nem as preocupações tristonhas de Manfred, porque a existencia em todas as suas manifestações tem, para o crente, a luminosidade da alegria, da paz e da serenidade.

E, como um iluminado, o poeta crente exulta:

Creio no teu futuro!
Jamais prestei ouvido á voz desalentada
De sombras tristes, que se arrastam nas cavernas
Do negro pessimismo!

.....
Abafe-se o grasnar de corvos agoirentos!
Aqui, de frente erguido em alta vozes, diante,
Do eterno Creador, no altar da natureza,
Eu faço o meu sincero Acto de fé: eu creio!
Creio em ti, meu Brasil!

Todos os grandes poetas, em todas as épocas, revelaram o sentimento de carinhoso affecto para com a patria, perpetuando-a, em versos immortaes.

France! ó belle contrée, o terre genereuse,
Que les dieux complaisants formaint pour être heureuse...

cantou André Chenier; e Bilac, em rythmos de luz, fundiu com deliciosa ternura a sua alma na alma patria :

«Patria, latejo em ti, no teu lenho, por onde
Circulo:

.....
Vivo, choro em teu pranto; e, em teus dias felizes
No alto, como uma flor, em ti, pompeio e exulto!»

Mas o que agrada e encanta, no MEU BRASIL é a fé que irradia, em sonoridades metallicas, dos seus canticos de enthusiasmo e amor.

São versos desses jaez que se devem ensinar ás creanças brasileiras para fortalecendo o amor á patria, despertar-lhes o interesse e a fé no destino radioso da nossa nacionalidade.

* * *

Como inspiração secundaria do MEU BRASIL, Melesio cinzela no rythmo do verso, as reminiscencias da infancia e do lar, scenas da tradição local, em cuja narração imprime as multifarias suggestões que nos despertam a polychromia, a musica, da nossa miraculosa natureza, salientando-se pela sentimentalidade do seu doce lyrismo, O MEU LAR.

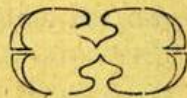
Deus! Tem dó dos pobresinhos
Que não têm, na dor da vida,
Mãos de esposa ou mãe querida
Em que possam descançar
A alma ferida.

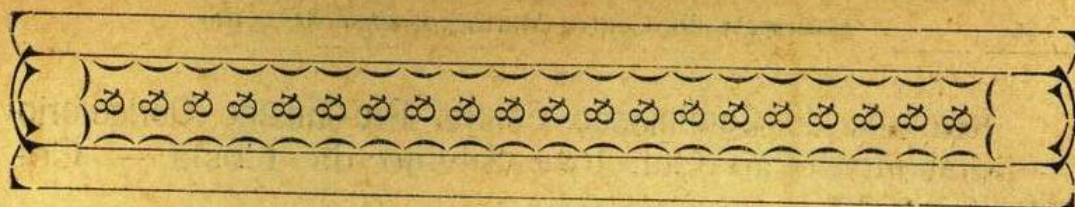
Melesio é, realmente, um lyrico, exprimindo sufficientemente, as objectivações do sentimento, suggerindo com vigor, a exemplo do VELHO SINO, em que se destacam quadros de inegavel poder descriptivo.

A linguagem do MEU BRASIL é movimentada, predominando entretanto, no A., o gosto por certas expressões caracteristicas do velho romantismo «Antros avernaes» «Tartareos horrores» que afinal não maream o brilho da obra.

O MEU BRASIL não é, por certo, um trabalho sem restricções; mas o que se não pode discutir é não seja elle a affirmacão do talento de um poeta excellent: de vigorosa imaginação, estimavel pela grandeza do seu patriotismo, do seu amor e de sua fé.

ALCINDO DE CAMARGO.





PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

RECEBEMOS E AGRADECEMOS:

I — *Livros e Folhetos*

D. Aquino Corrêa — Deus e Patria — Carta pastoral — Cuiabá 1932.

D. Aquino Corrêa — Um Patriarcha — elogio funebre do P. P. Rinaldi — S. Paulo 1932.

José de Mesquita — Attentado contra a Justiça — Cuiabá — 1932.

Bernardino de Souza (Prof.) — A Faculdade de Direito da Bahia em 1932 — Bahia — 1932.

A. Tolentino de Almeida — A Retirada da Laguna — Cuiabá — 1931

Severino de Queiroz — Formulario Ortografico — Cuiabá — 1931

Relatorio da Commissão Central Pro-Ensino Obrigatorio
— apresentado ao Cel. José Silvino da Costa — Co-
rumbá—1932

Primeiras Conferencias Episcopaes da Archidiocese de
Cuiabá — S. Paulo — 1932

Boletim do Departamento do Trabalho Agricola — pu-
blicação official — S. Paulo — 1932

II — *Revistas*

Revista da Academia Brasileira de Letras — n.^{os} 107 a 126

Revista da Academia Sergipana de Letras — n.^{os} 1 e 2

Revista Matogrossense de Contabilidade — Cuiabá

Folha da Serra — de Campo Grande

Revista Militar Brasileira — vol. XXX — Rio — 1931

A Violeta

O Pequeno Mensageiro { de Cuiabá

III — *Jornaes*

Gazeta official

O Matto-Grosso

A Cruz

O Momento

A Penna Evangelica

A Plebe

} de Cuiabá

Diario Corumbaense

O Diario da Manhan

{ de Corumbá

A Republica — de Campo Grande

O Tres Lagoas

Gazeta do Commercio

{ de Tres Lagoas

A Razão — de Caceres

O Araguaya — de S. Rita